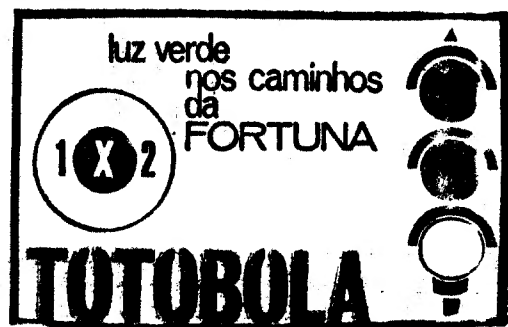


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 1971 N.º 17 506 ANO 51.º PREÇO 1\$60



Nova estrutura de transportes na «grande Lisboa»

reconizada na reunião da Câmara

«Os transportes colectivos da cidade constroem, a médio prazo, o maior problema de Lisboa e não parece que a solução satisfatória possa ser encontrada com as estruturas actuais» — afirmou hoje o eng. Santos e Castro, na reunião pública do Município que teve a presença de onze prefeitos.



Vinte e seis candidatos, entre eles um Licenciado em Direito Canónico, começaram esta manhã a prestar provas de admissão a um estágio peculiar: para bibliotecários, arquivistas e documentalistas. A falta de pessoal qualificado no sector é considerada aguda pelos responsáveis. (Ler na página 8)

O HERDEIRO DO TRONO NA ROYAL NAVY

O PRÍNCIPE CARLOS, herdeiro do trono inglês, depois de ter obtido as asas de piloto da Royal Air Force, foi agora admitido na Royal Navy. (Ler na página 15)



Sob o caso chegou a afirmar:

«Duas perspectivas dominam o problema, com sintomas já muito sensíveis nos dias de hoje: o número crescente dos que, trabalhando em Lisboa, habitam fora do concelho e as imitações que o futuro virá fatalmente a impor à circulação e ao estacionamento dos automóveis privados em zonas mais centrais da cidade. O primeiro aspecto está a transformar em transporte urbano aquilo que ainda se insiste em considerar como suburbano; o segundo começa a solicitar uma densidade de circulação que supere pela eficiência a deslocação em viatura própria. É a «grande»

(Continua na última página)

ESPAÑHÓIS INCENDIARAM AS CASAS ONDE VIVIAM OITENTA PORTUGUESES

OVIEDO 16 — (F. P.) — Certamente devido a fogo posto arderam na terça-fei-

ra seis casas onde viviam oito famílias de operários portugueses na localidade de Dedadas, nos arrabaldes de Oviedo.

O jornal «Nueva España», que dá a notícia, diz que moravam ao todo nas casas sinistradas oitenta pessoas, na sua maioria crianças de tenra idade, que ficaram sem todos os seus haveres.

Foram tratadas no hospi-

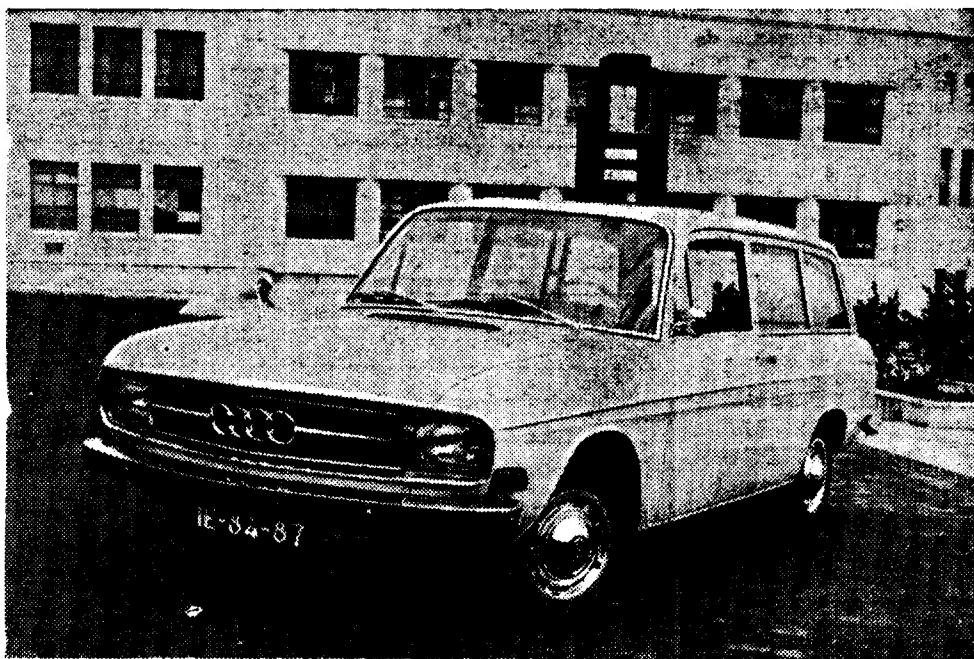
tal várias pessoas queimadas.

O jornal afirma que o fogo foi posto pelo presidente da vereação e quatro operários espanhóis da aldeia vizinha de Soto de Ribera. Não são explicados os motivos deste acto criminoso, mas é sabido que existe grande rivalidade no Norte de Espanha entre os trabalhadores portugueses e os espanhóis.

A SOLUÇÃO ESTA EM SABER COMPRAR

Publicamos hoje um exemplo da «Conta-Corrente» que sairá diariamente no nosso jornal durante o período desta iniciativa. Os números e marcas constantes desta gravura são, evidentemente, fictícios, destinando-se apenas a permitir uma explicação concreta aos nossos leitores da maneira como funciona a iniciativa.

Na primeira linha, ao alto, vai indicada a data a que corresponde a «Conta-Corrente» publicada, e que é sempre a do dia anterior, encontram-se depois cinco colunas com 18



Esta é a luxuosa «Station» Audi 75 Variant que constitui o segundo prémio da iniciativa «Conta Corrente do Diário de Lisboa»

(continua na página seguinte)

CONSELHO DE SCHILLER AOS EUA: DESVALORIZEM O DÓLAR

LONDRES, 16 — (R.) — O ministro das Finanças e Economia da Alemanha Ocidental, Karl Schiller, declarou hoje ao grupo dos «deu» reunidos em Londres que o Governo norte-americano não terá possibilidade de conseguir o objectivo que pretendem (equilibrar a balança de pagamentos) sem desvalorizar o dólar.

O prof. Schiller, cuja declaração aos ministros das Finanças das dez potências industriais foi enviada para a imprensa, avisa também os Estados Unidos que a sua presente atitude podia também impedir o progresso no sentido de um reajustamento das moedas internacionais.

Simultaneamente, num discurso bastante severo, o ministro criticou a relutância dos japoneses em se comprometerem a uma revalorização apreciável do IENE.

HOJE 28 PÁGS. — VISADO PELA CENSURA



A SOLUÇÃO ESTÁ EM SABER COMPRAR

ESCLARECENDO DÚVIDAS

No intuito de melhor identificar os nossos leitores com a mecânica da iniciativa «Conta Corrente do Diário de Lisboa» passaremos a responder às cartas recebidas tentando um melhor esclarecimento geral sobre aspectos em dúvida ou ainda não suficientemente exemplificados. É o caso do nosso prezado leitor de Castelo Branco, sr. Manuel J. Sousa Correia, que nos diz:

«Eu, por exemplo sou assíduo leitor do nosso «Diário de Lisboa» mas, economicamente, não tenho possibilidades de tentar a iniciativa. Há até talvez mais facilidades para um comerciante que compre por atacado milhões do produto X e com um cliente amigo finjam essas compras para, a meio, obter o prémio. É natural que quem tenha 40 contos possa comprar determinado produto que custa 2 ou 3 escudos. Com esses 40 contos obtém assim muitas coisas que lhe podem garantir o prémio de mil contos.»

Em primeiro lugar devemos informar este nosso leitor de que a «Conta Corrente» não se dirige aos comerciantes mas aos consumidores. Além disso será praticamente impossível levar a cabo qualquer tentativa para desvirtuar o espírito da iniciativa pois a sua mecânica e o próprio Regulamento a isso se opõem. Aliás, o nosso estimado leitor, se passar a ler atentamente as explicações que começamos hoje a dar através do modelo de «Conta Corrente» diário publicada, verificará que a sua hipótese é impraticável.

O dinheiro evidentemente que tem a sua influência nesta iniciativa mas não é decisivo. Ganha quem melhor souber comprar.

(Continuação da pág. anterior)

linhas onde estão inscritas as marcas que no dia anterior anunciaram no «Diário de Lisboa». Este número, como é evidente, pode ser variável. Na primeira coluna, à esquerda, está indicada a marca e o anunciante; a segunda coluna indica a página em que saiu o anúncio respectivo para melhor facilidade dos participantes; na terceira coluna cada participante inscreverá o artigo, produto ou serviço adquirido; a quarta coluna seguinte destina-se a registar os pontos alcançados e conforme temos explicado nunca pode ser mais do que um mesmo que se faça mais de uma compra; na última coluna inscrever-se-á o valor em escudos de cada compra efectuada. Finalmente em baixo na última linha, totalizam-se os pontos e as importâncias das diversas aquisições. Este é um exemplo da «Conta Corrente» diária. A «Conta Corrente» fi-

nal, e que é a única que os participantes nos devem enviar é absolutamente idêntica a esta, simplesmente incluindo todos os anúncios publicados ao longo da iniciativa e constantes da «Conta Corrente» diária.

Como se pode observar a maneira de preencher esta «Conta Diária» (que como dissemos, não precisa de nos ser enviada destinando-se apenas a servir de orientação aos participantes) é muito fácil. Na primeira linha, por exemplo estão indicados Automóveis e Acessórios Impar, que no dia anterior foram anunciados na página 2. O participante na iniciativa comprou uma jante e com essa compra alcançou o respectivo ponto. Na terceira linha estão indicados vários seleccionados. O participante não os adquiriu e, por isso não somou o ponto deixando as respectivas colunas em branco. Mas se porventura passado algum tempo, ainda dentro do período da ini-

ciativa, adquirir desses vinhos, pode inscrever o ponto correspondente à «Conta Corrente» daquela data. A quarta linha refere-se a Sabonetes Sol e o participante adquiriu um sabonete, somando também o seu ponto. Se em lugar de um sabonete tivesse adquirido uma caixa de sabonetes alcançaria na mesma um ponto.

Tomando este exemplo que hoje apresentamos verifica-se que nesta «Conta Corrente» um participante teria totalizado 9 pontos para um volume de compras no valor de 7556\$50, o que é uma importância apreciável. Seria possível fazer o mesmo número de pontos gastando menos dinheiro? Evidentemente que sim. Senão vejamos:

O participante comprou uma jante que lhe deu um ponto e custou 300 escudos. Mas poderia ter comprado um fusível para o automóvel, que lhe custaria apenas um ou dois escudos e lhe dava na

mesma 1 ponto. Fez, também, um seguro do automóvel no valor de 4600 escudos e valeu outro ponto, mas podia ter feito apenas um seguro de acidentes pessoais no valor de algumas dezenas de escudos e que valeria o mesmo ponto tal como, em lugar de um frigorífico podia ter comprado apenas uma torradeira no valor de uma ou duas centenas de escudos. Como se vê, para contabilizar pontos, a solução está em saber comprar e não em dispor de muito dinheiro.

CONTA CORRENTE Diário de Lisboa

ANÚNCIOS PUBLICADOS em de de 19.....

MARCAS E ANUNCIANTES	PÁGINA	ARTIGOS-PRODUTOS-SERVIÇO COMPRADOS	PONTOS	VALOR EM ESCUDOS
Automóveis e Acessórios Impar	2	Uma jante	1	300.00
Laminas de Barbear L. B.	2	Uma lâmina	1	18.50
Vinhos Seleccionados	3			
Sabonetes Sol	3	Um sabonete	1	6.00
Seguros Secur	5	Um seguro de automóvel	1	4.600.00
Produtos Beleza E. R.	5			
Baterias Faisca	7			
Electrodomésticos Kelv.	8	Um frigorífico	1	2.600.00
Prod. Dietéticos Boa Saúde	9			
Jornal Motor	11	Um jornal	1	2.50
Televisores - Ecran	11			
G. N. Automóveis - Acessórios	12			
Detergente	13	Um pacote	1	11.00
Electrodomésticos P. P.	14			
Artigos Fotográficos Fuji	15			
Máquinas Costura S. S. S.	16			
Livros de Bolso I. A. B.	18	Um livro	1	15.00
Refrigerantes A. A.	20	Uma laranja	1	3.50
Totais			9	7.556.50

Modelo de «Conta Corrente» diário cujo funcionamento explicamos em pormenor no texto

A COMISSÃO BRASILEIRA DO CENTENÁRIO DE «OS LUSÍADAS» COMEÇOU JÁ A TRABALHAR

RIO DE JANEIRO, 16 — (A. N. I.) — Em reunião realizada no Conselho Federal de Cultura, sob a presidência do prof. Arthur Cezar Ferreira Reis, foi instalada a comissão nomeada pelo ministro da Educação, Juracy Passarinho, para preparar e organizar as comemorações relativas ao IV centenário da publicação de «Os Lusíadas».

Foram empossados, como membros da comissão, o prof. Pedro Calmon, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na qualidade de vice-presidente, Augusto Saldanha, presidente do Real Gabinete Português de Leitura, Austregésilo de Athay-

de, presidente da Academia Brasileira de Letras, ministro Fernando Simas Magalhães, do Ministério das Relações Exteriores, e Américo Lourenço Jacobina Lacomme, presidente da Fundação «Casa de Rui Barbosa».

Ficou decidido incluir, no programa de comemorações do IV centenário de «Os Lusíadas», a realização de uma exposição sobre Camões, no Real Gabinete Português de Leitura, promovida pelo Conselho Federal de Cultura.

Entre as matérias debatidas, destaca-se a que sugere que o Conselho Federal de Cultura intensifique a promoção da exposição e confe-

rências, sobre o tema em todo o país.

Foi também aprovada a instituição de prémios culturais relacionados com o estudo de Camões e a sua obra, destinados a estudantes.

O presidente da comissão, prof. Arthur Cezar Ferreira Reis, designou um grupo de trabalho para elaborar o documento básico com o programa das comemorações, a submeter aos demais membros na próxima reunião, dia 20 do corrente.

Esse grupo é constituído pelos profs. Pedro Calmon e Gladstone Chaves de Melo e Augusto Saldanha, do Real Gabinete Português de Leitura.

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º
Telefone 21 49 10

A L G É S

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Das 10 às 12 horas e das 17 às 22 horas excepto sábados
Matrículas abertas para os cursos a iniciar em 1 de Outubro

A C.P. INFORMA:

SERVIÇO DE BAR
NA LINHA DO DOURO
A partir de 6 de Setembro
de 1971

As automotoras rápidas n.º 6001 e 6002 — (Porto-Barca de Alva e vice-versa) passam a dispor de bar na qual são servidas bebidas (alcoólicas e refrigerantes), bolos, sanduíches e mesmo pratos quentes (ovos, estrelas, fritos, omeletas e hifas).

Torne a sua viagem mais agradável utilizando este serviço criado para a comodidade do

DISSIPAR O DESÂNIMO DOS CONSUMIDORES — O GRANDE OBJECTIVO DE NIXON

Por DENNIS BUGGAN — (EXCLUSIVO «NEWSDAY» — «D. L.»)

WASHINGTON — No momento em que decidiu anestesiar a economia nacional por um período de noventa dias, o presidente Nixon deve ter-se sentido como um homem que se visse obrigado a atravessar uma ponte, à meia-noite de mãos dadas com o diabo.

Apesar da repugnância que de há muito afirma sentir, em relação a quaisquer medidas de

controle sobre preços e salários, o presidente viu-se atirado para uma situação crítica, da qual não parecia haver saída possível. A economia arquejava e as pressões que se exerciam sobre o presidente no sentido de fazer qualquer coisa começavam a tornar-se quase intoleráveis. Provinham elas de todos os quadrantes — de Arthur Burns, presidente da Junta das Reservas Federais, de se-

nadores e congressistas do seu próprio partido, de homens de negócios americanos desanimados por um estado de coisas que um deles cáusticamente rotulava de «prosperidade sem meios» e também de banqueiros estrangeiros, inquietos perante a deteriorização que a inflação interna dos E. U. A. causava no valor do dólar, nas praças internacionais.

O congelamento de salários e preços por um período de três meses é evidentemente o ponto mais espectacular do extraordinário programa económico anunciado por Nixon. Significa isto simplesmente que os assalariados do país terão que aguardar por aumentos até ao dia 16 de Novembro, na melhor das hipóteses. Significa isto, ainda, que os fabricantes terão de se abster de aumentar os preços por que vendem os carros e as pastilhas elásticas...

Em certo sentido a imposição de um congelamento de preços e salários equivale a uma confissão da derrota do presidente na guerra contra a inflação. Em Janeiro afirmou ao Congresso, no seu discurso sobre o «Estado da União» que não tentava impor «controles» sobre os preços e salários.

Ainda há cerca de duas semanas Nixon se mostrava confiante, se bem que nas suas palavras se notasse já uma ligeira viagem. «O controle permanente de preços e salários», disse ele, «ameaçaria sufocar a economia americana, o seu dinamismo, a sua produtividade, e seria, segundo penso, um golpe mortal para a primazia económica dos E. U. A. no mundo». Mas no domingo à noite, o presidente Nixon atravessou a ponte, embora promettesse regressar daqui a três meses. Para muito gente, a questão agora está em saber por que razão o presidente mudou de opinião.

Uma das razões terá sido a de os contratos de trabalho mais tempestuosos já se terem concluído, tendo também sido já anunciados os novos preços tendentes a cobrir os aumentos salariais que resultaram desses contratos.

A indústria do aço, por exemplo, já assinou um contrato por três anos, no qual se estipulam aumentos de salário de mais de 10% por ano. Ainda a tinta não secou no papel, já os produtores do aço anunciavam aumentos de preços da ordem dos 8%.

A altura era pois politicamente propícia para a decisão de congelamento anunciado por Nixon. E a economia caminha a par da política. Se os críticos dizem que o congelamento «temporário» é apenas um «cosmético», os proponentes da «nixonologia» podem retrucar dizendo que esta decisão fornecerá esse alívio psicológico de que o consumidor americano tanto necessitava.

O congelamento de preços e salários pode indicar aos consumidores que o preço dos bens essenciais se irão estabilizar incluindo-lhes a ideia de que é agora uma boa altura

FILMODA

SALÃO INTERNACIONAL DE VESTUÁRIO, CALÇADO E ADORNOS

Tudo o que torna mais elegante, confortável e prática a apresentação do homem, da mulher e da criança

HORARIO

Amanhã — Inauguração — 16 horas
Abertura ao público — 17 e 30

17 A 26 DE SETEMBRO
1971

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

Entrada 10\$00

VISITE A FILMODA (F. I. L.)

STAND 148/57

Terá a última oportunidade de receber valiosos brindes na aquisição da SUA

elna lotus

Maquinas de costura compactas. Basta baixar-lhes as abas para ficarem prontas a ser utilizadas.

Desde Esc. 3.950\$00.
PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS E NAS BOAS ORGANIZAÇÕES DE ELECTRODOMESTICOS

ACEITAM-SE AGENTES NAS AREAS AINDA DISPONIVEIS

ORGANIZAÇÕES CANCELA

RUA OLIVEIRA MARTINS, 31-C — LISBOA 4

envie-nos este cupão e receberá literatura explicativa Elna Lotus

MÁQUINAS DE TRICOTAR

O mais sensacional e económico modelo para malhas automáticas.

Visite o Stand 148/57 na FILMODA Pavilhão da FIL (Organizações Cancela).

Só morre quem anda depressa?

A resposta pode encontrá-la num artigo de JOSÉ VIEIRA que analisa um problema de extrema actualidade:
A LIMITAÇÃO DE VELOCIDADE

VOLTA À MADEIRA:

GIOVANNI... SALVÉ!

Sensacional reportagem do nosso enviado especial
ADRIANO CERQUEIRA

motor

SAIU HOJE

NESTE NÚMERO

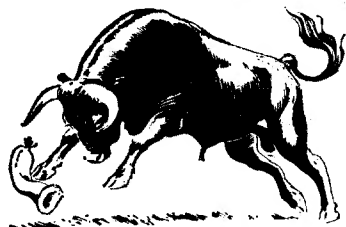
- Reportagem do Rallye Total (DINIZ ROSAS)
- O que eles pensam do Rallye TAP 1971 (JOSÉ PINTO)
- O Regional de Promoção (Sul) «encalhou» na Rua do Chagas (AUGUSTO VILELA)
- Viadutos de Lisboa — Campo Grande: com os olhos no futuro (NUNO COUTINHO)
- As novidades não são muitas a um mês dos Salões
- Mário de Jesus responde...
- Portugal convidado a «entrar» no «Mundial» de Motocross
- Motonáutica — Reportagem do C. P. da Caniçada (MARIA DO CÉU)
- Aviação — Primeiro voo transatlântico no Supramundo Concorde
- Noticiário e as habituais secções

motor ensalo

SIMCA 1100 S E ESCORT 1300 GT «EMPATADOS»

(«Road-test» comparativo de PHILIPPE TOUSSAINT)

PREÇO 2\$50



M/ 6 anos
Praça de toiros de

CASCAIS

DOMINGO,
19 DE SETEMBRO
AS 16.30 HORAS

**SENSACIONAL CORRIDA DE TOIROS
A PORTUGUESA**

**DAVID RIBEIRO TELLES e LUÍS MIGUEL
DA VEIGA e FERNANDO A. SALGUEIRO**

**O FAMOSO GRUPO DE FORCADOS
AMADORES DE LISBOA
DE NUNO SALVAÇÃO BARRETO**

triumfadores em Portugal, Espanha e França
6 PODEROSOS TOIROS
DE D. MARIA MANUELA A. SALGUEIRO

**TEATRO
GIL VICENTE**

CASCAIS TEL. 280919
EM 3.º MES



HOJE E TODAS AS NOITES
AS 22 HORAS

Patrocínio da Junta de Tu-
ismo da Costa do Sol
Subsídios: Fundo do Teatro
e Fundação Colóste Gul-
benkian

M/18

Sophia Loren no papel de uma religiosa

MÁLAGA, 16 — (A. N. I.) actriz —, «porquanto se tra-
— Começaram já em Málaga ta de uma personagem forte,
as filmagens de «O cáldo de grande carácter, e muito
Outono», sob a direcção de humana».
Alberto Lattuada. Para prota- O filme, que é uma produ-
cionista foi escolhida Sophia ção de Máximo Echárri, tem
Loren que pela primeira vez ainda como intérpretes Tina
interpreta o papel de uma Aumont, Teresa Rabal, Fer-
religiosa. nando Rey, Juan Luís Ga-
«É um papel que me agra- liardo e o cantor Adriano Ce-
da bastante» — declarou a lentano.



«Agrada-me muito», diz
Sophia

PASSAPORTES

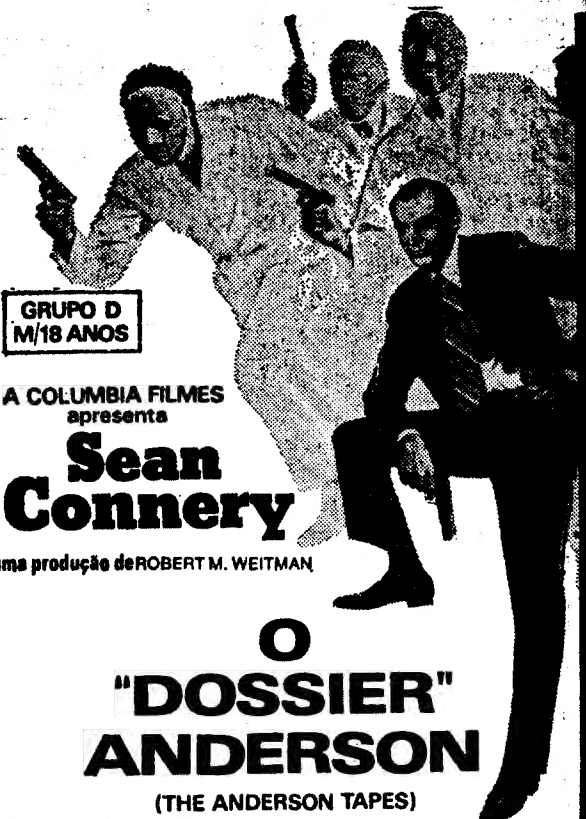


EM LISBOA:
Av. Ant. Augusto Aguiar, 8-C
R. Caminhos de Ferro, 62-C

IMPÉRIO

**2.ª (SEMANA
TRIUNFAL)**

DE UM POLICIAL DE 1.ª CATEGORIA
ASSINADO POR
SIDNEY LUMET



GRUPO D
M/18 ANOS

A COLUMBIA FILMES
apresenta

**Sean
Connery**

Numa produção de ROBERT M. WEITMAN

**O
"DOSSIER"
ANDERSON**

(THE ANDERSON TAPES)

**SÃO
JORGE**

UMA HISTÓRIA
DE POLÍCIAS
E LADRÕES
EM "TOM"
DIFERENTE!

'Cotton Comes
to Harlem'

**HUMOR
NEGRO &
violência**



United Artists

...É MISTURA EXPLOSIVA!

GODFREY CAMBRIDGE · RAYMOND ST. JACQUES · CALVIN LOCKHART
realizador: OSSIE DAVIS cor de luxe Grupo C-14 anos



MARIEMA



RIBEIRINHO

**ABRIU HOJE A BILHETEIRA
NO TEATRO**

MARIA VITÓRIA

AS 20.45 e 23 HORAS (GRUPO D. M/18 ANOS)

ONDE, BREVEMENTE,

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
apresentam

A REVISTA POPULAR

**«Ó ZÉ APERTA
O CINTO!»**

Original de ANÍBAL NAZARÉ e HENRIQUE SANTANA
com música de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS
Novo e luxuoso Guarda Roupa dos ATELIERS PAIVA
confeccionado sob a direcção da mestra JOSEFINA
SOARES

ATENÇÃO AO ANÚNCIO DE AMANHÃ

Um valioso elenco:

EUGÉNIO SALVADOR	IVONE SILVA	NICOLAU BREYNER
VÍTOR MENDES	ANGELA RIBEIRO	VÍTOR ESPADINHA

As jovens artistas,

ODETE ANTUNES, CARMIZE, NELA DUARTE,
AIDA GOUVEIA, MARGARIDA D'ALMEIDA,
ANA BARROS e LILIANA SILVA

MARIEMA

com
E

RIBEIRINHO

**A FEIRA POPULAR
DE LISBOA**

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL
DE «O SÉCULO»

TUDO REÚNE
PARA TODAS AS NOITES CRIAR OPTIMISMO
NOS MILHARES DE PESSOAS QUE A VISITAM
ALI HÁ DE TUDO

RESTAURANTES — CERVEJARIAS — FARTURAS
E SUMOS — GRANDIOSOS PAVILHÕES E LINDOS
«STANDS»

TODAS AS ATRAÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE
ABERTURA AS 19 HORAS

PARA BREVE NO MARIA VITÓRIA

«Ó ZÉ APERTA O CINTO» FAZ CRÍTICA DE COSTUMES

O Parque Mayer tem duas novas revistas e prepara-se para as estreiar, muito brevemente, uma no Maria Vitória, a outra no ABC.

Há neste momento uma invulgar azáfama no recinto do Parque. Foram mobilizadas dezenas de pessoas para o transporte e montagem de todo o material cénico. Nos bastidores, provam-se sapatos e vestidos, dão-se os últimos retoques no que há para ser retocado. Discute-se centímetros a centímetros a ornamentação e cor dos vestidos; uma alteração aqui, outra acolá. As pessoas riem nervosamente nos cafés e falam deste ou daquele «quadro» (da revista que ensaiam) com maior ou menor expectativa. Está-se em suma, a pouco mais de uma semana da estreia.

No Maria Vitória, onde decorrem os ensaios da revista «Ó Zé Aperta o Cinto», encontramos Eugénio Salvador, que dirige este espectáculo: é a sua 101.ª revista!

É flagrante a sua fadiga.

Decorrem os ensaios de apuro, ultimam-se os preparativos para a estreia e a todos os actores (Eugénio Salvador é também o «compère») é exigido um esforço enorme que estoicamente se suporta até ao último dia. A estreia é a meta. O público será o juiz.

Os trabalhos de «Ó Zé Aperta o Cinto» começaram em Junho com a elaboração do poema, por uma parceria constituída por Aníbal Nazaré e Henrique Santana. É, segundo nos foi dito, a primeira vez que os dois autores se juntam num trabalho de revista. Henrique Santana já anteriormente se tinha abalçado como autor do poema, mas foi efémera a tentativa. «Ó Zé Aperta o Cinto» representa não só o seu regresso à revista mas também a estreia numa nova parceria com o conhecido Aníbal Nazaré.

Os ensaios tiveram início no dia 9 de Agosto e a estreia está prevista, para o dia 16

de Setembro se não se verificarem alterações importantes no ritmo dos ensaios.

A música é da autoria dos mestres Carlos Dias e João Nobre, estando a direcção musical em cena a cargo do primeiro.

Os figurinos foram concebidos por João Sotullo. A montagem e a realização do espectáculo pertence aos irmãos Rui e Hernani Martins.

O elenco desta revista será encabeçado por Eugénio Salvador, no «compère», Nicolau Breyner (que também canta) e por Ribeirinho, que é o actor convidado e parece ter neste espectáculo um importante trabalho de composição de tipos. No que se refere ao elenco feminino, Ivone Silva e Mariema (que é artista convidada) conduzem as operações.

Do numeroso grupo de actores intervenientes em «Ó Zé Aperta o Cinto» destacam-se ainda Angela Ribeiro, Vitor Mendes e Vitor Espadinha. Oito inglesas e quatro portu-

guesas compõem o corpo de bailado, que é dirigido coreograficamente por Bastos Ribas.

«A plada obscuro está a perder terreno»

Eugénio Salvador entre dois cafés e uma boa meia dúzia de cigarros ávidamente fumados, falou-nos da nova revista com entusiasmo.

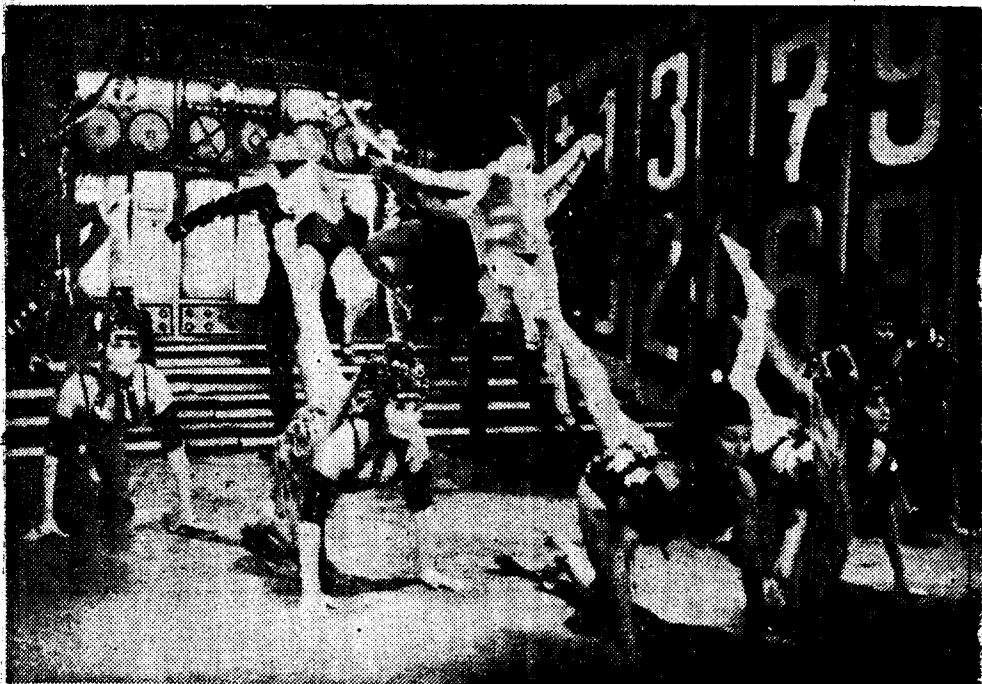
— *Estou sinceramente convencido de que a revista vai agradar muito. Está feita num estilo que nos últimos tempos tem resultado muito bem.*

— *Um estilo... Que estilo?*
— *Não será propriamente uma questão de estilo. Quero*

(Continua na página seguinte)



UM CORPO PARA UMA VOZ — Andreia, setubalense com raízes em Itália (sua mãe é transalpina) é uma das mais jovens e atraentes cançonetistas dos nossos palcos. Agora, fixada em Lisboa, a esbelta Andreia prepara o repertório para o seu primeiro disco comercial, que terá direcção musical de Jorge Costa Pinto



Flagrante de um ensaio de apuro

Eles cavalgam e amam hoje com o mesmo arrebatamento dos tempos selvagens!

O NOVO FILME DE
FRANKENHEIMER KESSEL
Baseado no romance de JOSEPH KESSEL

os cavaleiros das estepes

A Columbia Filmes apresenta
UMA LENDA DE JOHN FORD E EDWARD LLOYD

com
**OMAR KHAYYAM
LEIGH TAYLOR-YOUNG
JACK PALANCE**

GRUPO C
M/14 anos

THE HORSEMEN

EDEN

AMANHÃ - ESTREIA

ALVALADE



A PANDILHA

interpreta
em PORTUGUÊS

A CASA

uma casa "muito engraçada" inventada
por VINÍCIUS DE MORAIS

ouça A CASA e mais
três canções populares
no mesmo disco

JÁ À VENDA

CONCURSO DE DESENHOS INFANTIS

«UMA CASA DE MINHA INVENÇÃO»

Para assinalar o lançamento do novo disco do grupo A PANDILHA, Produções Amendo Marques Ferreira-Carlos Nascimento promovem um concurso de desenhos infantis (6 aos 12 anos) através dos seus programas CALENDÁRIO (todos os dias das 8.30 às 10.00 horas), TRÊS VEZES CINCO (também diário, das 15.00 às 16.00 horas) e SUPLEMENTO ESPECIAL (domingos, das 21.00 às 22.00 horas), todos em Rádio Renascença.

O concurso, intitulado, UMA CASA DE MINHA INVENÇÃO decorrerá até 6 de Outubro e tem a colaboração especial da Secção Infantil da Parceria A. M. Pereira e de discos «Movieplay».

Para concorrer, as crianças não têm mais do que desenhar uma casa de sua invenção e enviar os respectivos desenhos para a Rua Andrade Corvo, 27-7.º, em Lisboa.

Omega Memomatic.

o único relógio automático no Mundo, com despertador também automático



O relógio de pulso, com despertador além de indicar a hora, é uma verdadeira "agenda sonora".

A qualquer relógio de pulso com despertador mesmo automático que exista no mercado é necessário dar corda manual ao mecanismo do despertador quando se pretenda utilizá-lo. Ao MEMOMATIC, porém, não é preciso dar corda manual porque ele é o único relógio automático no Mundo que tem mecanismo do despertador também automático. Isto distingue-o de todos os relógios concorrentes. E tem, além disso, a já famosa precisão OMEGA.

O som do despertador é discreto, porque o seu fim principal é o de recordar e não o de

acordar, muito embora possa também fazer despertar. E por isso a este relógio se deu o nome de MEMOMATIC: um auxiliar automático da memória.

Quando, em qualquer profissão ou actividade, ou na vida social, há necessidade de, a hora certa, se satisfazer compromissos, o despertador do MEMOMATIC não deixará de o lembrar.

C/correia 4.900 \$00

MEMOMATIC é um relógio da família SEAMASTER

OMEGA

OMEGA tem a confiança do Mundo



O ÚNICO RELÓGIO USADO NA LUA

ALGUMAS AGÊNCIAS OFICIAIS EM LISBOA

DIADEMA Joalheiros
Rua do Ouro, 166
Ourivesaria da ESTEFANIA
Rua Pascoal de Melo, 150-D

Ourivesaria IMPÉRIO
Av. Almirante Reis, 102-C
Ourivesaria LEANDRO
Rua Francisco Metrass, 61

Ourivesaria MOURÃO
Rua da Prata, 200
Joalheria MONTIL
Rua Morais Soares, 95-B

A NOVA REVISTA DO MARIA VITÓRIA

(Continuação da pág. anterior)

eu dizer que em «O Zé Aperta o Cinto» há, entre outras coisas, crítica de costumes e um número extenso de anedotas baseadas em situações verdadeiras.

— Que tipo de situações? — perguntámos nós.

— O problema das federações de futebol, dos concursos para «misses»... enfim tanta coisa que presenciamos no dia-a-dia. — E acrescentou — Há para além disso muito menos obscenidade. A piada obscena está a perder terreno.

Quisemos saber a que atribua Eugénio Salvador, a decadência (segundo ele) da piada obscena na revista caricada a portuguesa.

— Bem, não é justo que se continuem a sobrecarregar as pessoas com esse tipo de humor que é superficial e deforma as pessoas. Esta foi a resposta de Eugénio Salvador, que com 101 revistas no activo sabe rigorosamente como estas coisas são. E disse-nos ainda:

— Como sabe este teatro é muito pequeno, por isso não conseguimos dar ao espectáculo o mesmo brilho que teria uma revista feita no Monumental. Também não é isso propriamente que nos interessa. Mesmo assim os actores estão muito bem vestidos e a montagem parece-me ser muito boa.

Falou-nos dum quadro que considera bastante representativo em relação à linha do espectáculo. Trata-se de «O homem que não pode pedir» desempenhado por Ribeiro. Salvador, fez ainda a apologia do trabalho de equipa e elogiou a camaradagem de todos os actores e pessoal técnico.

Perguntámos-lhe ainda se achava que a revista evoluía ou se estava a sofrer uma

cristalização das formas. Eugénio Salvador que se estreou há 43 anos (em 1928) com a revista «A Rambóia», respondeu-nos:

— Acho que a revista está a evoluir mas para que isso suceda é preciso que acompanhe muito de perto a evolução de certas instituições. Criticando os seus aspectos piores.

Disse-nos ainda que um dos mais sérios problemas da revista a portuguesa é a quase completa ausência dum corpo de bailado.

O problema, no entanto, parece estar em vias de ser solucionado com a importação de bailarinas estrangeiras, que se fazem pagar principescamente, tanto mais que a qualidade do seu trabalho o justifica.

Enquanto Eugénio Salvador regressava ao palco do Maria Vitória para apurar cenas e diálogos nós ficámos com a certeza de que a revista a portuguesa continua viva no velho Parque Mayer e que o Zé continua a apertar o cinto, mesmo antes da estreia, que, como já referimos, será no dia 16. Que a revista dure muitos meses o bons. Risos, sim. Mas com inteligência, ficamos à espera.

TAUROMAQUIA

Chibanga muito bem em Candas

CANDAS, 16—(A. N. I.)

— Cortou duas orelhas e rabo, no único touro que lidou. O «espada» Ricardo Chibanga, no festival tauromáquico realizado em Candas com gafo regular dos irmãos Camilero.

Cortaram os mesmos troféus os «espadas» espanhóis «Litri», Dámaso Gómez, Victoriano de la Serna e Andrés Vázquez.

uma cama para toda a gente

CAMILLO DE OLIVEIRA

Divertida comédia de JEAN DE LEROUX

COM ARMANDO CORTEZ, CANTO e CASTRO, LINDA SILVA, FERNANDA FRANCO

uma produção de VASCO MORGADO

teatro tel. 355123

3.ª, 4.ª e 5.ª-feiras às 21.45 h.
6.ª-feiras e sábados
2 sessões 21.23 h.

Domingos
à tarde às 16 h. noite 21.45 h.
2.ª-feiras: descanso da Companhia

QUERIDA MAMÁ

la MAMÁ

Famosa comédia de ANDRÉ ROUSSIN
COM CARLOS DUARTE

ALDA PINTO, ROLANDO ALVES, LUIS ALBERTO, ANTONIO RAMA, ANA LE MATRE, CLAUDIA MARTINS, OCTAVIO BORGES

MAIS DE 250 HOJE, 21.45 H.

DOMINGOS A TARDE

REPRESENTAÇÕES ★★★★★

UMA PRODUÇÃO DE VASCO MORGADO

TEATRO tel. 327493

2.ª-feiras, descanso da Companhia

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

● O realizador japonês Kon Ichikawa está a preparar o seu novo filme, no qual narrando as aventuras de um jovem camponês que se torna vagabundo para fugir à situação angustiante em que se encontra, descreve a vida japonesa em todos os seus aspectos. O autor das «Olimpiadas de Tóquio» declarou ter a intenção de fazer uma espécie de «western» japonês.

● O cineasta francês Raymond Faferempach está a rodar «Três homens e uma jangada no Nilo», documentário «De aventuras e de história». No Vale dos Reis, Alto Egipto o cineasta percorreu 300 km numa jangada, entre Assuan e Luxor.

● O realizador Pierre Bazin vai transpor para a tela «Los Abencerrages» («Lenda duma raça»), numa coprodução hispano-italo-francesa tendo nos principais papéis Omar Shariff, Vittorio Gassman, Maurice Ronet e Jeanne Moreau. Os espanhóis Fernando Rey e Tomás Blanco completam a distribuição. A acção do filme decorrerá em locais dos mais prestigiosos de Espanha, nomeadamente em Granada.

CINECLUBE IMAGEM

Recomeçam hoje as actividades do Cineclube Imagem, como habitualmente no Jardim-Cinema às 18 e 40. Será projectado o clássico de Mosak, Kobayaski «Hara-kiri».

Mais dois filmes estão programados para este mês: no dia 23, «Chuka», de Gordon Douglas e no dia 30 «Tepepa», de Giulio Petroni.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa metropolitano — As 6: Notícias; 7 e 05: Programa do Juvenil; 7 e 30: «Folha», programa para adolescentes, por Ana Maria; 18 e 05: O concerto de hoje: Michel Despeche; 18 e 20: Espectáculo — Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Música popular portuguesa; 9 e 0: Seleção da ópera: «Os Salmos»; Música de Louis Ganne, texto de Maurice Ordonneau; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O Conjunto «The Blue Mink»; 20 e 30: 18.º episódio do folhetim: «O Marquês de Villiers»; 20 e 50: Melodias pela Orquestra e Coros de Ray Conniff; 21: Momento 71; 21 e 20: Música, só música; 21 e 30: Programa pelo Coro Feminino da Emissão Nacional; 2 e 50: Dia a Dia com a Cênia, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Fados, por Maria da Nazaré e António Rocha; 22 e 30: Rítmos de todo o mundo; 23 e 05: Música latino-americana; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano — As 16: Que quer ouvir — programa elaborado por Margarida Brandão; 8: Música portuguesa; 9: O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena

de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Quarteto de Budapeste — Quarteto em si bemol maior op. 67 (Johannes Brahms); 21: Árias de ópera pelo baixo Nicolau Ghicaurov; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Música sinfónica; 22: Teatro de todas as tempos, pelo dr. Eunice Lisboa (Filho); 23: A Voz do Ocidente; 1 e 5: Fecho.

Programa estereofónico — MF 2 — As 21: Música H-gera variada; 22: Festival de Schwetzingen de '97 (gravações cedidas pela Rádio Sui da Alemanha); 22 e 35: Música sinfónica; 0 e 24: Música de câmara; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 6 e 04: Programa C. D. C.; 8: Depois do chá; 8,30: Lisboa à tarde; 9 e 5: Contraponto; 9 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Seleção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 9: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talsmã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 6 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Ver-

tice; 2 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa à Gó-gó; 0 e 02: Em órbita; 02: Banda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 6 e 04: Programa C. L. C.; 8: Depois do chá; 8 e 30: Ela e o seu mundo; 8 e 45: Matinée teatral; 9 e 03: Miscelânea; 9 e 20: Robbivalac; 9 e 35: Estudo 64; 20 e 0: Norte do dia; 21 e 05: Sô-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Arouto da Verdade; 22 e 03: Uma vedeta na noite; 22 e 5: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 286 kc/s — As 6: Radiograma; 8 e 05: Acerte con-nosco; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 9 e 5: Esquema; 13; 9 e 30: Página; 1: No final — Continuação do programa «Página»; 20 e 58: Meditação; 21 e 4: Mundo; 21 e 15: Fados; 21 e 30: Curso de Língua Alemã; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 6: Radiograma; 8: Tângos; 8 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 9 e 05: Esquema; 13; 9 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: O Quarto Mundo; 21 e 15: Ar-tistas portugueses; 22: Variedades; 23: A 23.ª hora.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 2 às 4 e 30; Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2; Rádio Graça — Das 4 e 30 às 19 e 30.

VIDA SOCIAL

CASAMENTO

Na Igreja do Espírito Santo em Évora, celebrou-se, com grande acompanhamento, a cerimónia do casamento do sr. Carlos Alberto Cabanas Perdigão, empregado bancário, filho do sr. Carlos Bravo Perdigão, Secretário de Finanças e de sua esposa, sr.ª D. Adélia Antónia Cabanas Perdigão, com a sr.ª D. Maria Margarida Guerreiro Braz, filha do sr. Luís Braz, Inspector da Companhia de Seguros Mutualidade e de sua esposa D. Maria do Sacramento Flório Guerreiro Braz.

Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Natércia Carapinha Lourenço e seu esposo sr. José Lourenço, coordenador superior dos Serviços externos da Companhia

de Seguros Mutualidade, e por parte do noivo a sr.ª D. Mariana Campos Perdigão Franco Mira, proprietária, e o sr. dr. Francisco José Teófilo. Foi celebrante, o pároco rev. Barros que fez uma alocução alusiva ao acto.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para a Madeira.

Gina

MODAS

Encontra-se em Paris a sócia-gerente, da conhecida casa Portuguesa «Gina Modas», D. Maria Amélia Souto, a qual ali se deslocou a fim de adquirir os modelos e novidades para a estação Outono-Inverno nas principais casas de alta costura francesa.

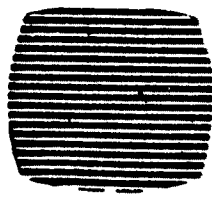
LOVE STORY

HISTÓRIA DE AMOR

com Ali MacGraw • Ryan O'Neal
John Marley • Ray Milland

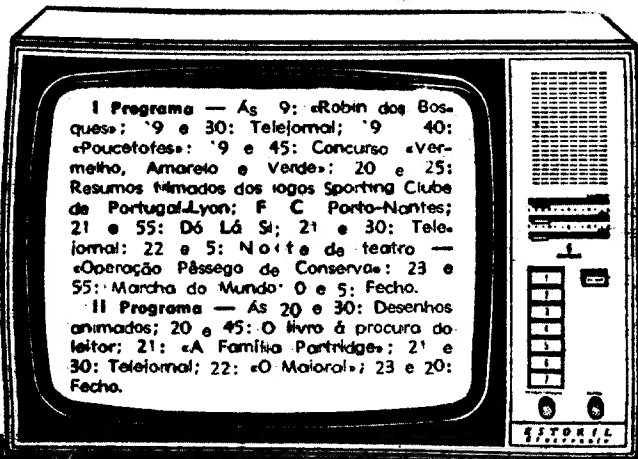
Produção de HOWARD W. GREENE e de ARTHUR HILLER
Música de FRANK LAY • Colorido GRUPO D (16 anos)

HOJE
ESTREIA NO
ÀS 21,45



TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL
electronic

AMANHÃ PODE VER...

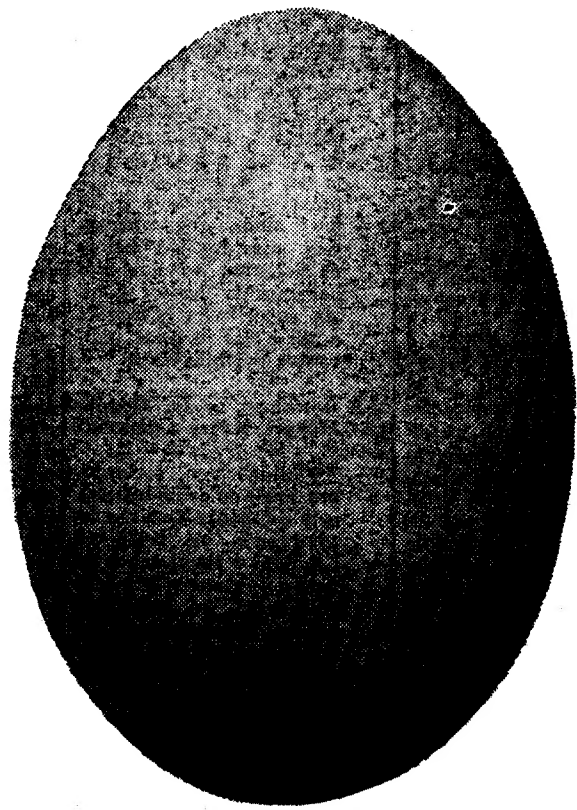
AMANHÃ — I Programa — 1.º período — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13 Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Hospedeiras de Bordo»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo à noite, e 14 e 20: Fecho. **2.º período —** As 18: Abertura e TV Juvenil; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Filme infantil «Poucetofes»; 19 e 55: Programa feminino; 20 e 5: Série comédia «Casei com uma Felicidade»; 20 e 55: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição, e Boletim Meteorológico; 22 e 5: Série policial «Vingadores», com Patrick MacNee e Linda Thorson; 23 e 5: Os anos 60 na vida internacional; 23 e 35: Marcha do Mundo, e 23 e 45: Meditação e fecho.

II Programa — As 20 e 30: Abertura e desenhos animados; 20 e 40: Minidecoração; 21: Filme de série «Hospedeiras de Bordo»; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim Meteorológico (simultaneamente com o I programa); 22: «O Tesouro dos Holandeses», 4.º episódio; 22 e 30: Nina Simone, e 23 e 20: Fecho.



TUDOR pilhas
secas

FOI POSTO O OVO!



ACRAL-assistiu

Em três linhas

Tomou posse do cargo de subdirector da Escola Preparatória Gomes Teixeira (seção feminina), do Porto, a sr.^a dr.^a D. Maria Luisa Tudela.

///

O Município da Covilhã encarregou um dos seus arquitectos, o sr. Cruz Homem, de proceder ao estudo circunscrito do local para a cons-

trução do quartel dos Bombeiros. Foi presente um desenvolvimento estudo que voltará a apreciação da edilidade para conclusões definitivas.

///

Foi dissolvida a Junta de Freguesia de Gilhadeses e estabelecido o regime de tutela administrativa para essa terra do concelho dos Arcos de Valdevez

///

Foi concedida a nacionalidade portuguesa ao sr. Francisco Frusoni, natural de Itália e domiciliado em Lisboa.

///

Foi alterada a designação «capitão ou subalterno farmacêutico (e)», constante do mapa VI anexo ao Decreto Lei n.º 48566, para a de «major ou capitão farmacêutico ou veterinário (e)».

///

Foi aberto um crédito de 336 001 557\$60, destinado a reforçar dotações do programa de financiamento do III Plano de Fomento inscritas na tabela de despesa extraordinária do «Plano Geral da Província de Moçambique para este ano económico».

UMA SOCIEDADE LUSO-FRANCESA FOI HOJE CONSTITUÍDA PARA PRODUZIR EM SETÚBAL LOIÇA EM FAIANÇA E PORCELANA

Um grupo luso-francês vai construir em Setúbal uma unidade para o fabrico de loiça em faiança e porcelana, segundo foi hoje anunciado durante a cerimónia da constituição de uma nova sociedade.

Trata-se da firma «Faianças e Porcelanas do Sado — Internacional S. A. R. L.» e a escritura foi outorgada, do lado francês, pela «Faïencerie de Longchamp» e «Cetec». No final da cerimónia, o dr. Domingos Manuel Megre, presidente do conselho de administração daquela empresa, proferiu declarações pertinentes ao empreendimento, começando por declarar:

«Esta indústria nasceu e mantém-se ainda, sob o signo do condicionamento. Ele nos custou tempo, di-

nheiro, energia e tudo, afinal, para esgrimir contra a força da tradição, uma tradição que se contempla a si própria e teme, tantas vezes, o progresso e o futuro».

Tudo começou em Abril de 1967, tudo essa a começar para a realidade em 16 de Setembro de 1971. Não é esta, porém, a altura para lamentações sobre o passado. Trata-se antes de arrancar em força, senão para conquistar o tempo perdido, ao menos para aproveitar ao máximo a determinação de pessoas que sabem tirar das contrariedades um motivo de maior empenho e de redobrado esforço.

Bom será, no entanto, que não tome isso como um valor, num país que tem, se assim posso dizer, não já de proferir mas de chegar, sob pena de a rueta lhe fugir para sempre».

«O jogo da concorrência não pode ser um jogo de golpes baixos»

E o dr. Domingos Manuel Megre acrescentou:

«Estamos naturalmente desejosos — e esperamos — que se concretize ainda antes do fim de 1972 — de vir para o mercado, decididos a jogar a batalha da concorrência. Isto significa que respeitamos muito os nossos parceiros mais velhos da indústria da faiança e da porcelana (e também não enjeitamos os novos que vierem) e significa, ainda, estarmos bem conscientes do que à indústria é exigido, em regime aberto, para o ser efectivamente. Na realidade, jogar a batalha da concorrência é pôr ao serviço da indústria o máximo da nossa capacidade de organização, o pleno do esforço imaginativo de que fomos capazes, uma permeabilidade de quase doctos ao estudo de todas as inovações, a humildade suficiente para combater o anquilosamento gerado pela auto-suficiência. E porque tudo isto custa dinheiro, homens e esforço, é evidente não dever o jogo da concorrência ser um jogo de golpes baixos».

Mas é imperioso reconhecer, também, que onde uma estrutura industrial séria e válida seja capaz de estar no mercado de uma maneira nova e versátil (desde o tipo e qualidade do produto até ao seu preço) nada então pode ser vendido, até porque o industrial tem de saber descobrir no termo do seu trabalho,

a figura económica humana do consumidor».

Abertura de um novo sulco industrial

Prosseguindo o seu discurso, disse o presidente do conselho de administração da nova sociedade:

«Importa, também, referir ser propósito de Faianças e Porcelanas do Sado — Internacional S. A. R. L. atentar o mais possível na exportação. Isto não se diz para criar «suspense» ou uma espécie de auréola de prestígio mágico na afirmada hora do mercado europeu. A realidade não consente que brinquem com ela e quando consente, pois, ela se encarregará de vir desferir os golpes que precisam. É que exportar é difícil, custa, exige. Mas de qualquer modo, é um caminho e, porque o é, importa conhecê-lo e explorá-lo, em profundidade».

Importa ainda referir que a nova fábrica vai utilizar um novo processo de fabrico de porcelana posto em prática pela nossa accionista Faïencerie de Longchamp, a quem aproveitamos para saudar na pessoa do sr. Robert Morsand. O apoio técnico tem ali a sua fonte natural e foi ele prolongado ao aspecto do fabrico em si pela ligação ao grupo C. E. T. E. C. fornecedor dos fornos.

As bases de ligação entre o grupo português e o grupo francês foram objecto de estudo envidado de forma a não menosprezar aquilo que nós próprios valemos e podemos ainda que atentos, sem pruridos de balofismo, ao que nós podemos ir buscar fora, em experiência adquirida e em novas técnicas, porventura viabilizadas».

A terminar, o dr. Domingos Manuel Megre acentuou:

«Vai abrir-se, portanto, um novo sulco industrial, este de média escala e isto quando, no horizonte nebuloso e inquietante do nosso desenvolvimento económico, se anunciam grandes empreendimentos. Grandes, médios ou pequenos, não estará, no entanto, a valia de tal medida apenas no volume do capital ou no valor do investimento. Na realidade, importa muito o espírito que orienta a empresa, a sua capacidade competitiva, a sua rentabilidade em termos não só de servir o capital, mas de se desdobrar em fonte de riqueza (remunerando bem o trabalho, alargando benefícios, diversificando a própria actividade) e, final-

mente, a forma como, sobredito num país como o nosso, se integre na malha de prioridade e de alargar da participação de pessoas e interesses e de eles capazes de conduzir a um desenvolvimento harmónico e global».

O objectivo principal da nova fábrica

Durante a cerimónia da constituição da nova sociedade os associados franceses de «Faianças e Porcelanas — Sado, Internacional», representados pelos srs. Robert Morsand, da «Faïencerie de Longchamp», uma das principais fábricas francesas de loiças de luxo, Pierre Borel, de «L'Épargne de France» e de «C.E.P.E.C. Dressler» (Groupe Pullman), e George Drakides, também da «C.E.P.E.C. Dressler», manifestaram a sua satisfação em participarem na criação da nova sociedade portuguesa, cujo objectivo principal é a exportação de artigos de luxo, destinada a demonstrar, no plano internacional, o valor do «design» português.

Para corresponderem aos votos expressos pelo presidente do conselho de administração, dr. Domingos Manuel Megre, afirmaram aqueles empresários franceses que vão ser envolvidos todos os esforços para que a nova fábrica de Setúbal esteja em produção nos fins de 1972.

Características da nova fábrica

A unidade industrial que vai ser construída em Setúbal, terá uma capacidade de 2100 toneladas por ano e produzirá loiça em faiança e porcelana. Essa porcelana é decorada sob o vidro, o que lhe confere características de duração ímpares sobretudo em fase do uso crescente dos detergentes e das máquinas de lavar.

A área de terreno adquirida, à saída de Setúbal, é de 140 000 metros quadrados e a área coberta do edifício principal será de 7500 metros quadrados.

Com o arranque da obra, que terá lugar dentro de trinta dias, será constituída uma equipa de «design», que iniciará imediatamente os estudos que se consideram básicos para o êxito da iniciativa. Ao lado dos técnicos portugueses na matéria, e representando a Faïencerie de Longchamp, trabalhará um pintor-arquiteto.

Em terrenos da «Faïencerie» de Longchamp funciona uma Escola do Estado Francês para formação cerâmica e cujas aulas práticas têm lugar na própria Faïencerie de Longchamp.

Está previsto mandar alguns elementos do quadro técnico português a estagiar em Longchamp e daqui, por sua vez, virão alguns monitores a Portugal.

HOMENAGENS À MEMÓRIA DE RICARDO COVÕES

Ricardo Covões, que desapareceu num trágico desastre de viação, completará hoje 90 anos e a sua memória evoca o cidadão generoso, idealista de democracia, compreensivo e de coração aberto à solidariedade com o semelhante.

Foi um homem de larga visão e grandes iniciativas, que passou também pelo jornalismo. Mas o seu dinamismo a sua persistente acção construtiva ficaram marcadas em especial na obra que desenvolveu para elevar o Coliseu de Recreios ao nível das maiores casas de espectáculos do Mundo. Ali se exibiram não só as mais célebres companhias de circo, pois houve, igualmente, notáveis representações de teatro o qual também seduziu o espírito artístico de Ricardo Covões.

Muitas instituições beneméritas lhe levaram perdurável gratidão pelas largas auxílios e a protecção que ele sempre lhes dispensou. Como, por exemplo, a Voz do Operário, a Associação de São João, Inválidos do Comércio, aqui hoje corria de costume, as refeições dos internados custeadas pela família de Ricardo Covões, cuja obra prossegue enquanto a criteriosa administração de seu filho, Américo Covões.

Ainda a semelhança dos anos anteriores, os Inválidos do Comércio promovem hoje, homenagem à memória de Ricardo Covões, numa romagem de saudade ao seu túmulo, no cemitério do Lumiar. Seguiu-se, na Casa de Repouso, da instituição um almoço no qual foram também convivias representantes da família do homenageado, cerca de 500 internados e os dirigentes de Inválidos do Comércio.

Vinte e seis candidatos ao estágio para bibliotecários, arquivistas e documentalistas

«O livro, na sua génese e nos seus efeitos, como acto histórico; seus reflexos na própria história» foi um dos dez temas propostos na primeira prova de exame de admissão ao estágio de preparação técnica de bibliotecários, arquivistas e documentalistas, iniciada esta manhã na sala dos Seminários da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Estiveram presentes 26 candidatos, sendo 7 licenciados em História, 5 em Germanicas, um em Direito Canónico, 6 em Românicas, 2 em História e Filosofia, um em Engenharia Civil, um pelo I. S. C. S. P. U. um em Biológicas, um em Direito e um último com o Curso dos Serviços Sociais.

O estágio, que se realiza este ano pela terceira vez, será dirigido pelo inspector superior das Bibliotecas e Arquivos, dr. Luís Silveira, terá a

duração de 5 meses (de 1 de Outubro a 30 de Setembro do próximo ano). A sua finalidade é a de satisfazer a carência de técnicos bibliotecários, arquivistas e documentalistas, que, segundo o decreto que instituiu estes estágios, reveste no nosso País «aspectos particularmente graves».

As provas prosseguirão amanhã, às 9 e 30, com o com. n.º de um texto; e no sábado, também às 9 e 30, com a tradução de um texto de latim, francês, inglês ou alemão.

GALERIA ITAU NO CAMÕES

Uma nova Galeria ITAU vai ser inaugurada amanhã, às 17 horas, na Praça Luís de Camões, 46-1.º.

BOM APETITE

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima 14-1
Telex 790211

JANTARES
DANÇANTES
AOS SABADOS
E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
Maiores de 5 anos

a fuma
almoços jantares e ceias
até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de
loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

CHURRASCO
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua das Portas St. Antão, 83
Telex 323059

SPORTKAR-
-BAR
AV. DEFENSORES
DE CHAVES 87-C
ALMOÇOS, JANTARES E
CEIAS NUM AMBIENTE
DIFERENTE

«LAR IDEAL»

Um conjunto de estereofonia é o 2.º prémio

Ontem falámos do fabuloso 1.º prémio do Concurso «Lar Ideal» que «Galerias Sol Nascente» promove, de colaboração com A. E. G. Telefunken e no qual os nossos leitores têm vantagens especiais.

Hoje, referiremos em especial o 2.º prémio, que é constituído por um magnífico aparelho Telefunken Hi-Fi stereo com 5 gamas de onda, 7 teclas pre-sintonizáveis em FM e indicador electrónico de frequência. Este aparelho não só atinge como supera largamente as normas DIN-45500. O amplificador tem uma potência musical de 2x30 watts. A distorção está muito abaixo dos 0,5% estabelecidos internacionalmente. Dado o seu filtros de ruídos, este apare-

lho assegura uma reprodução excelente dos discos, mesmo que estes sejam antigos.

Em conclusão: trata-se de um aparelho que nos garante a transmissão de música com naturalidade e a mais alta fidelidade.

As regras do jogo

O concurso reveste-se da maior simplicidade. Em linhas gerais, o regulamento, que já temos publicado várias vezes, resume-se em poucas palavras.

Para concorrer ao «Lar Ideal», basta comprar os artigos à venda nas «Galerias Sol Nascente». No acto da aquisição, serão entregues ao comprador, senhas numeradas nas proporções seguintes:

até 500\$00 de compras, 1 senha por cada fracção de 50\$; acima de 500\$00, 1 senha por cada fracção de 500\$00, além das 10 senhas iniciais.

A promotora do concurso, após a sua recepção, verificará se as senhas reúnem as condições regulamentares, sendo eliminadas as que não estiverem nesse número.

O sortelo realizar-se-á no dia 2 de Dezembro de 1971, através de esferas numeradas de zero a nove, contidas num recipiente para esse fim destinado.

Condições especiais para os leitores do «D. L.»

Numa atenção especial para com os leitores do nosso jor-

nal, «Galerias Sol Nascente» e A. E. G. Telefunken decidiram atribuir-lhes condições especiais de participação no concurso, numa cláusula especial do artigo 1.º. Assim, mediante a apresentação do cartão «D. L.», serão feitos descontos especiais nos artigos a pronto pagamento e a quem prefira o sistema de crédito serão oferecidas as 1.ª e 36.ª prestações. Em qualquer das modalidades, a apresentação do cartão «D. L.» dá direito a mais 50 por cento de senhas do que o previsto no Regulamento.

Um excelente lote de prémios

Do fabuloso lote de 60 prémios, no valor de cerca de 20 contos, destacam-se alguns, que não queremos deixar de mencionar: uma cozinha modulada AEG no valor de 60 000\$00; uma instalação Hi-Fi Telefunken no valor de

19 500\$00; um aparelho AEG de ar condicionado no valor de 15 500\$00; uma máquina automática Lavaluz de lavar roupa AEG no valor de 9800\$00; um televisor portátil marca Sony para corrente e pilhas no valor de 8500\$00; um frigorífico AEG 250 litros 2 portas, no valor de 8500\$00; um televisor Telefunken no valor de 7200\$00; um leitor «stereo» para «cassetes» de 8 pistas Funai, no valor de 3840\$00; um auto-rádio portátil com AM e FM, Wealth, no valor de 2576\$00 e um gravador de reportagem com transformador de corrente e pilhas no valor de 2340\$00.

Um gravador bastante útil

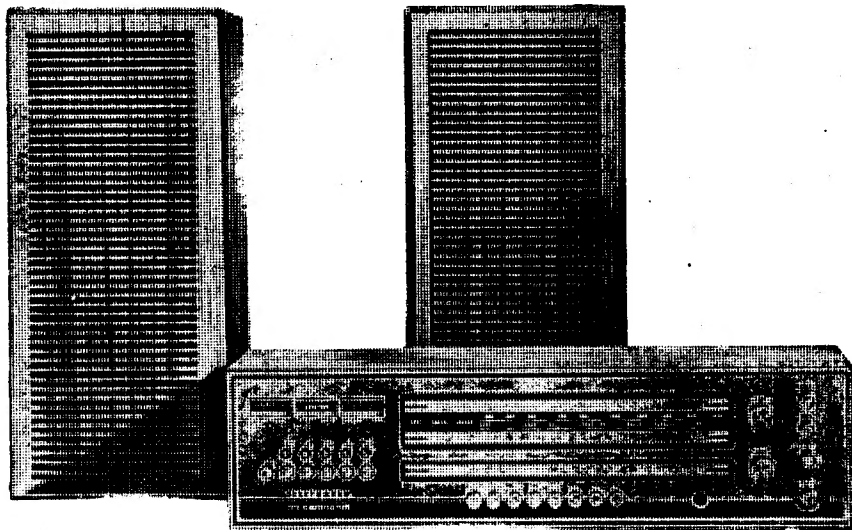
«Galerias Sol Nascente» quiseram, mais uma vez, ser amáveis para os possuidores de cartão de leitor «D. L.», em especial para os estudantes, professores, médicos, engenheiros, arquitectos, economistas, etc.

Assim, enquanto durar o concurso «Lar Ideal», «Gale-

rias Sol Nascente» decidiram fazer um desconto de 20% (que equivale a uma economia de cerca de 500\$00) aos leitores do «D. L.» com aquelas profissões, na compra do balcão do gravador de reportagem, além dos 10% habituais na compra de quaisquer outros artigos, como vimos referindo.

Este gravador, portátil, robusto, elegante, trabalhando a pilhas e a corrente, é largamente usado por centenas de milhares de professores e alunos das 162 universidades japonesas e de escolas e institutos de ensino médio, por milhares de jornalistas do país do Sol Nascente, advogados, engenheiros, economistas, etc. Dado o seu aquilibrado conjunto, como ressaltam das próprias especificações técnicas, é possível conseguir-se sempre a melhor das gravações, quer se trate de lições, de minutas ditadas nos escritórios ou em casa, de música directa ou indirecta, etc.

Trata-se na verdade de um gravador para todos os fins, de resultados altamente positivos em quaisquer circunstâncias.



Este aparelho de rádio Telefunken e o conjunto de estereofonia constituem parte do 2.º prémio



O gira-discos com dois amplificadores que completam o 2.º prémio

«CONCORDE»

Aproveitando a oportunidade do voo inaugural transatlântico, do novo e revolucionário avião comercial supersónico «Concorde», a «Waterman», marca francesa de canetas de prestígio internacional, fez o lançamento do seu modelo igualmente baptizado de «Concorde», cuja moderna linha aerodinâmica de design se apoia nas mesmas formas de expressão plástica.

«Waterman» introduziu neste seu modelo, além duma linha moderna e elegante, várias inovações técnicas de carácter funcional, tornando-o num modelo à parte, particularmente no que se refere ao seu aparato original.

Efectuou-se ontem no Hotel Mundial, em Lisboa, na altura do lançamento comercial do modelo «Waterman-Concorde» entre nós, uma reunião que juntou os representantes em Portugal daquela conceituada marca — a Firma Novidades Neconsar, Lda., — bem como da «Waterman» de Paris, os srs. A. Besse e F. Coulon e ainda outras individualidades ligadas ao sector comercial.

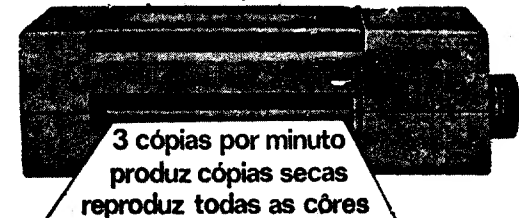
CURSOS INTENSIVOS

Professores Diplomados e com larga Prática
CICLO PREPARATORIO 1 ANO
5.º ANO 1 ANO

LECCIONAÇÕES DO 7.º ANO

Inscrições: 13 às 21.30 horas
R. Joaquim Bonifácio n.º 8, 2.º Dt.º e Esq.
Tel.: 561897 (a 2 minutos do Metro-Anjos)

MAQUINAS DE FOTOCÓPIA 4.074\$00



3 cópias por minuto
produz cópias secas
reproduz todas as cores
peça-nos uma demonstração sem qualquer compromisso
sertiporportuguesa
rua buenos aires, 7 tel. 667928 e 667772

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

Cantam: Sérgio, Berto Cardoso, Beatriz Ferreira, Lúcia Mascarenhas e Elisete Cascais e Tocam: António Basso e Fernando Reis

Consumo mínimo. 60\$00 • Rua das Taipas 14 • Tel. 327256

TIMPANAS

Mário Pacheco • Edmundo Rosa, viola e guitarra, Emília Reis, João Fernando • Luís Braga Folclore do Ribatejo, Quim Barreiros, acordeonista • e Trio Odemira •

Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.) • Rua Gilberto Rolz, 24 • Telefones: 676655 e 672431

«A SERENATA»

Cantam: Cláudia Moreira, António Rocha e Amélia Proença. Grupo Folclórico: Cantares de Portugal — Rua Diário de Notícias, 122 — tel.: 321359-324381

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto Francisco Martins e Alando Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo • Rua

«Diário de Notícias», 107 • Tel. 328307 • Consumo mínimo: 60\$00 • Encerra aos domingos

ADEGA MACHADO

Cantam: Mário Portugal, Fina Ferreira, Ivete Pessoa, Esmeralda

Armando Fados de Coimbra por Loubet • Bravo Tocam: Lúcio Conde, Américo Silva e Vítor Ferreira Fandango pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira de Arantes Encerra às 2.ª-feiras Consumo mínimo 70\$00. Rua do Norte, 91. Tel. 30095-28713.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado • Variedades internacionais • Telef.: 264521-264526-264596-264621-264946

ADAGIO

A presença de JOSE LETRIA, Pop-Soul e Underground • Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil • Aberto

todos os dias, das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. • Rua Carlos dos Reis, 51-A • Tel. 775695.

TAMILA

Marião e s/ Conjunto • Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 • Matinées todos os dias • Encerra aos domingos

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoço, e Jantares e serviço de Bar permanentes

te. Rua S. Tomás, 86, A B C — ALFAMA—LISBOA — Tel. 861633

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villares e Tony Vieira • Aberto até às 5 da madrugada • Rua da Trindade, 9 — Tel. 327109 • Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Música constante • Av. Mare-

chal Carmona • Tel. 367136 • Encerra às 3 horas

MAXIME

Conjuntos • Reação • Maximiliano • «Show» turístico • Variedades internacionais • Praça da Alegria, 58 • Tel. 55366

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A • Tel. 48384 • Conj. Helder Reis • Encerra aos domingos.

a fuma
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38d
(à duque de loulé)
5344 00 • 5619 49

TERRAÇO DAS ESTRELAS
(HOTEL EMBAIXADOR)
CONJUNTO OLIVER • Ave.

nida Duque de Loulé, 73 • Tel. 530171

BATACLAN

Rua Ramalho Ortigão 89-A
Tel. 560430

BAR: Aberto das 19.00 às 3.30 h.
DISC.: Aberto das 22.00 às 3.30 h.
NOITES DE PARIS EM LISBOA
ENCERRADO AOS DOMINGOS

A CANÇONETISTA QUE VEIO DO FRIO

JÚLIA BABO: «O NOSSO MANEL CUÇO FEZ GRANDE SUCESSO NA RÚSSIA»

«Nunca em parte nenhuma fui tão aplaudida como na Rússia. Então o «Manel Cuço» foi o grande sucesso da minha actuação em Moscovo. Acharam que a melodia tinha qualquer coisa de canção eslava. Uma canção que eu canto desde catraia, quando brincava na escola de instrução primária em Viseu, onde fiz as primeiras classes. É verdade, o «Manel Cuço»! E, logo depois, o êxito foi um fandango ribatejano, antigo, o «Reu-Reu». Nada complicado. O povo moscovita tem uma sensibilidade notável: gosta do que é simples e puro. Nunca na minha carreira de cançonetista alcancei o êxito que tive, desta vez, na Rússia».

Julia Babo não se espanta; relata. É certo que o conta com certa emoção. É porque não? A cançonetista que veio do frio traz ainda consigo o calor dos aplausos e das críticas.

NESTE NATAL EM PARIS

Como foi que Julia Babo foi à Rússia? Aqui está uma pergunta que não fica sem resposta, se bem que traga já a primeira revelação: Julia Babo não ia para cantar!

«Tudo aconteceu este ano, em Paris, pelo Natal. Eu estava em França a passar férias. Mais nada. Mas fui, certo dia, jantar a casa de um amigo, artista, francês. Enquanto lá alguns artistas sociais, dos coros russos, com quem falei. Dei-lhes um disco meu e expressei o meu gosto de ir à Rússia, pelo menos, para ver escolas, museus e estúdios. Tudo ficou por aí, até que, à Emissora Nacional chegou um convite em meu nome, para realizar uma visita de estudo à União Soviética por intermédio do Departamento de Cultura e Relações de Amizade com os Países Estrangeiros».

E Julia Babo conta-nos como, em seguida, começou logo a tratar o caso com as entidades

des nacionais, por causa da viagem e autorizações, acrescentando:

«Como viu começou tudo por uma coisa de falar. O convite dizia Setembro ou Outubro. Eu escolhi Setembro. E, depois, foram dois dias de notável admiração e assombro pelo que vi, durante esse tempo. Só tenho pena de não ter ficado mais tempo, mas o caso é que não levava roupa de frio e não aguentei a baixa temperatura. Mesmo assim, foi um espanto!»

A PRÓPRIA CASA DA AMIZADE

Julia Babo tinha, além de flores, um casal russo, que falava um primoroso francês, à sua espera, em Moscovo. Eram mais do que intérpretes. Eram elementos do tal departamento de cultura a que abreviadamente chamam Casa da Amizade. Afinal, um organismo que tem em vista facilitar, na Rússia, a vida a todos os que lá vão em visita de estudo.

«Logo, ali, ficou estabelecido o programa das minhas actuações, já que ouvir folclore português lhes parecia interessante bastante. Combinei, pois, fazer um programa na Televisão, com entrevista. Outro na

Rádio, também com entrevista. Além de duas outras actuações: uma num teatro, outra na própria Casa de Amizade. E foi assim».

Basta saber como foi que Julia Babo arranhou acompanyamento para as suas «cantigas». Já de si exigindo conjunto típico ou semelhante.

«Pois foi fácil. Cantei folclore acompanhado por um conjunto formado por bateria, piano e contrabaixo, que deu perfeitamente o nosso ritmo ambiente e cor local. Foi surpreendente como, apenas com as partes musicais e o guia dos meus discos, o conjunto deu tudo o que era possível. O baterista, então, foi o músico que mais admirei. Nós, no nosso folclore, temos tudo: caixa, bombo, ferrinhos, palminhas. Pois a bateria deu tudo isso no meu «concerto», como lá lhe chamaram, que cá se diria «recital». Só lhe digo que nunca fiz tanto sucesso com as minhas «cantiguinhas» como em Moscovo».

O que é para si sucesso? Isto é, como o pôde confirmar?

«Foi quase comovente a maneira como senti o público aplaudir cada canção. Levei dezasseis números seleccionados. Levava trinta se soubesse que ia actuar. Fiz acompanhar tudo de projecções das regiões de origem desse folclore. No final, vieram dizer-me que gostaram das canções até porque lhes pareceram exóticas, mas muito vivas. Claro que, antes de as cantar, um intérprete, rapaz russo, mas educado no Brasil, falando um excelente português, dava explicações dos ritmos e das letras».

Por outro lado, Julia Babo trás outra grande indicação do êxito que alcançou como cançonetista, embora tenha ido à Rússia em visita de estudo.

Mas a verdade é que Julia

Babo não foi à Rússia como cançonetista. A sua visita era de estudo.

É verdade. Actuar na Rússia como cançonetista foi um derivado agradável da ida de Julia Babo à União Soviética. Pois, a sua viagem era de contacto com outras realidades. De observação directa, como ela conta.

«Ao ser recebida pela Casa da Amizade, logo me perguntaram o que é que eu queria ver. Pois, tudo o que se prende das minhas actividades de professora de uma escola, de pintora, de cançonetista e de actriz, eu vi».

LENÇO VERMELHO DE PIONEIRO

Ao perguntarem-lhe o que queria ver, Julia Babo dividiu as suas pretensões em vários pontos: primeira, escolas secundárias e actividades circulo-escolares; segundo, escolas e «ateliers» de pintura; terceiro, escolas e conservatórios de Arte Dramática; quarto, teatro, cinema e televisão. De tudo isto trás, ao vivo, uma bela experiência.

E, a propósito da sua recolha de elementos, Julia Babo esclarece:

«Os métodos circulo-escolares são do tipo dos que, sob a orientação do dr. Calvet de Magalhães, nós aplicamos cá, na Escola Francisco Arruda».

PINTAR ATÉ AO ABSTRACTO

Julia Babo, pintora, naturalmente que se interessou por Arte. Por museus. Por «ateliers». Por obras realizadas.

«Todos me dizem mal da pintura soviética. Concordo que, ao princípio, a coisa era primária, sem qualidade defi-



JULIA BABO: «Só se eu não puder é que não voltarei à Rússia na Primavera»

nida. A pintura moderna é de excelente técnica. E, aos que me afirmavam não haver obras abstractas na Rússia, posso afirmar que as vi. Trago postais de Museus de Arte Moderna que o documentam. E, se há muito que é bom e muito que é mau, a verdade é que a obra de Museu é francamente boa».

E ainda sobre o que se refere ao mundo artístico de Moscovo, Julia Babo afirma-nos:

«É lenda dizer que não há Arte nobíssima na Rússia. O que se passa é que o povo, embora muito sensível a todas as formas artísticas, só agora começa a entender o Abstracto».

E, completando a sua ideia, Julia Babo indicou:

«Estive em casa do maior escultor soviético vivo. Um enovador do monumental: Ernst Neizvestny. Um á parte: Neizvestny quer dizer «desconhecido», o que, em relação ao escultor, só se pode ter por ironia. Pois este artista tem, no seu «atelier», uma fundição própria».

MIL PARA 25 E FICAM TRÊS

Claro que Julia Babo não podia deixar de ver Teatro. Melhor: escolas de Teatro.

«Comecei por ver o «Instituto de Teatro», onde apenas se aprende teatro ligeiro. Digamos: musicado. É curioso que de lá saíam quase todos os cançonetistas russos e, naturalmente, grande parte dos elementos do «ballet» ligeiro. Este Instituto é dirigido por Gorbunov, um homem que foi um grande actor e que, na sua escola, prepara também dramaturgos e críticos, pela razão que me disse: quem escreve ou critica precisa mais de conhecer uma técnica do que de ter opiniões. Por outro lado, vi a «Escola Superior de Teatro» que habilita os alunos com um curso universitário. Esta escola tem um teatro próprio. O conjunto tem a designação de MXAT e no teatro actuam, como actores, os professores da Escola Superior. Aqui, há cerca de mil candidatos, por ano, dos quais são escolhidos 25. Destes, por via de regra, só dois ou três acabam o curso, que é de cinco anos. O director, sr. Radomyslensky, que foi amigo pessoal de Stanislavsky, disse-me

que, na Escola Superior, seguia a norma do grande encenador que costumava afirmar: o actor é tanto mais completo quanto mais ele servir».

NA RUSSIA HA 22 CONSERVATÓRIOS

Julia Babo não viu todos, mas alguns dos 22 Conservatórios que existem na Rússia.

«Vinte e dois institutos de música, onde se preparam executantes, musicólogos, compositores e críticos. Isto dá que o público, em geral, é muito entendiado. O caso da televisão por exemplo, auscultei-o eu de perto. Tive uma bela experiência pessoal. E, para rematar, veja só o que me aconteceu: estava já em campo, quando vi os projectores virarem-se para o meu lado. Ficei a vista e não vi ninguém a mexer-lhes. Pultava-me a imagem do homem que sobe a escada e, por tentativas, nos ilumina. Lá não há esse bom-homem: tudo é comandado de fora».

A TODO O PÚBLICO PORTUGUÊS

A FORDCAR PDC, LDA. tem o grande prazer de comunicar a constituição oficial da Companhia e a inauguração dos seus serviços.

A escritura da sociedade efectuou-se no passado dia 11 do corrente, no 12.º Cartório Notarial de Lisboa.

Não podemos deixar de agradecer, com profundo reconhecimento, a confiança que os nossos Clientes e Amigos nos quiseram dispensar na fase de lançamento da nossa Companhia.

A FORDCAR PDC, LDA. coloca-se à inteira disposição do Público Português e está perfeitamente preparada para uma rápida expansão que corresponda às exigências crescentes do nosso mercado.

A FORDCAR PDC, LDA., empresa de grande dimensão, espera que os seus produtos e os seus serviços agradem inteiramente.

A FORDCAR PDC, LDA. possui também pessoal e técnicos inteiramente preparados que conhecem profundamente a vasta gama dos seus produtos e aptos a lidar com uma clientela exigente.

A nossa Sede está instalada na Alameda Sto. António dos Capuchos, 6-A/B — em Lisboa.

SAB
O TELEVISOR ALÉ
Para aqueles que
imagem e som exce
representantes exclusi
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES
RUA DOS DOURADORES 13 - TEL. 3
RUA SANTO ANTÓNIO, 28 - TEL. 2

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBABILIDADE E DE COMPETÊNCIA
OURIVESARIA DA GUILA
EM QUASE 100 ANOS AJUDOU A CONSTRUIR ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial)

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Na 186.ª audiência do julgamento do caso da Herança Sommer, o advogado dr. Eridano de Abreu, patrono dos assistentes, consignou uma contradição dirigida à testemunha José Pedro de Carvalho Bourbon de Sommer Ribeiro, administrador de empresas, oferecida aos outros pelo arguido ausente, António Champalimaud.

No início da audiência, o depoente, uma vez mais, solicitou autorização para reafirmar uma afirmação fornecida na sessão anterior.

O sr. Sommer Ribeiro: «Os pagamentos referentes a mercadorias enviadas para as Companhias de Cimentos de Angola e Moçambique eram efectuados através de transferências bancárias, e não por intermédio de cheques, conforme disse.»

O causidico dos assistentes, em seguida, perguntou à testemunha:

— Na sua actividade de exportador, quantos empregados o ajudavam?

O depoente: «Tinha dois que também o eram da E. C. L. Fora das horas de serviço trabalhavam para mim. Um chama-se Fonseca e outro, Ferreira. Ambos são reformados da E. C. L.»

Pergunta do dr. Eridano de Abreu:

— Quais as vantagens que, para as três companhias (E. C. L., Companhia de Cimentos de Angola e de Moçambique), advinham da sua actividade de exportador, em face da informação prestada por V. Ex.ª sobre o conselho do fun-

cionário e técnico fiscal, Cruz e Silva?

«De momento não estou habilitado a fornecer uma resposta» — disse, prontamente, o depoente.

O advogado ironizou: «Talvez amanhã o senhor a possa dar. É o costume».

A testemunha, depois, acrescentou: «Não julgo que a minha actividade como exportador seja uma intromissão, visto ter sido feita através de convites».

Logo a seguir, o dr. Eridano de Abreu deu por concluída a sua instância.

O patrono dos assistentes elaborou, entretanto, uma contradição dirigida à testemunha Sommer Ribeiro.

O advogado exarou: «Ao abrigo do disposto no art. 640.º do Código do Processo Civil, aplicável por força do art. 1.º do Código do Processo Penal, pretendo contraditar a testemunha que acaba de ser ouvida, com os seguintes fundamentos:

1.º, O depoente, não obstante ser secretário da direcção da E. C. L., sócia maioritária das Companhias de Cimentos de Angola e de Moçambique, das quais era, também, respectivamente, membro do conselho fiscal e da mesa da assembleia geral, teve contratos de compra e venda, servindo de intermediário em negócios havidos entre estas sociedades, a convite do réu António

Sommer Champalimaud, que lhe proporcionou sem que nada o justificasse, proventos da ordem dos 1300 contos, desde 1954 a 1958, auferindo-os sem qualquer risco, lamente compensadores, em face dos vencimentos que recebia das referidas sociedades.

2.º, O depoente nunca foi proprietário, nem sequer de uma única acção das Companhias de Cimentos de Angola e de Moçambique, e, não obstante isso, prestou-se ao papel de figurar, simuladamente como accionista dessas empresas, facto que ocorreu também, relativamente à E. C. L.

3.º, A permanência nos lugares que ocupou e ocupa nas referidas sociedades dependeu e dependem da vontade única do réu António Sommer Champalimaud, que jamais consentiria que o depoente continuasse a permanecer nesses lugares se depusesse contra si.

4.º, No auge dos conflitos, entre os irmãos Champalimaud, o réu António encarregou o depoente de missões da maior confiança, como a diligência que efectuou para a compra do último lote do grupo da Cardiga e até o acompanhamento, juntamente com um subordinado seu, a uma assembleia geral de Montez e Champalimaud, Ltd., para a ela assistir, contra a vontade da maioria dos sócios, vendo-se obrigado, o assistente Carlos Sommer Champalimaud, a bater-lhe para o expulsar do res-

pectivo local.

5.º, A testemunha contradiada encareceu homens armados, seus subordinados, de missões que interessavam a António Champalimaud, por ter afirmado, numa assembleia geral da E. C. L. que a testemunha José Pedro de Carvalho Bourbon Sommer Ribeiro era «um oficial indigno de usar uma farda e um cobardo e haver declarado que o havia expulsado depois de lhe haver batido». Foi instaurado pelo mesmo depoente, contra o referido assistente, o processo-crime de injúrias e difamação, a que aludiu no início do seu depoimento, no qual foi seu advogado um dos patronos do réu António Sommer Champalimaud.

Os factos apresentados não podem deixar de abalar a credibilidade da testemunha José Pedro de Bourbon Sommer Ribeiro.

Instaurada a contradição, o tribunal recolheu para deliberação.

Após breve intervalo, a testemunha foi inquirida pelo magistrado presidente.

Neste momento, foi pedida a palavra pelo advogado do réu revel, dr. Palma Carlos, a qual não lhe foi concedida. O causidico desejava consignar requerimento para «pôr em crise» os princípios que estruturam a contradição.

O juiz-presidente: «Enquan-

(Continua na página seguinte)



SE CHEGARMOS A VER a nova série da TV inglesa «The Persuaders» («Os Persuasores»), este rosto tornar-se-á, como merece, muito popular entre nós. Nome: Anna Palk. Dizem que tem imenso talento

TRESPASSA-SE 1.º ANDAR

Escritório advogado entre Rua Ouro-Rua Augusta, existência mais 60 anos, completa, actualizada legislação, revistas jurisprudência, correlativo mobiliário Inf 33359.

PRÉDIO ou ANDARES DE LUXO



Na Rua Sacadura Cabral, n.º 8,
em CASCAIS,
junto ao Jardim da Parada.

VENDE-SE
POR ANDARES.
ou no TOTAL,
c/ 4 assoal.

CONSTRUÇÕES «LAPINHA»

R. Iracy Doyle, 4-1. -Esq. — CASCAIS

Tels. 283152 e 284026

JOIAS ANTIGAS E MODERNAS

Compramos pelo mais
alto preço

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA

RUA DA PRATA 257

BA
R ALEMÃO N.º 1

s que exigem
n excepcionais

tes exclusivos:

A. SIMÕES JR., S. A. R. L.

2 - TEL. 361763 - LISBOA

8 - TEL. 25581 - PORTO

ESARIA
BIDADE



Fundada
em 1875

40 ANOS DE EXISTÊNCIA
CONSTRUIR E A MANTER

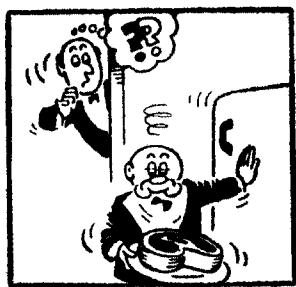
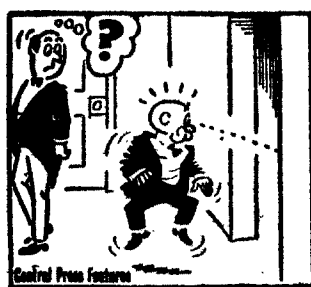
4 - B
dial)



OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Setembro de 1941 publicava:

«Nós temos um lindo sol, indiscutivelmente. Não faltam paisagens em Portugal em que a Natureza traduz a sua arte de orlar, de equilibrar e de compor «conjuntos», duma beleza excecional em que se fazem todas as notas — ternas, repousantes, idílicas e até espirituais.

«Os nossos rios, apesar da sua magreza estival, têm alguns cantinhos deliciosos, duma frescura e dum calmo pitoresco que nos convidam à pacificação e ao esquecimento das injúrias.

«As serras de Portugal são a graça da terra, pois nelas nada existe de esmagador nem de selvático, equilibrando-se e harmonizando-se em amplíssimos quadros nos quais nós não sabemos o que mais devemos admirar — se a grandeza, se a graciosidade.

«O mar que banha as nossas costas tem consagração universal, visto que Camões o cantou, no seu poema, marcando-lhe as ondulações épicas e os principais poetas, desde os heróicos aos líricos, lhe pediram a inspiração que, nas suas estrofes, umas vezes é bronze, outras mármore e outras pávida sedução eburnea.»

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

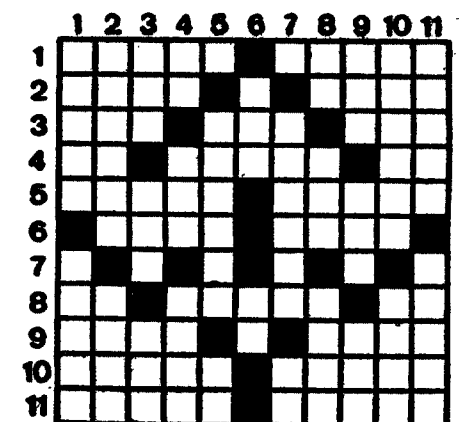
Palavras cruzadas

PALAVRAS CRUZADAS
(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 6016

HORIZONTAIS: 1 — Em excesso. Burras 2 — Classe de tropa. Coisa encharcada em água. 3 — Ólera. Tempo do verbo ir. Por baixo de 4 — Em a. Macacos americanos. Oferece 5 — Freguesia do concelho da Covilhã. Espécie de chibo africano. 6 — O mesmo que emitir. O mesmo que alme. 8 — Preposição. Os dois juntos. Preposição 9 — Desfiladeiro. Cidade da Romênia 10 — Rastar. Atração 11 — Restos mortais. Cansado

VERTICAIS: 1 — Antiga província de França. Nome de homem. 2 — Dena urros. Punhados. 3 — Magnete natural. Patrão. Vês 4 — Basta. Espécie de palmeira de S. Tomé. 5 — Língua do Peçeno Belt. 6 — Explodiram. Antigo definido. 7 — Matemática. Boro (s. q.). 8 — Artigo definido. Co.berto de lodo. Tálho (s. q.). 9 — Abreviatura de Santíssimo. Língua do arquipélago de Cabo Verde. Nome de mulher. 9 — Pronome pessoal. Dá mios. Freguesia do concelho de Penafiel. 10 — Companhia. Consagrais. 11 — Rio do estado do Paraná. Um dos apóstolos.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segunda passatempo, o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6015

HORIZONTAIS: 1 — Araças. Calor. 2 — Tessa. lônica. 3 — Asas. Roma. 4 — O SEU. 5 — El. Se. 6 — Uiva. A. Aliró. 7 — Salamanca. 8 — Samaria. 9 — Om. Socor. Vê 10 — Não. Ror. Sim. 11 — Orgia. Acolá.

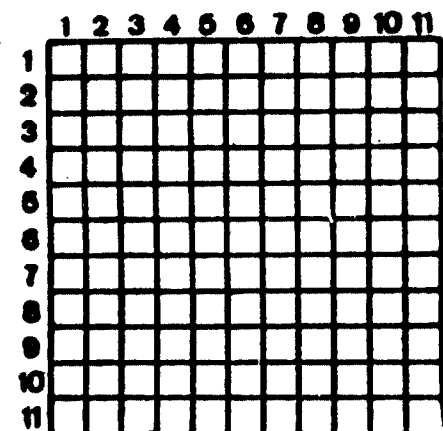
VERTICAIS: 1 — At. SEU. DONO. 2 — Rea. Lis. Mar. 3 — Asso. Vês. Og. 4 — Osa. Salas. 5 — Sasse. Amora. 6 — Amago. 7 — Corus. Arara. 8 — Ana. Bonir. 9 — Lima. Igo. Sê. 10 — Aço. Grã. Vil. 11 — Rê. Gêo. Tema.

Provérbio: O SEU, A SEU DONO.

PALAVRAS CRUZADAS
(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9855

HORIZONTAIS: 1 — Boneca (pop. Após. 2 — Vencer. 3 — Duzentos em romano. Emporcalhos. Prasiadimio (s. q.). 4 — Lavra Igual. Possuir. 5 — Quinhentas folhas. Ponha só 6 — Encolerizais. Arqueiam. 7 — Chefe etíope. Punhado. 8 — Tempo do verbo haver. Varas compridos para empelir nas águas pequenas embarcações. Abreviatura de Santíssimo. 9 — Falda. Cotredrais. Ruins. 10 — Consagrais. Condens. 11 — Enfeitor. Destruir

VERTICAIS: 1 — Acriticado. 2 — Acreditar. Formar as abas a. 3 — Tempo do verbo ser. Guardar. 4 — Despidas. Dar mios. Apelido. 5 — Gritasse. 6 — Freguesia do concelho de Penafiel. Pronome possessivo. 7 — Ocupariamos. 8 — Freguesia do concelho de Penafiel. Senhores. Oferece. 9 — Atmosfera. Vassoura já muito gasta. Matemática (abrev.). 10 — Bola revestida de pele. Cura. 11 — Abas. tecer



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9858

HORIZONTAIS: 1 — Assaltariam. 2 — Rev. Aas. Mia. 3 — Fina. Giro. 4 — Ataco. Batas. 5 — Aira. Aras. 6 — Sds. Bol. 7 — Rã. Sinal. Cl. 8 — Orals. Sacar. 9 — Vila. Sino. 10 — Ada. Gem. Mat. 11 — Raros. Amole.

VERTICAIS: 1 — Aira. Provar. 2 — Seta. An. da. 3 — Sinais. Alor. 4 — Acresia. 5 — La. Oás. Cs. 6 — Tom. De. 7 — As. Babas. Má. 8 — Carolas. 9 — Imita. Clima. 10 — Airos. Canal. 11 — Mãos. Girote.

O CASO DA HERANÇA SOMMER

(Continuação da pág. anterior)

to não terminar a diligência em curso, não lhe será concedida a palavra, sr. doutor.»

Com a intenção de dissecar a matéria da contradita, o corregedor Bernardino de Sousa, metódicamente, convidou o depoente a pronunciar-se sobre os vários artigos. Os cinco primeiros artigos esgotaram a segunda parte da audiência pelo que parte da matéria em análise constituirá tema para a sessão de hoje.

A testemunha, confirmando: «Fui secretário da direcção da E. C. L. de 1945 a Julho de 1958. Fui membro do conselho fiscal da Companhia de Cimentos de Angola, entre 1957 e 1964. Fui membro da mesa da assembleia geral da

Companhia de Cimentos, de Moçambique, desde data que não posso designar até Julho de 1958, altura em que passei a desempenhar funções de administrador.»

Acentuando:

«Não fui intermediário. Negociei por conta própria. Era comprador e exportador.»

O juiz-presidente: «Que vencimentos auferia, sr. Sommer Ribeiro?»

A testemunha: «Não me recordo. Havia gratificações no fim do ano, E os aumentos foram sucessivos.»

Observação do magistrado-presidente: «Ninguém se esquece do seu primeiro ordenado.»

A contradita diz: «O depoente auferiu 1800 contos sem qualquer risco.»

O Sommer Ribeiro: «Esse dinheiro foi o produto da percentagem que arrecedei, à qual já fiz referência. Riscos? Não me recordo de ter corrido qualquer um.» Acrescentando: «Não averiguava junto das empresas cimenteiras as suas condições de materiais. Efectiva-

mente, havia na E. C. L. uma secção técnica, comum às outras empresas cimenteiras.»

Objeção do magistrado: «Se as companhias de Moçambique e Angola tinham representantes em Lisboa, por que é que as aquisições e exportações não eram feitas directamente por aqueles, evitando-se assim, os lucros do intermediário?»

O depoente: «Essas delegações funcionavam mais como secretarias.» Prosseguindo: «Nunca fui proprietário das acções nas Companhias de Angola e Moçambique. A pedido de quem participei nas assembleias gerais, não me recordo.»

«A sua permanência nos lugares que ocupa depende, unicamente, da vontade de António Champalimaud?»

«Sim, é exacto.»

SALDOS

Electrodomésticos

Ocasão única para comprar nas melhores condições

A pronto e a prazo

CASA MAX

4 Estabelecimentos em ligação com a DADO
2-C — Av. Praia da Vitória — 2-F
193-A — R. D. Estefânia — 193-D

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a fábrica. Av 5 de Outubro, 203, r/c eq (Ao Campo Pequeno) — Telefone 771639

VENDA AO PÚBLICO

CAMISAS POR MEDIDA HIRONDELLE

R. Pedro Nunes, 39 (ao Saldanha)

SALAS DE ESTUDO FERNANDO PESSOA

(EXTERNATO NOCTURNO)
ADMISSÕES AOS INSTITUTOS E CURSOS LICEAIS
— NOVO ANO LECTIVO —

Secções preparatórias para externos (num só ano)

LICEU — SECÇÃO DE CIÊNCIAS NOCTURNA
RUA BUENOS AIRES, N.º 8 e 8-A — LISBOA
TELEFONES 69 12 52 — 67 64 49

A MODA FEMININA DE ONTEM E DE HOJE SERÁ EVOCADA NO I SALÃO INTERNACIONAL DE VESTUÁRIO, CALÇADO E ADORNOS

Promovido pela Associação Industrial Portuguesa inaugura-se amanhã com a presença do Chefe do Estado o certame FILMODA — Salão Internacional de Vestuário, Calçado e Adorno — iniciativa realizada em Portugal pela primeira vez.

O FILMODA é como que uma extensão da Feira Internacional de Lisboa e destina-se a promover uma actividade produtiva que nos últimos anos vem adquirindo significativa importância no contexto da economia nacional.

Esta manhã os organizadores do certame promoveram uma visita pré-inaugural para os representantes dos órgãos da Informação que percorreram demoradamente o vasto recinto da exposição cuja área totaliza 12 mil metros quadrados.

Estão presentes 332 expositores procedentes de 13 países, entre os quais 195 portugueses. As restantes nações representadas são: Alemanha (27 expositores), Austria (1), Dinamarca (9), Espanha (9), E. U. A. (12), França (20), Grã-Bretanha (16), Holanda (1), Itália (35), Japão (1), Suécia (1) e Suíça (6).

Os diversos «stands», alguns de muita elegância e bom gosto distribuem-se pela nave central do Pavilhão A da Feira Internacional de Lisboa e respectivas galerias, ocupando também o pavilhão FG.

No primeiro piso da nave central localizam-se as confecções e seus equipamentos, perfumaria, joalharia e artigos de beleza. O segundo piso é ocupado pelos expositores de calçado, cortumes e marroquinaria. Nas galerias, prolongando-se até ao Pavilhão FG efectua-se ainda duas outras manifestações integradas no âmbito do certame: a Exposição de Moda Feminina de Ontem e de Hoje, que permite observar os aspectos mais curiosos da evolução do vestuário e a exposição de colchas fabricadas em fio de linho executadas pelas participantes no Concurso Rainha do «Tricot», 1971, organizado pela Empresa Fabril do Norte.

Estão ainda patentes ao público «stands» do Fundo de Fomento da Exportação, Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra, Grémio Nacional dos Industriais de Calçado, Grémio Nacional dos Industriais de Cortumes, Grémio Regional de Indústria de Vestuário, Associação Comercial de Lisboa e Associação Industrial Portuguesa, entidades que deram a sua colaboração à iniciativa.

O FILMODA decorrerá de 17 a 26 deste mês, havendo quatro dias exclusivamente consagrados a visitantes. Um dos objectivos principais do certame é proporcionar o contacto entre produtores e comerciantes de todo o País, já convidados a comparecer tanto pelos expositores como pelos organizadores. Prevê-se ainda que do estrangeiro venham numerosos compradores, encontrando-se ainda programado a deslocação de várias visitas colectivas de importadores britânicos de calçado e confecções, organizadas de colaboração com o Fundo de Fomento do Expor-

tação.

Ainda no âmbito do Salão FILMODA efectua-se nos dias 20, 21, 22 e 23 um colóquio sobre Confeccções e Calçado no qual participarão indus-

triais e as entidades oficiais mais directamente ligadas a aqueles sectores, bem como passagem de modelos femininos, masculinos e infantis, durante sete dias.

Artes plásticas

Pintor brasileiro
no Palácio Foz

O artista brasileiro Alexandre Ferreira de Oliveira realiza, no Palácio Foz uma exposição de pintura que será inaugurada amanhã às 18 horas.

Abono de família para agricultores e empregados de bares e casinos

Por despacho do secretário de Estado do Trabalho e Previdência foi determinada a manutenção do direito ao abono de família aos profissionais representados pelos Sindicatos Nacionais dos Toureiros e dos Empregados da Banca dos Casinos durante os meses de inactividade. Relativamente aos inscritos no primeiro sindicato o abono de família subsistirá fora da época tauromáquica.

condicionado embora a idêntico número de meses de actuação durante a época anterior. Quanto ao pessoal das casas de jogo dos casinos que funcionem em regime de zona temporária, deverá também o mesmo direito ser mantido durante a época do encerramento obrigatório em igual número de meses em que tiver sido exercida a profissão durante o tempo de jogo.

VX 4/90

A FÓRMULA DUM GRANDE CARRO

Exaustivamente experimentado nos Campos de Treino de Millbrook, em Inglaterra, o VX 4/90 provou constituir, numa versão inteiramente nova, aquilo a que poderemos chamar a fórmula absoluta de um grande carro.

6 VELOCIDADES PARA OCONDUZIR 112 HP!

Com overdrive comandado electricamente na 3ª e 4ª, o VX 4/90 dá aos seus 112 HP às 5 000 r.p.m. 6 oportunidades de resposta. Motor de árvore de camos à cabeça, com cilindros inclinados a 45° para menor esforço e desgaste dos pistões. Válvulas de escape e de admissão distribuídas alternadamente para um aquecimento mais homogéneo do bloco. Equipado com 2 carburadores de tiragem lateral e de depressão constante para melhor performance e economia.

UMA SEGURANÇA DEFINITIVA

Parte fundamental da fórmula do VX 4/90. Assegurada por uma carroçaria monobloco, com zonas amortecedoras em caso de choque. Pela coluna de direcção compressível. Por travões hidráulicos de circuito duplo, de disco, assistidos por servo-freio que obedecem logo, sem esforço, num espaço mais curto. As jantes — tipo Rostyle — não só elegantes mas, sobretudo, largas, equipadas por pneus radiais (165 SR 13) permitem ainda maior aderência e mais estabilidade.

ELEGANTE E TRANQUILO

A elegância das suas linhas, de todos os seus pormenores é quase igual ao conforto do seu andamento. Moles helicoidais à frente e atrás, seja em que piso for, dão à suspensão um equilíbrio perfeito. A direcção de cremalheira

e pinhão, é leve, precisa, directa. Volante desportivo e almofadado. Completo e funcional painel de instrumentos.

UM PREÇO IMBATÍVEL

Mais um elemento que contribui para a fórmula que tem vindo a descobrir. O VX 4/90 custa 112 643\$00. (Não inclui chape de matrícula e registo de transmissão.) Precisa mais razões para a sua escolha? Visite o seu Concessionário Vauxhall e veja por si.



TEM O TIMBRE DA QUALIDADE.



EM EXPOSIÇÃO NO SEU CONCESSIONÁRIO VAUXHALL EM LISBOA: AUTO-INDUSTRIAL — Av. Duque de Loulé, n. 93/95
MARTICAR — Rua Almirante Barroso, n. 9 — A/B/D

Medidas para proteger a Pedra de Dighton

NOVA BEDFORD (MASSACHUSETTS), 16 — (ANI) — As autoridades portuguesas, com o governador do distrito açoreano de Angra do Heroísmo, dr. Teófilo Machado Pires, estão interessados em erguer à volta e ao redor da famosa Pedra de Dighton, nas margens do rio Taunton, um monumento que, simultaneamente, proteja do desgaste do tempo aquela pedra — cujas inscrições se presume que tenham sido gravadas nos primeiros anos do século XVI, pelos companheiros do navegador Migue! Corte-

-Real — e sirva de padrão a assinalar a presença dos Portugueses naquelas paragens um século antes da chegada à Nova Inglaterra da «Mayflower» com os «peregrinos» ingleses. O advogado Edmund Dinis, que se candidata este ano a «mayor» de Nova Bedford, comunicou este desejo das autoridades portuguesas ao governador do Estado do Massachusetts, Francis Sargent, que acolheu favoravelmente a ideia, desde que o monumento corresponda também à vontade da comunidade luso-americana.

Actualidade internacional

O SENADOR McGOVERN:

AS ELEIÇÕES SUL-VIETNAMITAS SÃO UMA «FRAUDE»

SAIGÃO, 16 — (F. P.) — O senador americano George McGovern, numa declaração em que critica em termos muito ásperos a política do presidente Nixon no Vietnam, anunciou hoje que ia pedir ao congresso para cancelar completamente o auxílio ao Vietnam do Sul, se as tropas americanas não forem retira-

das completamente, em data a fixar. McGovern dirá ao presidente Nixon para aceitar como prólogo das negociações com o Governo Revolucionário Provisório do Vietnam do Sul «o fim das operações e a saída de todas as forças americanas em data fixa, bem

como o acordo sobre o cessar fogo, na altura em que forem libertados os nossos prisioneiros». O senador afirmou que as próximas eleições no Vietnam do Sul são uma «fraude» e que o programa de vietnamização tinha resultado num «fracasso espectacular». McGovern afirmou ainda que «a ocupação maciça do Viet-

nam por parte dos americanos tinha alterado e corrompido a sociedade vietnamita «num grau sem precedentes» e que as Forças Armadas americanas «se desmoralizavam rapidamente».

«Se as Forças Americanas não forem retiradas depressa e se não acabarmos com as operações militares, assistiremos a uma derrocada militar, política, económica e moral», disse o senador, numa conferência de imprensa, alguns minutos antes da sua partida de Saigão, depois de uma permanência de quatro dias na capital sul-vietnamita.

CONDENADOS EM SÃO PAULO TRÊS FRADES

SÃO PAULO, 16. — (A.N.I.) — Ao fim de dois dias de julgamento, na segunda auditoria do Tribunal Militar de São Paulo, foram condenados a quatro anos de prisão os frades dominicanos Carlos Alberto Libânio Cristo (Frei Beto), Fernando Brito (Frei Fernando), e Ives Amaral Lesbaupin (Frei Ivo), acusados de participarem na «Aliança Libertadora Nacional» organização terrorista de obediência a Pequim, chefiada pelo «leader» comunista Carlos Marighella, morto num tiroteio com a Polícia, em Novembro de 1969.

No mesmo processo, António Caldas Valena foi condenado a seis meses de prisão, e no mesmo processo, outros catorze réus foram absolvidos. Os advogados de defesa anunciaram que vão recorrer das sentenças para o Supremo Tribunal Militar. Caso as condenações sejam confirmadas, ficam a faltar dois meses para que os condenados possam solicitar a liberdade condicional, porque já estão presos há vinte e dois meses.

O PRÍNCIPE FILIPE NA HUNGRIA

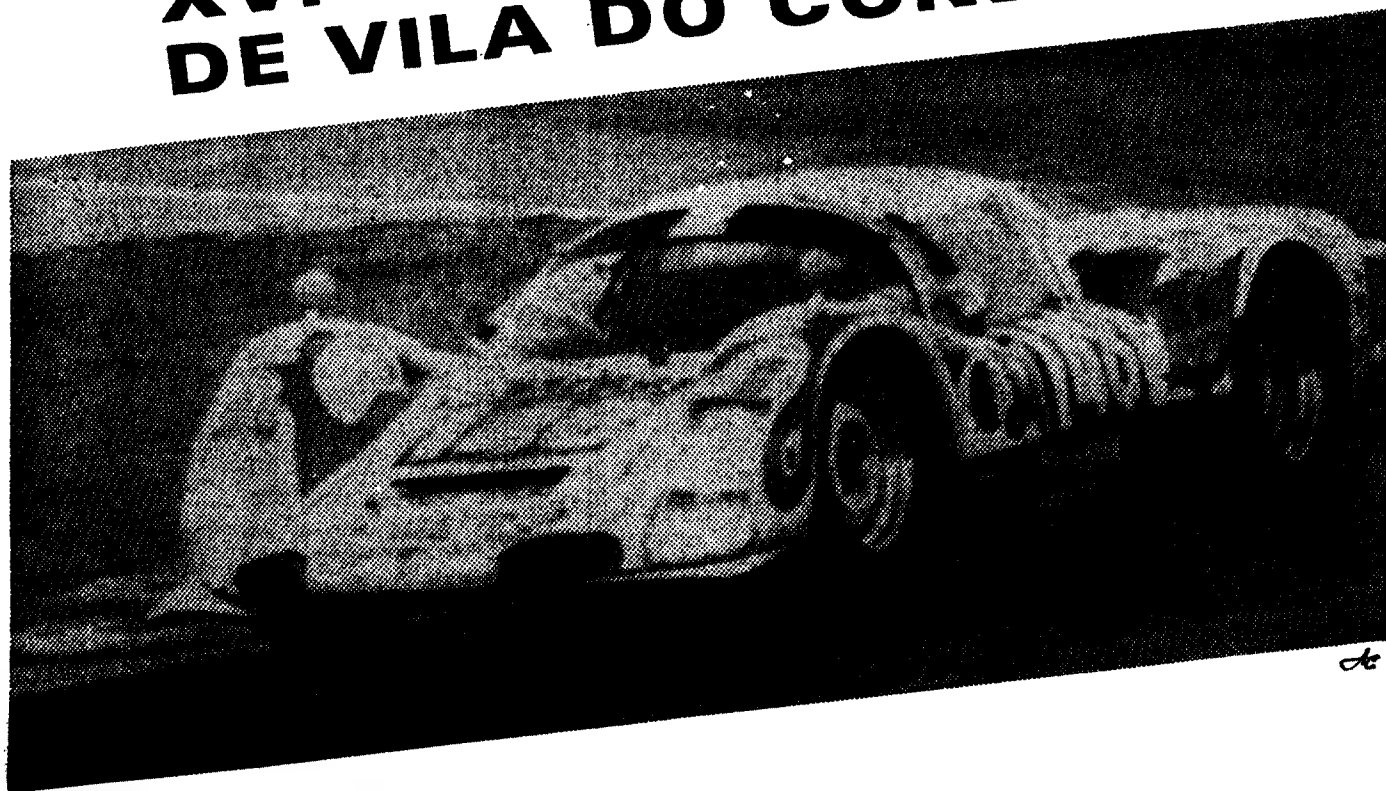
BUDAPESTE, 16. — (A.N.I.) — O príncipe Filipe de Inglaterra chega esta tarde a Budapeste, para assistir ao Concurso Internacional de Troie Atrelado, que se realiza na capital húngara. O marido da rainha Isabel desloca-se à Hungria na qualidade de presidente da Sociedade Equestre, não tendo, portanto, a sua visita carácter oficial, embora estejam previstos encontros com individualidades húngaras.

INVESTIGAÇÃO SOBRE A MORTE DOS REFÊNS DE ATTICA

ATTICA (Nova York), 16. — (A. N. I.) — O governador Nelson Rockefeller mandou proceder a uma investigação pormenorizada sobre as circunstâncias em que foram mortos os nove reféns dos reclusos amotinados da cadeia de Attica durante a reocupação do edifício pelas forças da ordem.

Robert Fischer, presidente de uma comissão sobre o crime organizado, chefeará o grupo de investigadores.

XVI CIRCUITO DE VILA DO CONDE



TRIUNFO ABSOLUTO

SACOR

CLASSIFICAÇÕES

GRUPO 1 — TURISMO DE SÉRIE	1.º — José B. Lamprea
GRUPO 2 — TURISMO ESPECIAL	1.º — Francisco Santos
GRUPO 5 e 6 — DESPORTO E PROTÓTIPOS	1.º — Carlos Santos
FÓRMULA FORD	1.º — Ernesto Neves
FÓRMULA V	1.º — A. Portela de Moraes

ESTES CONCORRENTES USARAM EXCLUSIVAMENTE PRODUTOS SACOR



COMBUSTÍVEIS LUBRIFICANTES

O HERDEIRO DO TRONO NA ROYAL NAVY

DARTMOUTH (IN-GLATERRA), 16 — (A. N. I.) — O herdeiro ao trono de Inglaterra, no seu automóvel de desporto, azul escuro, chegou a Dartmouth para iniciar a sua carreira na Armada Real.

O príncipe Carlos, com

as «asas», recentemente conquistadas como piloto da Aviação, colocadas muito correctamente pouco acima do único galão da manga esquerda, apresentou-se no Colégio Britannia, da Marinha Real, para começar a instrução como oficial de Marinha.

Uma rápida saudação uma breve conversa e Carlos — bronzeado pelas férias na Escócia, no uniforme azul da Marinha — seguiu o caminho que o levará a seis semanas de instrução.

O sangue marinho

corre nas veias dos Windsor. O bisavô de Carlos, Jorge, comandou muito tempo o «Crescent». O avô esteve na batalha da Jutlandia, na primeira grande guerra, e o pai, o príncipe Filipe, serviu na Armada, no Mediterrâneo.

ENCERRADAS POR ALLENDE AS INSTALAÇÕES DA UPI

SANTIAGO DO CHILE, 16 — (F. P.) — As instalações da agência noticiosa norte-americana United Press International, no Chile, vão ser encerradas. Foi o próprio presidente da República chilena, Salvador Allende, quem

anunciou num discurso durante uma manifestação de apoio ao Governo, organizada pela Central dos trabalhadores.

Allende acusou a agência norte-americana de «propagar notícias falsas».

ABANDONADO UM PROJECTO AMERICANO NA URSS

LLENTOWN (PENSILVANIA), 16 — (F. P.) — A empresa americana construtora de camiões Mack Truck Inc., da Pensilvânia, anunciou que o seu projecto de construir uma fábrica na União Soviética foi abandonado em virtude do Governo americano não ter dado o seu acordo.

A companhia americana e uma delegação oficial soviética tinham assinado um projecto provisório, segundo o qual Mack Truck devia conceber e construir a maior parte da fábrica de camiões do rio Kama, na URSS.

A aprovação do Governo dos EUA devia ser conseguida até 15 de Setembro. Mas a Administração americana ainda não se pronunciou oficialmente sobre o caso, pelo que a companhia desistiu, tanto mais que o secretário da defesa, Melvin Laird, afirmou recentemente que a U. R. S. S. fornecia ao Governo do Vietnam do Norte camiões eventualmente utilizáveis nos combates com as forças americanas.

SEGUNDO JORNAIS JAPONESES

NIXON NA CHINA EM NOVOEMBRO

TÓQUIO, 16 — (F. P.) — Se as circunstâncias o permitirem, é provável que o presidente Richard Nixon se desloque à China Popular em Novembro, segundo reterem, hoje, dois jornais japoneses, o «Tokyo Shimbun» e o «Sankey Shimbun».

Segundo se afirma na capital japonesa, na altura da visita, os Estados Unidos e a China farão, provavelmente, uma declaração comum sobre «a paz na Ásia». Nesse documento, Pequim prometia não utilizar a força militar contra a Formosa e Washington aceitaria retirar as tropas do Estreito da Formosa.

MISSÃO NIPÔNICA A CAMINHO

Uma missão de parlamentares japoneses partiu, ontem, de Tóquio para efectuar uma visita de duas semanas à China Popular.

A missão de 19 membros é chefiada por Fujiyama, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros e presidente da Li-

ga parlamentar japonesa para o reatamento das relações com Pequim.

Os parlamentares japoneses devem ser recebidos por dirigentes chineses no primeiro plano, para discutir a normalização das relações entre os dois países.

SERVIÇO TELEFÓNICO DIRECTO

NOVA YORK, 16 — A. N. I.) — Pequim concordou em restabelecer o serviço telefónico directo entre a China Continental e os Estados Unidos — anunciou hoje a American Telephone and Telegraph Company, acrescentando ter recebido um telegrama em que a China declarava: «concordamos com a vossa proposta de restabelecer o circuito radiotelefónico entre Xangai e Oakland».

Sem dar quaisquer explicações, a China desligou o circuito em Novembro de 1968, mas, em 3 de Setembro, foi estabelecido um circuito indirecto, através do Japão.

O grande objectivo de Nixon

(Continuação da 3.ª página)

ra para adquirirem um novo carro ou um novo frigorífico. Isso daria um impulso novo à economia e aumentaria as possibilidades de Nixon ser reeleito em 1972.

A verdade é que o discurso que Nixon pronunciou no domingo tinha muito de jacobino — frases como «o espírito competitivo dos americanos» acompanhando as exortações para que os americanos se «libertassem das dúvidas sobre si próprios», para que se mantivessem em «numero um» ou então se resignassem a passar para «numero dois ou três ou quatro».

Calar as críticas

Neste momento as conjecturas de maior interesse dizem respeito àquilo que a Administração projecta fazer quando os três meses tiverem passado. Muitos vêem as restrições como uma «paragem para ganhar fôlego» e dar tempo a que a Casa Branca ataque energeticamente a dupla espiral da inflação e do desemprego.

Há indicações de que será instituído um Conselho de Custo de Vida, composto por funcionários da Administração, o qual arranjaria uma fórmula que permita ligar os futuros aumentos de salários à produtividade. Ou então a Administração pedirá às uniões e ao management que renunciem a contratos com a duração de três anos a favor de contratos de um ano, evitando assim que

a economia fique presa a uma espiral inflacionária a longo prazo.

Se alguém precisasse de uma prova do impacto que o mal-estar económico dos E. U. A. tem sobre o resto do mundo bastaria que reflectisse noutro ponto do programa de Nixon — o encerramento da «janela de ouro» acompanhado das palavras duras que Nixon pronunciou, quando disse que o dólar «não voltará a ser um refém nas mãos dos especuladores internacionais». Como acontece com o congelamento dos preços e salários, também a não convertibilidade do dólar em ouro é temporária.

O presidente está absolutamente cansado dos «defeitos» crónicos da balança de pagamentos dos E. U. A. Segundo parece, Nixon restabelecerá a convertibilidade logo que forem abolidas as iniquidades no comércio com as outras nações.

Nixon sacrificou-se no campo internacional, curvando-se ante os chefes sindicais norte-americanos que reclamam urgentemente o estabelecimento de barreiras alfandegárias contra as importações, que, segundo eles, são as responsáveis pela perda de emprego de muitos trabalhadores americanos.

O presidente declarou também que tomaria outra medida «temporária» para proteger os trabalhadores americanos da concorrência que lhes é movida pelos trabalhadores mais mal pagos de além-mar. Essa medida foi a criação da

sobretaxa de 10% sobre as importações. Há quem pense que esta decisão irá provocar uma terrível guerra comercial entre os E. U. A. e outras nações, especialmente a R. F. A. e o Japão.

O que o presidente espera conseguir é evidentemente calar as críticas internas contra a sua política económica. Por isso efectuou o seu ataque mais directo contra a inflação e a sua tentativa mais decidida de redução da taxa de desemprego.

Nixon espera que as perspectivas sombrias da economia nacional e o desânimo dos consumidores serão dissipados. Uma moratória de três meses poderá fazer abrandar a aceleração inflacionista de modo a garantir um ganho de capital político ao presidente.

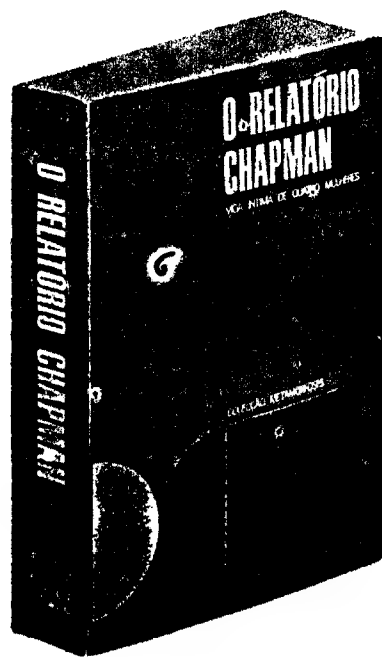
Nixon receberá críticas de muitos quadrantes, incluindo as das uniões que ainda não negociaram os seus contratos. Entre estas conta-se a União dos Estivadores, e as uniões que representam os trabalhadores aeroespaciais e os trabalhadores das minas de carvão. Contudo o certo é que as uniões mais importantes já assinaram os seus contratos.

Não restam dúvidas de que o discurso que o presidente Nixon proferiu no dia 15 à noite, foi um passo dos mais extraordinários que podem esperar-se de um presidente partidário do «laissez-faire». O programa tem profundas implicações para os 200 milhões de norte-americanos e para muitos outros milhares de pessoas de todo o mundo.

20, 50 ou 100\$00 POR MÊS

E PODERÁ ADQUIRIR ALGUNS DOS MAIORES ÉXITOS DE 1968/1971 (AUTORES ESTRANGEIROS)

SE NOS ENVIAR ESTE ANÚNCIO-REQUISIÇÃO ATÉ 31 DE OUTUBRO RECEBERÁ, GRATUITAMENTE, O LIVRO TRES CONTOS, DE MAXIMO GORKI E UMA REPRODUÇÃO DE ARTE PRÓPRIA PARA EMOLDURAR



A NUDEZ DE TUA FILHA

Myron S. Kaufman

Neste romance, o autor aborda um assunto de interesse universal: que comportamento espere hoje de uma rapariga solteira os seus pais, os seus amigos, o homem que ela ama? E que espera ela de si própria? Uma obra corajosa que descreve a conquista de uma dignificação em que cabem o erotismo e a espiritualidade.

Colecção METAMORFOSES

2 volumes / 1300 páginas / 190\$00

DOSSIER DO CONFLITO ISRAELO-ARABE

Colaboração de intelectuais árabes e judeus. Com um prefácio de Jean-Paul Sartre (Número especial da revista «Les Temps Modernes», com a colaboração de intelectuais árabes e judeus.) «...desejamos que os nossos leitores achem tempo para meditar estes artigos, e que, esquecendo as suas simpatias e repugnâncias, procurem pacientemente, na sua complexidade, e nas suas contradições, a verdade».

J. P. Sartre

Colecção AS PALAVRAS E AS COISAS

1050 páginas / 140\$00

OS MÉDICOS MALDITOS

Christian Bernadec

A aventura criminosa das experiências biológicas dos investigadores nazis nos campos de concentração.

Colecção OFÍCIO DE VIVER

272 páginas / 50\$00

OS MÉDICOS DO IMPOSSÍVEL

Christian Bernadec

Um inquérito elucidante à resistência aos médicos nos campos de concentração nazis. Um livro de que somos os mais sensíveis a sangrar, e mais conscientes da que pode significar este palavra «homem».

Colecção OFÍCIO DE VIVER

500 páginas / 48\$00

O COMBOIO DA MORTE

Christian Bernadec

Episódio verídico da deportação nazi, o horror da realidade concentracionária fielmente descrito.

Colecção OFÍCIO DE VIVER

406 páginas / 70\$00

COMANDOS PALESTINIANOS CONTRA ISRAEL

Jacques Mansour Vergès

Quais as razões, morais ou políticas, da resistência palestina? É este o tema — actual por quanto tempo ainda? — desta obra do advogado Jacques Mansour Vergès, a quem os tribunais de Atenas e Zurique impediram de assumir a defesa dos comandos palestinos.

Colecção OFÍCIO DE VIVER

170 páginas / ilustrado / 45\$00

ASAS DE ISRAEL

Ben Dan

Como se tornou possível o meteórico triunfo da aviação israelitana no «Guerra dos Seis Dias»?

Colecção OFÍCIO DE VIVER

210 páginas / ilustrado / 50\$00

O LIVRO VERMELHO DOS CABULAS

Jean-Charles

As reformas sucedem-se, os ministros passam e os cabulas ficam. Depois da «Antologia dos Cabulas» — esse imenso éxito do riso da que se vendeu em França um milhão de exemplares, eis a sua continuação, com novas «perlas» tão engraçadas como as anteriores.

220 páginas / 40\$00

☐ CONTRA REEMBOLSO (sem mais encargos) ☐ CRÉDITO INOVA, A PAGAR..... (1) POR MÊS (Assinalar com um X os quadros correspondentes à modalidade de pagamento e aos livros escolhidos)

NOME.....

ENDEREÇO.....

PROFISSÃO (2).....

IDADE.....

LOCAL DE TRABALHO (2).....

(Nome do firma e endereço)

(1) Indicar a prestação mensal que deseja pagar (20, 50 ou 100\$00 por mês, conforme o valor da requisição não ultrapasse 200, 500 ou 1.000\$00). Os portes e despesas de cobrança são de conta do cliente.
(2) Estas indicações são necessárias somente para o sistema de CRÉDITO INOVA. No caso de estar inscrito, os livros requisitados serão debitados na sua conta.
(A modalidade de Crédito Inova não é extensiva ao Ultramar — para o Ultramar os envios são efectuados somente contra reembolso.)



Yazalde. Ele foi espectáculo na noite de Alvalade

QUEM QUER CONTAR COM YAZALDE?

O Sporting bateu o Lyn de Oslo por 4-0 no jogo ontem disputado em Alvalade perante cerca de vinte mil espectadores. Este, o facto, o resultado que conta e já com uns «pósinhos» de permissão; a vantagem que praticamente coloca a equipa «leonesa» na segunda eliminatória da Taça dos Vencedores de Taças — uma vez que, na Noruega, os noruegueses não poderão mostrar muito mais do que aquilo que mostraram na «soirée» lisboeta.

Mas falando de mais, há mais. Yazalde, por exemplo — e como exemplo distinto. Quaisquer dúvidas que «pudessem» subsistir em relação ao seu valor, já não podem. E não podem porque Yazalde, ele só (quando e quem conta com Yazalde?) levou a capricho dar cabo delas. E deu. Ontem — agora sim, por exemplo — o excelente jogador argentino jogou e fez jogar naquele e daquele jeito que define os futebolistas de primeira superior. O público compreendeu-o e rendeu-se-lhe. E a equipa acabará por jogar para Yazalde do mesmo modo que Yazalde joga para a equipa. Será uma questão de tempo... mas impõe-se que haja pressa, pois tempo é coisa que o Sporting já não tem. Como todos os outros.

E depois de Yazalde, Lourenço. Ele foi alegre e alegre. Jogou como se estivesse em causa mostrar que jogava. E creditou-se com uma exibição individual muito positiva na positiva actuação global da sua equipa. O que não é fácil.

Dinis. Aquele afã de baixar a bola que os noruegueses teimavam em levantar. Aqueles «raids» plenos de imprevisto, em que ninguém sabe qual vai ser o passo

seguinte ou a «finta» que se segue. Gostámos de Dinis...

... E do Sporting, de uma maneira geral. Só Damas parece algo distante de si mesmo, a atravessar uma alta crise de «forma» e de confiança. Mas os «outros», todos eles, estiveram lá — iguais na determinação e no esforço.

Quanto aos homens do Lyn, pois eles são muito bem constituídos, muito atléticos, são também muito correctos (pelo menos foram) — mas quanto a futebol, temos dito: terão que vir muitas vezes até cá ou até outros lados onde o futebol é mesmo futebol.

Os golos: o primeiro, de Yazalde, a correr no momento certo e a aproveitar a posição adiantada do guarda-linha para a colar às malhas; o segundo, aos dezanove minutos e oito minutos depois do primeiro, por Lourenço, num remate à primeira-roupa em que beleza e eficiência lhe deram as mãos; e os dois restantes, a dois minutos do fim e já quando se pensava que aquilo ia ficar assim mesmo, pois a sorte nada queria com os «leões» — os dois últimos com presença espectacular de Yazalde em ambos e Marinho a marcar o primeiro e Lourenço o segundo. E os golos — muitos — que ficaram por marcar. Enfim, 4-0. Resultado escasso. E quando 4-0 é resultado escasso pouco mais há a acrescentar.

O Sporting utilizou: Damas; Pedro Gomes, Caló, Laranjeira e Hilário; Wagner (Gonçalves) e Nelson; Chico (Marinho). Yazalde, Lourenço e Dinis.

No que respeita ao trabalho do árbitro italiano Francesco Francescone, ele foi isento e esteve certo.

C. S.

ANGOLA NO «TAP»

A Comissão Desportiva do Automóvel e Touring Clube de Angola, informou o secretário da prova que foram designadas as duas equipas que representarão Província no Rallye Internacional TAP.

A escolha recaiu em Henriques Guerra Cardão-Manuel Carlos do Amaral, que tripulará um «Opel Record Rally» e Alfredo Rui do Carmo-Luís Filipe Pires da Silva, que utilizarão um «BMW».

Pelo que se sabe ambas as formações dispõem de «palmares» de muita valia... A primeira equipa é esperada em Lisboa, o próximo domingo.

HÓQUEI EM PATINS

Com jogos no Pavilhão dos Desportos de Lisboa (Salesiana-Cuf) e do Académico (Porto-Infante de Sagres) teve ontem início o Campeonato Metropolitano da 1.ª divisão em hóquei em patins.

Em Lisboa, a Salesiana derrotou naturalmente a Cuf, firmando-se como um sério candidato ao título. Com 3-1 ao intervalo os salesianos terminaram vencedores por 4-2 com dois golos de Chana e outros dois de pai e filho «Virgílios».

No Porto (Infante de Sagres) e F. C. Porto empataram por 5-5 num jogo que o Infante de Sagres chegou a estar a vencer por 4-0 depois de 2-0 ao intervalo.

Wolverhampton, 3 — Académica, 0

MR. ROBINSON ASSIM O QUIS

Previas-se a derrota da Académica. Temia-se mesmo este encontro, dadas as características do futebol inglês e o actual momento da equipa coimbrã. E, se é certo que apesar de tudo isso ainda se depositavam certas esperanças no comportamento dos estudantes, ninguém terá pensado muito a sério na hipótese dos portugueses fazerem um brilhante. E no entanto pouco faltou para isso... Por exemplo — se um tal Mr. Robinson, um típico inglês de Manchester, não tivesse estado no relvado munido de uma bandeira que não se levantava aquando dos fora-de-jogo britânicos, talvez o 3-0 não se

tivesse verificado. Mas Mr. Robinson resolveu as coisas à sua maneira e nada mais há a dizer deste senhor a não ser que escamoteou o resultado todo, permitindo que os dois últimos golos dos ingleses fossem obtidos em escandalosa irregularidade.

A Académica surpreendeu. Actuando com muita serenidade e com muitas cautelas defensivas, os estudantes relembraram o seu velho estilo e desataram a trocar a bola entre si, fazendo o adversário correr atrás dela sem lhe tocar. Foram muitos os minutos em que a Académica jogou assim. E

(Continua na página seguinte)

«Liguihas» secundários

Depois da jornada de ontem, Covilhã, Fafe, Sanjoanense, Sacavenense e Seixal têm já assento na 2.ª divisão. A duvida quanto ao último preenchimento será resolvida no próximo domingo, no jogo em que Luso e Lusitano de Évora se irão defrontar.

Resultados da jornada: Covilhã, 2-Sanjoanense, 0; Fafe, 3-Vizela, 1; Sacavenense, 5-Luso, e Seixal, 2-Lusitano, 0.

Prosseguiu, ainda, a «repescagem» para a 3.ª divisão não se vislumbrando ainda quais as apuradas.

Resultados da jornada: P. Castelo, 1-Trancoso, 0; Guarda, 10-Momenta da Beira, 0; Santarém, 1-V. Franquense, 0; C. Branco, 3-Campomaiorense, 2; V. Novas, 0-Beja, 0; e Algés, 0-Moura, 2.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 2 DA 11.ª ÉPOCA (19/9/71)

Açores — 2x1 x2x 11x 11x1; O Alcoa — 2x1 x21 11x 11x1; Badalada — 111 121 1xx 12x1; Beira Baixa — 21x x21 111 1x11; Brados do Alentejo — 121 111 x21 121x; Cavaleiros do Ritmo — x11 2x1 21x1 1x11; Comércio de Portimão — 121 221 111 1221; O Comércio do Porto — 211 x21 111 1111; Correio dos Açores — 2xx x11 111 1x11; Correio de Coimbra — 211 x21 1x1 1x11; Defesa de Espinho — 211 211 111 1111; Diário do Minho — x1x x21 111 1111; Diário do Sul — x1x x11 111 2xx1; O Distrito de Setúbal — 2x1 22x 1x2 1111; Eco de Estremoz — 21x x21 1x1 11x1; Ecos de Cacia — 21x 221 121 1211; Ecos do esporte — 2x1 x21 111 1x11; Emissora Oficial da Guiné Portuguesa — 2x1 12x 121 12x1; Estrela da Manhã — xxx 12x 11x 21x1; A Ilha — 2x1 x2x 111 1x11; Imagens Piedenses — 1x1 11x 11x 1x1x; Jornal do Barreiro — 2xx 222 11x 1x11; O Jornal de Felgueiras 11x x2x 11x 1x11; O Jornal da Lixa — 2x1 12x 111 1x11; Jornal de Viseu — 221 221 1x1 1211; Linhas de Elvas — x11 x2x 111 1x11; Maria da Fonte — 1x2 122 12x 1221; O Norte Desportivo — x1d x21 1x1 1221; Notícias de Chaves — 1x1 221 111 1x11; Notícias de Felgueiras — x11 x2x 111 1x11.

Rabeca — 211 x11 121 11x1; Rádio Alitude — 211 x2x 112 1xx1; Rádio Oceano — 2x1 21x 111 x112; Renovação — 2x1 x2x 11x 1111; Revista de Som — 211 x21 111 12x1; O Telégrafo — 2x1 x22 111 1x21; O Templário — x11 121 111 1x11; Voz de Lamego — 211 122 x11 1211; Novidades — 211 x11 122 1x11.

portivo — 211 1xx 111 1211; Quadrante Norte — 211 x21 112 12x1; Reconquista — 211 12x 111 12x1; Repórter do Dia 2x1 x21 11x 12x1; Repórter do Dia (Angola) — 211 x21 11x 12x1; Resenha Desportiva — x11 121 11x 1x11; O Sorriso da Hora do Almoço — 111 111 111 1111; A Voz do Domingo — 11x 121 11x 1x21; A Voz dos Rídiculos — 1xx 222 11x 1111; A Voz da Casa Pia — 211 x21 111 1x11.

Colina Sagrada — x11 x21 121 1211; A Comarca de Arganil — x11 x21 111 1x21; Comércio de Gondomar — 111 x11 111 1211; O Comércio de Gaia — 111 x11 111 1211; O Comércio de Guimarães — 121 112 111 1221; O Comércio de Leixões — 21x 121 12x 1x11; Correio do Douro — 211 x2x 111 1x11; Correio do Vouga — 11x 22x 11x 1111; De Tudo Um Pouco — x11 221 11x 1xx1; As 10 Espere Por Nós — x11 x2x xx2 1221; Diário de Coimbra — 21x 221 11x 1111; Diepe — 211 x21 112 1x11; O Distrito de Portalegre — 211 1xx 1xx 1211; Eu Sei Tudo — 21x x21 111 1x11; Flama — 211 121 111 1x11; Folha do Domingo — 111 x11 112 1x11; Dos Fracços Não Reza a História — 211 1x1 121 1x11; Gazeta das Caldas — 2x1 x2x 12x 1x21; Jornal das Aves — 2x1 x21 1x1 1x11; O Jornal da Graça — 1x1 221 11x 11x1; Litoral — 2x1 12x 111 xx21; Mosaico — 212 x21 112 1211; Notícias do Douro — x21 121 111 11xx; A Ordem — 112 x2x 21x 12x2; Programa Sem Nome — xxx 221 112 12x1; Quadrante Des-

Auto Rádio — x11 x11 1x1 1211; Boletim Desportivo TA — 221 221 11x 1111; Campeon. Português — 111 x11 1x1 1211; Estúdio 64 — 211 xx1 1x1 1211; Jornal Notícias — 21x x11 11x 1x21; A Lição do Menino Quim — 211 2x1 111 1111; Manchete Desportiva — 2x1 22x 112 1111; Miscelânea Musical — 2x2 x21 11x 22x1; Montra do Exito — x11 121 112 1x11; Música e Desporto — x1x x21 1x2 12x1; Penalti — 21x 221 111 1111; Placard Desportivo — 2x1 x11 1x1 1211; Programa da Manhã — x11 22x 111 1xx1; Rádio Desporto — 2x1 12x 1x1 1x21; Rádio Placard — 211 x11 1x1 1211; Só Rádio — 2xx 221 111 1121; Primeiro de Janeiro — 211 x2x 112 12x1; Rádio Sportsa — xxx x11 111 1111; O Avos. tolado — 2x1 x2x 12x 1221; O Comércio — 211 x2x 111 1111; Diário — 2x1 2x1 111 1x11; Notícias do Totobola — 211 x21 111 11x1; Canal 18 — x11 12x 112 1xx1; Actualidades Desportivas — 211 11x 221 2111.

CONCURSO N.º 2 11.ª ÉPOCA

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. Catania-Milan	27	24	69	3	2	7
2. Sampdoria-Genova	69	40	11	7	4	1
3. Bologna-Lanerosi	89	23	8	9	2	1
4. Atalanta-Roma	34	28	3	3	6	3
5. Arezzo-Fiorentina	12	25	83	1	2	9
6. Burgos-Cordoba	75	35	10	8	3	1
7. Sevilla-Málaga	112	5	3	10	1	1
8. Corunha-R. Sociedade	82	21	17	8	2	2
9. Granada-Espanhol	65	36	19	6	4	2
10. Valencia-Gijon	111	5	4	10	1	1
11. Bilbao-At. Madrid	38	46	36	4	4	4
12. Sabadell-Betis	72	32	16	7	3	2
13. Real Madrid-Celta	109	5	6	10	1	1

E a chave lógica será: 2x1 X21 111 1X11

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

"ARRISQUE" 50500...

E RECEBERÁ 3 LIVROS SURPRESA.
(NO VALOR DE 12000) A COBRANÇA PELOS CTT. SEM MAIS ENCARGOS. SE OS LIVROS ENVIADOS NÃO LHE INTERES- SAREM, PODERÁ DEVOLVÊ-LOS NO PRAZO DE 3 DIAS, SOB REGISTO, E SERÁ IMEDIATAMENTE REEMBOLSADO.

RECORTE ESTE ANÚNCIO E ENVIE-O À EDITORIAL INOVA/APARTADO 466/PORTO
NOME
ENDEREÇO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

F. C. PORTO: MALAPATA EUROPEIA

• Falta de remate e erros de organização na base de mais um resultado negativo

Dos quatro jogos que vimos a equipa «azul-branca» fazer no seu estádio neste princípio de época, apenas ganhou um contra os chilenos, que também jogaram em Lisboa, frente ao Sporting e igualmente saíram derrotados.

Já no passado domingo contra o Benfica, os portistas deixaram ver os erros que vão na equipa. Ontem, frente à ingénua equipa do Nantes, esses mesmos erros voltaram a sobressair e não houve uma reviravolta na equipa, capaz de os neutralizar. Antes pelo contrário, os franceses exploraram-nos bem e, especialmente, na segunda metade do desafio, salientaram-se. E que os defesas laterais são francamente maus. Estão em nítido abaixamento de forma e, por isso, o seu adversário não tem grandes dificuldades em os ultrapassar e oriar perigo junto da baliza portista, ontem à guarda de Armando, já que Rui se lesionara contra o Benfica.

No meio-campo apenas Pavao parece estar em forma, ainda é ele o homem que corre, que finta, que vira o jogo, que serve o companheiro melhor desmarcado.

Na linha da frente, só Abel parece estar em condições. Os restantes não têm dado grande conta de si e, ontem, voltaram a repetir a sua má forma.

Posto isto, vale a pena perguntar se Flávio será o homem capaz de resolver os problemas (grandes problemas, acrescenta-se) deste F. C. Porto-71. Parece-nos bem que não. Mas o tempo o dirá...

A equipa francesa que esteve nas Antas é demasiado ingénua mas portou-se muito bem contra este F. C. Porto a claudicar aqui e ali. E sobressaiu ainda muito mais, quando no segundo tempo passou a fazer jogo pelos extremos, que não tiveram grandes dificuldades em levar de vencida os defesas laterais «azul-brancos».

Jogando numa toada defensiva, como convinha, pois a eliminatória é em duas «mãos» os gauleses conseguiram segurar bem o jogo no seu sector defensivo, onde a antecipação foi arma que esteve sempre em evidência. E portaram-se tão bem neste sector, que os portistas conseguiram o seu primeiro remate à baliza de Fouché (por sinal ao poste) quando estavam decorridos 30 minutos da primeira parte. Ora este pormenor é mais que evidente da falta de penetração e de futebol imaginativo que tiveram os dianteiros da casa, para penetrarem no último reduto adversário.

Embora conseguisse dois

golos um tanto ou quanto fortuitos, a verdade é que a equipa francesa mereceu muito justamente a vitória, pois foi a equipa que mais lutou, a que melhor soube adaptar-se às circunstâncias do jogo e a que melhor soube aproveitar os «fracos» do adversário.

O irlandês Byrne foi o juiz da partida. Esteve bastante incerto, mas o seu trabalho em nada beneficiou ou prejudicou o resultado.

Marcos foi o autor dos dois golos e as equipas alinharam assim:

F. C. PORTO — Armando; Gualter, Manhiça, Valdemar e Leopoldo; Pavao, Bené e Ricardo; Lemos, Abel e Nóbrega.

FERNANDO PASSOS



Houve luta nas Antas. Intensa, constante. E, no final, a desilusão do resultado

UNIÃO DE TOMAR À FRENTE NA RECTA FINAL PARA A I DIVISÃO

A «Candeia» mudou de mãos. Agora é o União de Tomar que surge na frente, à entrada da recta final desta emocionante corrida para a 1.ª Divisão, merceda sua vitória sobre a surpresa marinhense, que agarrava o facho na primeira jornada.

Diz-se que «candeia que vai à frente alumia duas vezes», mas a luz ainda não é suficiente, para ver claro nesta competição. Contas, são inúmeras as que se podem fazer e, se as fizermos, verificamos que qualquer das quatro equipas têm ainda ao seu alcance a subida ao pódio de dois lugares. E, até pode suceder que a última jornada (a próxima) não seja a última...

V. Tomar, 3-
Marinhense, 0:
tão mau, tão mau
que até fez impressão!

Com ou sem atenuantes Marinhense e U. Tomar proporcionaram ontem aos muitos espectadores que se deslocaram à Tapadinha um mau espectáculo de futebol.

Depois de uma primeira

parte demasiadamente má U. Tomar teve a felicidade de inaugurar o marcador logo aos 2 minutos do período complementar.

Foi fácil aos tomarenses tomarem conta do jogo e abrirem por completo a até aí muito segura defesa marinhense.

O U. Tomar pareceu-nos uma equipa com técnicos a mais. O querer executar bem tira aos tomarenses a luta e a garra sempre necessárias em partidas deste carácter e que, por vezes, traz como consequência alguns dissabores.

Quanto ao Marinhense, a equipa mostrou-se «pesada» e pouco evoluída tecnicamente e só muito dificilmente poderia ter levado vantagem no jogo de ontem.

Marcadores: Bolota (47 m), Calado (63 m) e Pavao (68 minutos).

CARNEIRO JACINTO

Leixões-Varzim:
empate sem golos
num jogo que os merecia

Leixões e Varzim deram, na cidade de Guimarães,

uma luta viva em que os jogadores se empregaram continuamente com uma vivacidade invulgar, um querer e um denodo bem significativos da sua imperiosa necessidade de vitória.

O quase incrível aconteceu. De ambos os lados construíram-se ocasiões de golo às mãos cheias. O futebol exibido foi de excelente quilate e mais parecia que as equipas se apresentaram preparadas em adiantado de forma.

O Leixões, com maior número de elementos mais jovens, ter-se-á mostrado a equipa de mais velocidade atacante, embora nalguns casos os seus jogadores tivessem progredido demasiado com a bola, prejudicando o conjunto.

O Varzim que terá denunciado menos velocidade nos seus processos de ataque, foi igualmente muito perigoso em jeito de contra-ataque.

O empate está absolutamente certo. Nenhum merecia perder numa partida que ainda por cima foi de uma correcção extrema.

A. ABEL

Wolverhampton-Académica

(Continuação da pág. anterior)

apesar de ter sofrido um golo nos primeiros 45 minutos (na sequência de um pontapé de canto), quando o segundo tempo começou pairava a sensação de que a Académica seria capaz de alcançar o empate. Uma sensação que terminou no minuto 62, exactamente no início do «show» de mr. Robinson. Um «show» que teria ainda outro capítulo — faltavam 10 minutos para tudo acabar e o Wolverhampton marcou o 3.º golo. Um golo em «off-side» nítido, que esteve na origem de um protesto colectivo dos portugueses, que não conseguiram demover mr. Robinson da sua atitude inflexível. E foi assim que o resultado se construiu.

É claro que o Wolverhampton também «fez pela vida» — nos 90 minutos que o encontro durou eles não pararam de correr, foram sempre perigosos e mostraram que mesmo em Coimbra vão ser um caso muito sério.

Apesar de tudo uma indicação preciosa veio de Inglaterra — afinal, os problemas que a Académica tem na defesa são resolúveis, como o demonstrou a exibição desse sector.

A Académica jogou com: Melo; Feliz, Alinho, Belo e Marques; Simões, Mário Campos, Gervásio e Vitor Campos; Manuel António e Serafim.

Arbitrou o húngaro Istvan Zsold, auxiliado por dois ingleses: Rogers (de Derby) e Robinson (de Manchester).

NO TIROL CANTA-SE BENFI-I-I-CA

Fácil... depois que tudo passou. Porque não há jogos fáceis nestes torneios europeus de que a Taça dos Campeões é expoente máximo...

Fácil foi, mas o caminho da facilidade teve de ser traçado, aplinado. Disso se encarregou — e bem — a máquina benfiquista, que parece, efectivamente, neste princípio de época, a caminho do rendimento que levou o clube à conquista das maiores glórias europeias, em tempos não muito recuados.

A actuação benfiquista, neste jogo frente aos campeões do país das valsas, foi de harmoniosa... sinfonia, com os andamentos necessários. «Moderato», «allegro», «vivace» — de tudo teve a orquestra benfiquista frente ao Wacker, no Estádio-Auditorio Tivoli, de Innsbruck, capital do Tirol.

Moderados, primeiro, não

fosse o diabo tecê-las, os benfiquistas foram a pouco e pouco tomando conta do jogo, frente a um adversário que se mostrou sempre muito respeitoso e admirador da categoria duma orquestra recheada de solistas, alguns mesmo virtuosos.

... De repente, uma nota subiu mais alto, ferindo, mas sempre harmoniosa: Jaime Graça escapa-se, solista, mas seguindo sempre a orquestra e, em jogada de virtuosidade, termina o crescendo: 1-0 na baliza de Rettensteiner, aos 19 minutos. Foi o mote para novo andamento, mais «allegro». E no desenvolvimento do tema, demoraram 5 minutos para novo toque a rebato nas hostes da equipa tiroleza: Artur Jorge elevou para 2-0 e, a partir daí, estava encontrado o caminho da facilidade, que até ao intervalo não mais

deixou de caracterizar a execução benfiquista.

O segundo tempo começou praticamente, com uma «ffia» de Artur: jogada mais agressiva, visando o médio Francescine, justificou a decisão do árbitro em expulsar o defensor benfiquista. Reduzida a dez, a turma lisboeta voltou a toada moderada, mas o adversário não deixou de temer, já-mais ousou: o respeito é uma coisa muito bonita.

A expulsão de Artur foi aos 10 minutos. Dezoito minutos depois, Simões dava lugar a Zeca, mas o ritmo da equipa continuou sem alteração, pausado por absoluta confiança, «ma non tropo». Até que, aos 37 minutos, Eusébio, marcadíssimo durante todo o jogo, teve o seu «improviso» e, claro, foi golo. E a orquestra passou de pronto a um andamento «allegro-vivace». Foi o

melhor período da equipa, com os austríacos, jogadores e público, absolutamente rendidos ao brilho da interpretação benfiquista. Pouco depois Jordão substituiu Nené, estreando-se nestas andanças e, na procura dum lugar ao sol, perfeitamente ao seu alcance, o esperançoso avançado fez o seu «solo», dando o golo de fecho a Artur Jorge.

O final veio a seguir, com o público, de pé, a aplaudir... toda a «orquestra» benfiquista, que teve em Jaime Graça, Rui Rodrigues, José Henrique, Artur Jorge e Eusébio os melhores solistas.

Os que alinharam: José Henrique; Malta da Silva, Humberto Coelho, Rui Rodrigues e Adolfo; Artur, Jaime Graça e Simões (Zeca); Nené (Jordão), Artur Jorge e Eusébio



Jordão. Para além de prometer, ele vai dando

ELECTRO-DOMÉSTICOS

VÁ CORRENDO AOS SALDOS DA Dardo

NÃO DEIXE PARA AMANHÃ A SUA VISITA AS LOJAS...

Dardo

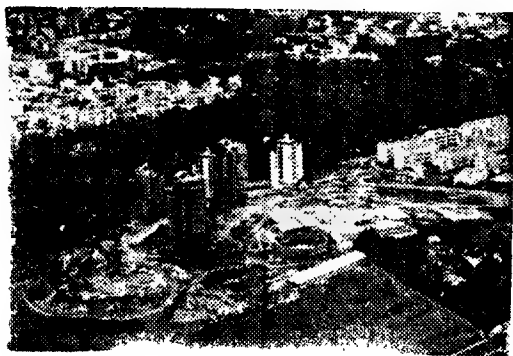
Av. da LIBERDADE, 131
Rua de S. BENTO, 55
Av. ALMIRANTE REIS, 124
P. de LONDRES, 7
Rua D. ESTEFANIA, 193
R. GONÇALVES CRESPO, 26
Rua 1.ª de MAIO, 146

AGORA! NOVA MODALIDADE DE COMPRA!

Tem 25 contos?
Tem 50 contos?
Tem 150 contos?
Tem 500 contos?
Tem 1.000 contos?

Seja proprietário adquirindo em COMPROPRIEDADE
APARTAMENTOS EM J. PIMENTA, S. A. R. L.

e obterá
um bom
rendimento



Cascais — Alto da Pampilheira

Locais de construção
e venda de propriedades:

CASCAIS
PAÇO DE ARCOS
REBOLEIRA
LISBOA
COIMBRA
LUANDA

INFORMAÇÕES

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Pr. Marquês de Pombal, 15 — Telef. 45843-47843
QUELUZ — Edifício Sede — R. António Enes, 25 — Telef. 952021/2

BERNINA

MINI

A MÁQUINA DE COSTURA SUÍÇA QUE LHE RESOLVE OS SEUS PROBLEMAS DE ESPAÇO, E LHE FAZ TODOS OS SEUS TRABALHOS DE COSTURA E BORDADOS

PEÇA CATALOGOS E INFORMAÇÕES

CASA BERNINA

Rua Gomes Freire, 2-B — Telefone 53 33 76 — LISBOA
Rua Ayres de Ornelas, 327 — Telefone 4 12 31 — PORTO

ALGÉS



ALBERTO AUGUSTO MARTINS

MISSA DO 7.º DIA

Maria da Conceição Gonçalves Martins, Carlos Alberto Gonçalves Martins, sua mulher Cremilde V. Mata Gonçalves Martins e mais família, participam a todas as pessoas das suas relações que amanhã dia 17, pelas 19 horas na Capela Provisória dos Anjos (em Algés) será celebrada missa por alma do seu querido e chorado marido, pai, sogro, avô, cunhado, tio e parente.

Tratou a Agência Machado da Costa



**DR. JOSÉ COCHRANE
DE ALENCAR**

MISSA DO 7.º DIA

Em sufrágio por alma
de S. Ex.º o Embaixador
Dr. José Cochrane de
Alencar será rezada missa
amanhã sexta-feira
dia 17, pelas 12,30 ho-
ras na Capela da Pieda-
de, em Sintra.

CARPETES, PASSADEIRAS, TAPETES E TECIDOS PARA DECORAÇÃO E ESTOFOS SALDAMOS

Muitos retalhos desde 5\$00
Tecidos em peça desde 18\$00
Marquiseses desde 7\$50
Juntas, cretones estampados desde 25\$00
Carpetes em todas as medidas desde 1,20x1,60
até 2,50x3,50 desde 200\$00
Tapetes e passadeiras desde 15\$00

OFERTA GRATIS — OFERTA GRATIS
NAS COMPRAS SUPERIORES A 1000\$00, damos 5 me-
tros de terilene liso ou fantasia com a largura de
3 metros.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º
RAUL NETO, LDA.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

UNDO: DO ESTADO	Est.	Compra	Vende	Ultramarinas	Est.	Compra	Vende
Jornal do Estado 4 3/4%	444\$	444\$	—	Ag. a Lome e Principe	—	200\$	—
Jornal do Estado 5%	—	465\$	—	dor	—	15\$	125\$
Jornal do Estado 5 1/4%	573\$	573\$	—	dor	14\$5	74\$	75\$
Jornal do Estado 5 1/2%	1.318\$	—	—	Cabinda	—	75\$	80\$
Jornal do Estado 6%	1.000\$	—	1.000\$	Jamunã, Angola	—	1.960\$	1.980\$
Extrema 1.ª série A	—	585\$	600\$	J. e Revue	600\$	600\$	6 00\$
Extrema 1.ª série B	—	590\$	595\$	Mo da Principe	—	570\$	700\$
Extrema 2.ª série A	—	700\$	750\$	Moambique	—	80\$	—
Extrema 2.ª série B	—	800\$	800\$	Monete A	—	383\$	—
Extrema 3.ª série A	155\$	150\$	155\$	Monete B	393\$	393\$	395\$
				Monete C	—	66\$	67\$
OBRIGAÇÕES				Diversos			
Aqua Leãoa 5%	—	490\$	—	Caia	—	6.900\$	7.000\$
A P 1 5% 56	—	860\$	—	Jim Leão	—	4.250\$	—
A P 1 5% 56	—	860\$	—	Jim Leão	—	—	—
A P 1 5% 56	—	820\$	830\$	Co. Navegação	—	1.470\$	—
A P 1 5% 56	—	—	—	C U	1.950\$	1.930\$	1.980\$
A P 1 5% 56	975\$	975\$	980\$	Ind. Alentejo	—	—	—
A P 1 5% 56	970\$	965\$	975\$	Nac. Navegação	—	—	—
A P 1 5% 56	—	850\$	—	Petroquímico	—	1.200\$	1.250\$
A P 1 5% 56	—	—	—	Port. e Colónias	1.055\$	1.050\$	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Port. Ceilão	3.800\$	3.800\$	3.830\$
A P 1 5% 56	—	—	—	Port. Pesc.	—	—	50\$
A P 1 5% 56	—	825\$	—	Port. Tabacos	585\$	582\$	585\$
A P 1 5% 56	—	—	—	Yacoi	3.990\$	3.990\$	3.830\$
A P 1 5% 56	—	—	—	Yacoi	—	2.4 0\$	2.460\$
A P 1 5% 56	—	—	—	Yacoi	—	3.470\$	3.500\$
A P 1 5% 56	—	—	—	Yacoi	—	6.10\$	6.50\$
A P 1 5% 56	—	—	—	Yacoi	—	6.100\$	6.80\$
A P 1 5% 56	995\$	995\$	1.000\$	Yacoi	640\$	635\$	640\$
A P 1 5% 56	—	810\$	850\$				
A P 1 5% 56	175\$	770\$	780\$	Aqua Elect. e Gas	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa p	—	390\$	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 34	—	470\$	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	49\$	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	1.122\$	1.122\$	1.23\$
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	1.05\$	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	1.05\$	1.750\$
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	37 \$	37 55\$
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	845\$	84\$	85\$
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	236\$	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—	Aqua. Lidoa 36	—	—	—

CARTAZ DOS CINEMAS



*** EDEN**
Tel. 326768
Grupo A — Para todos
As 15.15, 18.30 e 21.30
Pato Donald e todos os seus inseparáveis companheiros Mickey, Goofey, Pluto, etc...
AS GRANDES AVENTURAS DE DONALD
Os melhores desenhos de Walt Disney Technicolor

*** MUNDIAL**
Tel. 538743
(M. 18 anos)
As 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE EXITO!
Lando Buzzanca, Antonella Lualdi e Raymond Pellegrin numa história moderna e oportuníssima!
UM CASO DE CONSCIÊNCIA
Uma sátira em technicolor de Gianni Grimaldi
Ar condicionado

*** POLITEAMA**
Tel. 326395
(M. 6 anos)
HOJE, AS 21.30
GRUPO C (10 anos)
ESTREIA SENSACIONAL
BOM FUNERAL, AMIGOS... PAGA SARTANA!
com Gianni Garko e Daniela Giordano
HOJE, AS 18.30 — SESSÃO CLÁSSICA com Mia Farrow na arrejada obra-prima de Polanski: «A SEMENTE DO DIABO» — Sorteio de brindes (Adultos)

*** TIVOLI**
Tel. 56595
Grupo D — M. 18 anos
As 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
Clifford Evans, Jennifer Hilary e Felicity Gibson em
UM CURTO VERÃO

*** SÃO JORGE**
Tel. 5415:
As 21.30
ESTREIA SENSACIONAL
Grupo C — 14 anos
HUMOR NEGRO E VIOLENCIA
As 15.15, 18.15
ULTIMAS EXIBIÇÕES
O DESPERTAR
DUMA ADOLESCENTE
Grupo D — 18 anos

*** VOX**
Tel. 726000
As 21.45 (M. 18 anos)
NOITE DE ESTRELA!
Ali Magraw e Ryan O'Neil no filme colorido baseado num romance de Erich Segal
LOVE STORY
(HISTÓRIA DE AMOR)
Um êxito em todo o mundo
As 18.30 (M. 18 anos)
OLHOS VERDES NA NOITE
A Av. Frei Miguel Contreras

*** CONDES**
Tel. 322523-326701
Grupo B — M. 10 anos
4 SESSÕES
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
George Hilton — Paul Stevens
Matar para não morrer!
O INFERNO PARA MAIS UM
Colorido Scope

*** MONUMENTAL**
Tel. 555131
Grupo D — 18 anos
As 15.15 e 21.30
A beleza do homem confunde-se com o homem sensível à beleza.
Dirk Bogarde em
MORTE EM VENEZA
Silvana Mangano, Bjorn Andresen e Mark Burns
Grande Prémio do XXV Festival de Cannes
Technicolor — Panavision

*** ALVALADE**
Tel. 717499
Grupo A — Para todos
As 15.30 e 21.30
Pato Donald e todos os seus inseparáveis companheiros Mickey, Goofey, Pluto, etc...
AS GRANDES AVENTURAS DE DONALD
Os melhores desenhos de Walt Disney Technicolor

*** IMPÉRIO**
Tel. 555134/5
As 15.15 e 21.30
Colorido
2.ª SEMANA
Grupo D — M. 18 anos
Sean Connery, Dyan Cannon e Martin Balsam numa notável realz de Sidney Lumet
O DOSSIER ANDERSON
(The Anderson Tapes)

*** ODEON**
Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 e às 21.30
A TARDE E NOITE
GRUPO A (6 anos)
DURANTE UMA QUINZENA DE HOMENAGEM AO SAUDOSO ACTO
ANTONIO SILVA
A CANÇÃO DE LISBOA
com Vasco Santana e Beatriz Costa
UM FESTIVAL DE RISO PARA TODOS

*** ESTÚDIO 444**
Tel. 779005
Adulterio — As 15.30, 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA
Um filme de Jean-Luc Godard
PEDRO, O LOUCO
de Jean-Paul Belmondo
com Anna Karina
Technicolor Technicolor

*** AVIS**
Tel. 47163
Grupo B — M. 10 anos
As 15.30 e 21.45
UM FILME DE MISTÉRIO!
O MISTERIOSO DR. FU MANCHU
TECHNICOLOR-SCOPE

*** EUROPA**
Tel. 641974
Grupo B — M. 10 anos
As 15.15 e 21.30
A mais sangrenta batalha da II Guerra Mundial
A BATALHA DAS ARDENAS
com Henry Fonda, Robert Shaw, Pier Angeli e Robert Ryan
TECHNICOLOR

*** IMPERIAL**
Tel. 821933
Grupo B — M. 10 anos
As 21 h.
ANTES MORTO QUE VIVO
FESTAS GALANTES

* outros espectáculos

*** BERNAL**
Tel. 770090
(M. 10 anos)
10. SEMANA A RIR!
As 18.30 e 21.45
Woody Allen e Janet Margulies
na sensacional comédia colorida
O INIMIGO PÚBLICO
Um êxito de gargalhadas
— Ar condicionado

*** SATÉLITE**
Tel. 562632
(Grupo B — M. 10 anos)
3.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
A REAL CAÇADA DO SOL
Robert Shaw e Christopher Plummer
TECHNICOLOR
Situado no edifício do Monumental

*** LUMIAR**
Tel. 795296
Grupo B — M. 10 anos
As 21 h.
FRENTE A FRENTE
MACISTE, O HOMEM MAIS FORTE DO MUNDO

*** APOLO 70**
Av. João Viana — Tel. 833110
Grupo D (18 anos)
As 14.30, 16.45 e 21.45
11.ª SEMANA
A REVELAÇÃO DO CINEMA CHECOSLOVACO
OS AMORES DE UMA LOIRA
de MILTON FORMAN
As 19 h.: DUAS HORAS NA VIDA DE UMA MULHER, de Agnès Varda (Adultos)

*** ROMA**
Tel. 727778
Grupo D — M. 18 anos
As 18.30 e 21.45
A mulher que vivia para o amor!
A DOCE VIDA DA CASTA SUSANA
com Pascal Petit e Mike Marshall
TECHNICOLOR-SCOPE

*** RESTELO**
Tel. 818378
Grupo B — (M. 10 anos)
VE SE TE AVIAS!
com Robert Wagner e Mary Tyler

*** CASINO ESTORIL**
Tel. 24642176
(M. 14 anos)
As 17 e 21.30
A ILHA
com Per Myrberg, Bibi Andersson, Karin Kaval, Marianne Grön e Jean Olov Strandberg

*** ROYAL**
Tel. 865337
Grupo B — M. 10 anos
As 21 h.
ROUBARAM O MEU CORAÇÃO
SINAL DE ALARME

*** LISBOA**
TEATROS
MONUMENTAL — As 21 e 45: «Uma cama para toda a gente» (17 anos).
GR. VICENTE — As 22: «Ivone, princesa de Borgonha» (17 anos).
CAPITÓLIO — As 2 e 45: «Quando mamã» (10 anos).
CINEMAS
OLIMPIA — As 19: «Comissário X na Vale das Montanhas» (10 anos).
CINEARTE — As 21: «Mais escuro que o amor» (18 anos).
IDEAL — As 21: «007 ao serviço de Sua Majestade» (17 anos).
SALAO LISBOA — As 14: «O mistério da Ilha Maldita» (10 anos).
ARCO-IRIS — As 21: «Interno no Vietnam» (10 anos).
JARDIM — As 21: «Navajo Joe» (17 anos).
PARIS — As 21: «Os corredores da montanha» (18 anos).
CINE-ORIENTE — As 21: «Argoman superdiabólico» (10 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Profissão: mais para um massacre» (10 anos).
CAMPOLIDE — As 21: «Casei contigo por alegria» (17 anos).

● Lisboa
Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «Cidade violenta» (17 anos).
30: «Cidade violenta» (17 anos).
CARGAVELOS — VITÓRIA-CINE — As 21 e 30: «As tulipas de Harlem» (14 anos).
OBRAS — OBRAS-CINE — As 21: «Aula de mel com amigos» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — As 21 e 30: «Espio sem nome» e «Passos na noite» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e 21: «A ilha» (14 anos).
PALACIO — As 21 e 30: «Sartana» (10 anos).
ESPLANADA — As 21 e 30: «San Whiskey» (10 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «A Canção da Noruega» (16 anos).

● Sintra
DAMAIA — D. JOAO V — As 21 e 30: «Ben-Hur» (10 anos).
MEM MARTINS — CINE CHABY — As 21 e 30: «Os Boteniks» (10 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 30: «Dinamite» (10 anos).
COSTA DA CAPARICA — COPA-CABANA — As 21: «Chamam-me Mrs Tibbs» e «Enganei-me no número» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — As 21 e 30: «Nova por um dia» (10 anos).

● PORTO
CINEMAS
SÃO JOAO — As 21 e 30: «Aconteceu no Oeste» (14 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «A canção da Noruega» (16 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «Um dia em Nova York» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «Nunca ao domingo» (18 anos).
AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «O primeiro Profeta» (17 anos).
ESTÚDIO — As 21 e 30: «Em três dias é demissão» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «O Vale Perdição» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21: «O mau, o bom e o viloso» e «O escroque elegante» (17 anos).
VALLÉ FORMOSO — As 21 e 30: «Essa mulher!» (17 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Gaiolas» (10 anos).
OLIMPIA — As 21 e 30: «O Barão e a Guineia» (10 anos).
CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30: «O último adeus» (17 anos).
CINEGAIA — As 21 e 30: «O Exército da Sombra» (17 anos).

● Coimbra
GIL VICENTE — As 21 e 30: «O Distrado» (10 anos).
AVENIDA — As 21 e 30: «A visita» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «Vitrines amargas» (10 anos).
ESPLANADA DOS BOMBEIROS — As 21 e 45: «O Vilão do Arroz» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA
ALCANTARA — Vilela Resa, Rua Prior do Crato, 74 (tel. 660 87).
ALFAMA — Pereira Suc, Rua do Paraíso 88-90 (tel. 863 224).
ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Avenida Almirante Reis, 21-B (tel. 457 51).
ALTO DO PINA — Ibeira, Rua Bordo de Sabrosa, 235-A (tel. 728 277).
ALVALADE — Seneza, Avenida da Igreja, 31-C (tel. 776 905).
ALVALADE — Seneza, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (telefone 723 384).
ALVALADE — Seneza, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (tel. 72 409).
AMEIXOEIRA — S. Bartolomeu, Via Paulo Jorge, 105 (telefone 790 969).
AREIRO — Aigave, Avenida de Roma, 7-B (tel. 777 478).
AVENIDAS NOVAS — Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel. 449 95).
AVENIDAS NOVAS — Cruz Naves, Praça Duque de Saldanha, 4 (tel. 418 845).
AVENIDAS NOVAS — Novais, Avenida Luis Bivar, 11 (tel. 443 24).
BAIRRO ALTO — Pinharanda, Rua da Rosa, 94 (tel. 321 534).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascensão, P. do Norte, 1 (tel. 31 26).
BAIXA — Lima Amaro, Praça da Alegria 27 (tel. 321 49).
Valdeas, Rua da Madalena 235 (tel. 326 260).
Cortez, Rua de S. Nicolau, 93 (tel. 325 378).
BELÉM — Games, Rua da Junqueira, 320 (tel. 638 193).
Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias 63-A (tel. 61 454).
BENFICA — Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-A (tel. 704 828).
Ribeira, Estrada da Luz, 99 (tel. 780 969).
CAMINHOS DE FERRO — Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (tel. 381 279).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, Rua de Campo de Ourique 3 (tel. 686 640).
Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 5 (telefone 662 838).
Elme, Rua Manoel Pina, 358-A (tel. 686 761).
CAMPOLIDE — Oliveira, Rua de Campolide 54-A (tel. 684 424).
CONDE REDONDO — Sales, Rua Luciano Cordeiro 73 (tel. 422 391).
ENTRECAMPOS — S. Miguel, Praça Francisco Morais, 1 (tel. 77 469).
ESTEFANIA — S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (tel. 321 534).

ESTRELA — Tegu, Praça da Rua Possidónio da Silva, 62-A (tel. 669 485).
Rodrigues & Aires, Rua da Ladra, 54 (tel. 662 246).
GRACA — Bragança, Rua de S. Jacinto, 87 (tel. 842 725).
INTENDENTE — Intendente, Largo Intendente Pina Manique, 50-51 (tel. 478 361).
LUMIAR — Central, R. do Lumiar 77 (tel. 790 480).
MARQUES DE POMBA — Ribeiro & Castro, Lda, R. Broomcamp, 52-C (tel. 434 09).
OLIVAIS — Antunes Rosas, Praça Cidade do Luso, lote 99 (Olivais-Sul) (tel. 313 610).
Central, Rua Alferes Barral, 100 Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (tel. 315 539).
PAHAVA — Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (tel. 76 035).
PAMPULMA — Pinheiro, Rua Presidente Armaga, 16 (tel. 66 867).
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 6-A (tel. 783 395).
720 703.
RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, O-A (a encosta do Restelo) (tel. 612 248).

SANTO AMARO — Dilema, Rua Alameda Operária, 49-A (tel. 636 620).
Costa, Rua das Lusiadas, 32 (tel. 636 704).
S. BENTO — Contagem, Praça das Flores, 59 (tel. 690 401).
S. PAULO — Africana, Rua Bernardino Costa 45 (tel. 369 20).
SETE RIOS — Curt, Avenida Mariana Curie, 15-A (tel. 778 439).

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto Silva, 8 (tel. 2 2048).
CAXIAS — Neve — Rua Bernardino de Sa, 1-A (tel. 42 839).
PACO DE ARCOS — Gândia de Silva — Av. Patrocinadora, 4 (tel. 243 2039).
OLIVEIRA — Alcântara, Rua da Guerra, 10 (tel. 243 2039).
PAREDE — Grincho — Av. da República 87 (tel. 247 204).
ESTORIL — Ostende — R. de Espinha, 1 (telefone 26 03 91).
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (tel. 263 052).
Cascais — Cordelito — Av. Comb. G. Guerra, 40 (tel. 280 70 / 28 4 91).
Neve — Estrada de Alameda — Fontainhas (tel. 28 044).

AMADORA — Amadora — P. 28 de Maio 3-A (tel. 935 518).
Carmelo — R. Elias Garcia, 2 (T. 950 043).
Queluz — Av. Miguel Bombarda, 123-A (telefone 951 841).
CACIM — Central — R. Elias Garcia 55 (telefone 240 034).
MEM MARTINS — Quilom. de Mem Martins, 235 (tel. 29 00 21).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — R. 980 456.
SINTRA — Mem Martins — Estefânia — L. Alameda de Albuquerque (telefone 980 058).
COLARES — Colares — Abreu (tel. 290 889).

ALCOCHETE — Nemes — L. Carlos Ramalho da Costa, 10 (tel. 234 371).
ALHOS VEDROS — Gama — R. Cândido dos Reis 30 (tel. 224 020).
ALMADA — Meado Memórias, Rua Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (tel. 27 297).
BAIXA DA BANHEIRA — Alameda — Est. Nacional, 74 (tel. 224 302).
BARREIRO — Normal — Av. Alfredo da Silva, 116 (tel. 227 3035).
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — L. 5 de Outubro 62 (tel. 270 21).
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 6 (tel. 230 291).
MONTIJO — Moderna — R. Buião Pato 60 (tel. 230 561).
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (tel. 229 471).
SETUBAL — Oliveira — L. da Viscondessa (telefone 274 881).
SEIXAL — Soromenho — R. Povo Coelho, 38 (tel. 22 8560).

PORCO
António de Oliveira, Rua Arraio de J. Vilela, 520 (tel. 450 48).
Azevedo, Rua da Moura, 503 (telefone 53444).
Constituição, Rua da Constituição, 95 (telefone 4908 31).
Carreir. de Arad. Rua de S. João, 259 (tel. 4564).
Cruz, Rua Costa Cabral, 104 (tel. 4004).
Guarany, Rua Pedro H. 367 (tel. 6250).
Herculano, Rua Alexandre Herculano, 384 (telefone 1943).
Lige Ass. S. M. M. Rua do Bonifácio, 186 (tel. 217).
Megalhães, Rua de S. João, 566 (tel. 6356).
Nova de Monsanto, Rua de Monsanto, 48 (telefone 430 899).
Ribeira, Rua da Lousada, 34-37 (tel. 24 33).
Gondarém, Rua da S. R. Rua da F. 220 48).
Cruz e Costa, Rua António de Vasconcelos (telefone 227 15).

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA, Telex 1363
Lisboa — Portugal

DL

APROVADO PELA CÂMARA O PROJECTO DE UM BAIRRO NA QUINTA DO MORGADO

(Continuação da 1.ª pagina)

Lisboa que se aproxima rapidamente, a exigir transportes

de massa que tragam a cidade propriamente dita milhares de pessoas por hora e a criar uma circulação interna cada vez mais densa.

«Poderá a resposta a esta situação vir nos anos próximos a ser encontrada em três linhas ferroviárias que, praticamente, se apoiam apenas em dois pontos da cidade? Por carreiras de autocarros de empresas diversas criando, para além dos transportes urbanos, inconvenientes sobreposições de sistemas? Por «ferry-boats» que, também em termos práticos, se apoiam apenas numa zona restrita da área ribeirinha de Lisboa? Por duas concessionárias de transportes internos, uma de superfície e outra subterrânea, a primeira em crise de adaptação a novas circunstâncias e a outra incipiente ainda relativamente às necessidades?»

«Penso que não mas, penso também que, embora chegada a hora de empreender o conjunto de realizações que têm vindo a ser estudadas pelos órgãos competentes da Administração, não será fácil sem grande determinação nem vultuosos sacrifícios atingir o desejado caminho.»

E, a terminar, indicou: «Pressinto que irá pegar-se na questão. A Câmara está aberta ao estudo do programa e não deixará de dar a colaboração que lhe compete.» Antes do período consignado à ordem do dia, o vereador Leonardo Nunes, admitindo que vinha a propósito, referiu a sua antiga proposta de renovação do contingente de táxis com mais 500 unidades». Lembrou que a distribuição deve ser feita a motoristas de táxis e não, como antes se chegou a fazer, a continuos de repartições públicas e até a directores de empresas.

O presidente da Câmara Mu-

nicipal admitiu que «o Governo não terá relutância em fazer essa concessão».

Proposto e aprovado o segundo orçamento suplementar do Município e o da onça de Turismo em 72 418 200\$00; os prazos para a abertura do concurso público da empreitada concepção-construção do desnívelamento da Avenida da República entre o seu termo e o início do Campo Grande; abertura, aliás incluída no plano de realizações para 1973 da Avenida Gago Coutinho que irá prolongar a Avenida dos Estados Unidos da América; criação de um bairro na bitacional da Cruz Vermelha

Portuguesa com oferta de terrenos na Quinta do Morgado; apreciação dos projectos de conservação de pavimentos e esgotos, assim como o de reconstrução, em diversos locais, um total de 80 mil contos; compra de três prédios no Vale de Alcântara, respectivamente, por 150, 110 e 110 contos.

Ao abrir a sessão, o eng. Santos e Castro leu uma proposta, aprovada por unanimidade para que fosse «exarado em acta um voto de respeito sa saudação ao Presidente do Conselho cujo terceiro aniversário da investidura decorre no dia 27».

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

9075 — 4 200 000\$
9296 — 420 000\$
21445 — 240 000\$

APROXIMAÇÕES

AO 1.º PRÉMIO

9074 — 12 870\$
9076 — 12 870\$

PRÉMIOS DE 12 CONTOS

38 130 3381 4001 4439
7341 9135 12871 13318 14326
14685 15476 16598 16814 17109
17311 21771 22949 25207 27203
28269 28555 33687 33837 34060
35022 37687 38224 40430 47377
48318 49087

PRÉMIOS DE 480\$00

(centenas)

9001 a 9100; 9201 a 9300 e 21400 a 21500

PRÉMIOS

AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 038, 411, 537, 561, 979 ou 986 são premiados com 900\$00. Aqueles cujos dois últimos algarismos sejam 29, 83 ou 87, são premiados com 600\$00. Por último, todos os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 5 têm direito a 300\$00 de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

ELEVOU-SE PARA TRÊS O NÚMERO DE VÍTIMAS do acidente de viação próximo de Castro Verde

BEJA, 16 — Elevou-se para três o número de vítimas do acidente de viação ontem ocorrido perto de Castro Verde. Como foi já noticiado, tiveram morte imediata a mulher do condutor, sr.ª D. Maria Helena Loureço Pereira, de 18 anos, natural de Canas de Senhorim, e uma sobrinha, Maria Cesaltina do Nascimento, de 10 anos, natural de Pequena. Os quatro feridos receberam tratamento no hospital de Vila Verde, tendo sido posteriormente transferidos para o de Beja, onde faleceu hoje a sr.ª D. Maria Antónia, de 65 anos,

mãe do condutor. Continuam internados José António Amorim, pai do condutor, e dois irmãos da pequena morta, José Manuel do Nascimento e Maria José do Nascimento, de 4 e 7 anos, respectivamente.

O condutor, José António São Pedro, de 31 anos, saiu ileso. É emigrante na Alemanha e encontrava-se a passar férias na terra da natalidade, Corte Pequena. O automóvel que conduzia despietou-se e caiu por uma ribanceira, quando regressava a Corte Pequena de um passeio ao Algarve.

A segurança europeia na agenda das conversações Brandt-Brejnev

BONN, 16 — (ANI) — O problema de Berlim e a segurança europeia dominam a agenda das conversações na Crimeia entre o chanceler Willy Brandt e Leonid Brejnev, — dirigente do Partido Comunista Soviético.

Brandt parte esta tarde de avião, de Bonn, para Sm-

teropol, seguindo depois de automóvel para a estância de Oreanda, na Crimeia.

O chefe do Governo da Alemanha Ocidental — que é também presidente do Partido Social-Democrático — deve reunir-se com Brejnev por duas vezes amanhã e possivelmente uma terceira

vez no sábado de manhã, antes de regressar a Bonn.

O facto de Brandt ter aceite o convite de Brejnev foi criticado pela oposição, esperando-se que o assunto seja debatido no início dos trabalhos do Parlamento, na próxima semana, depois das férias de Verão.

REGRESSARAM OS NAUFRAGOS

DO «SÃO JACINTO»

Os tripulantes e pescadores do navio bacalhoeiro «São Jacinto», que se afundou há dias na Terra Nova, regressaram hoje a Lisboa por via aérea.

O naufrágio, em que perderam a vida três tripulantes e cinco pescadores, foi consequência de um incêndio na casa das máquinas a que se seguiram duas explosões. O bacalhoeiro deveria regressar a Portugal no fim deste mês ou nos primeiros dias de Outubro.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL — AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava limpo e o vento era fraco a moderado, predominando dos quadrantes do leste.

TEMPERATURAS — TEMPERATURAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alameda, 32°; mínima: Montargil, 17,6°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 20°; Penhas Douradas, 5°; Coimbra, 20°; Ponta da Legre, 21°; Lisboa, 22°; Faro, 24°; Funchal, 22°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL AS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar: 7,4°; no ar: 24°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco a moderado dos quadrantes do leste.

Amãã
Nascer às 7 e 19
Ocorrer às 19 e 43

DIÁRIO DE LISBOA
Dia 19 Dia 27 Dia 4 Dia 11

MARES.
PRELA-MAR: Hoje — 2 e 28 (3,5 m); 4 e 40 (3,8 m); Dia 17 — 3 e 6 (3,7 m); 5 e 2 (4,0 m); Dia 18 — 3 e 43 (3,8 m); 5 e 56 (4,1 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 8 (1,6 m); 20 e 33 (1,3 m); Dia 17 — 8 e 34 (1,4 m); 20 e 56 (1,2 m); Dia 18 — 3 e 59 (1,2 m); 5 e 26 (1,1 m).

DESASTRE

NA AUTO-ESTRADA

Na auto-estrada, depois da rampa de Monsanto e antes da estrada de S.ª Maria, um carro foi de encontro a uma árvore, ficando desfeito.

O condutor é holandês, de 28 anos, sr. Ernest Bastolt Baron Smorf, morador na Rua das Amoreiras, 72, 12.º, tendo ficado internado no Hospital de S. José com traumatismos diversos.



CAMPO PEQUENO

Hoje às 22 Horas

os grandes do toureio ao serviço duma obra bela

FESTIVAL DE LUXO

A FAVOR DA PROVÍNCIA PORTUGUESA DA ORDEM HOSPITALAIRE DE S. JOÃO DE DEUS DE MONTE-MOR-O-NOVO

CAVALEIROS

MESTRE BAPTISTA
LUÍS M. DA VEIGA
FREDERICO CUNHA

ESPADAS

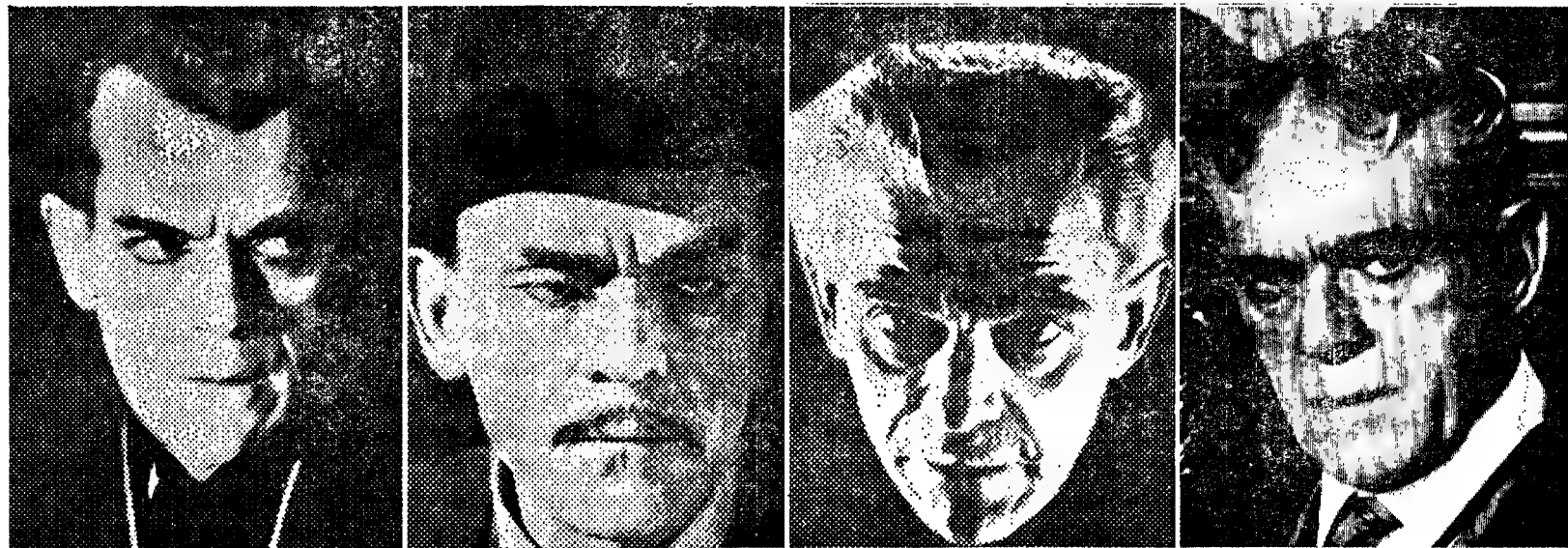
MANUEL DOS SANTOS
JOSÉ JÚLIO
DAMASO GONZÁLEZ
RICARDO CHIBANGA
JÚLIO GONZÁLEZ

FORCADOS AMADORES DE MONTE-MOR

8 novilhos-touros de CABRAL DE ASCENSÃO e do PORTO ALTO



O HOMEM QUE METIA MEDO



E O HOMEM QUE FAZ RIR

Por José Vaz Pereira

NESTE fim de época, Lisboa tem a oportunidade de se despedir dum dos intérpretes máximos do terror (desaparecido em 1969). Ao mesmo tempo, pode saudar um cineasta que lança um pouco de cor no panorama melancólico da comédia americana. Trata-se de Karloff, o homem que metia medo e de Woody Allen, o homem que faz rir.

O primeiro tem uma grande e longa familiaridade com os filmes de terror e do fantástico. A sua última película (*Targets*, Alvos), nunca exibida entre nós, era um protesto contra a venda indiscriminada de armas de fogo nos E. U. Onde se pode, em vários estados, encomendar uma carabina pelo correio. O velho actor emprestava a sua máscara impressionante para um grande plano no genérico. O resultado era tremendo. Era como se essa face dotada duma rugosidade extremamente bela, feita de rios, de abismos, de tempestades, de vícios escondidos, de paixões reprimidas, de anseios, de humilhações — um rosto como que roído pela lepra da alma e em que os olhos eram uma ameaça e uma acusação — viesse, ela que tudo tinha experimentado, avisar os mediocres plácidos que todos os dias iam de casa para o emprego e vice-versa que estavam a acumular o arsenal que os poderia destruir.

O magnífico monstro do terror fantástico vinha prevenir os contribuintes, com o pesadelo nobre do seu rosto, da presença dum terror real.

Karloff foi sempre um dos grandes como Lon Chaney, John Carradine, Bela Lugosi, Vicent Price. Pertenceu — e era o último sobrevivente da idade

do ouro do cinema de terror de Hollywood. Muita gente, em virtude do seu nome artístico, supunha-o um emigrado russo que alcançara celebridade nos estúdios da Califórnia, aterrorizando grandes e pequenos. Nem todos reparavam que, mesmo para um russo, a sua pronúncia inglesa era demasiado brilhante. Na realidade Karloff nasceu William Henry Pratt, o filho mais novo dum funcionário público britânico, em Londres, no ano de 1887.

Os seus braços enormes, as suas pernas infundáveis, a lentidão triste do seu corpo, o abismo dos seus olhos e os movimentos angustiados, quase sepulcrais duma cabeça com contornos desmesurados fizeram deste *gentleman* que gostava de tratar do seu jardim e contar lindas histórias a encarnação dos sonhos mais ambiciosos dos que desejavam criar um personagem fora de série no reino do terror.

Karloff foi Fu-Manchu, Frankenstein e a Múmia. (O Monstro, comentaria mais tarde, deu-me uma personalidade). E Karloff deu uma personalidade ao monstro ou mesmo a personagens inquietantes como é o caso de *A Casa Sinistra* de Mark Robson, e *O Túmulo Vazio* de Robert Wise, recentemente exibidos na Semana do Terror.

Mas em qualquer das criaturas malignas que interpreta nessas obras — e possivelmente a sua composição do cocheiro de *O Túmulo Vazio* é das melhores de sempre — se descortina um lado «bom» como em certos papéis de algumas personagens de Humphrey Bogart, à primeira vista só negativas. Em ambos os filmes, o passado de Kar-

loff explica o carácter sombrio do presente. Presente que não é triunfo completo dum ser odioso mas revolta amarga dum homem demasiadamente cedo dilacerado pela vida.

Este aristocrata tornou-se pois o emissário n.º 1 do Terror. Mas o regresso do filme de terror e o surto de popularidade dos vampiros continuarão a correr e a

desenvolver-se mesmo com o seu desaparecimento. O pesadelo capta a imaginação mas não só pela angústia. É a necessidade dum fuga às condições do dia a dia que faz a sua força. Os fantasmas e os senhores da noite vivem num país e num reino em que eles próprios fazem leis.

Não admira que se tenha oposto, muitas vezes, aos falsos heróis quotidianos duma imitação de vida que nega a verdadeira existência, a fulgurância ultra-romântica daqueles que a ultrapassam e se arrogam o direito de qualquer coisa de superior. Os fantasmas e os monstros interpretados por Karloff eram flores malignas porque estavam condenados a isso.

A recuperação do filme de terror e o fim da sua longa maldição parece esboçar-se mas ainda falta percorrer muito terreno.

O Inimigo Público trata o tema infundável do bandido incompetente. Mas o talento de Woody Allen consegue rodear situações já batidas dum halo de no-

vidade e uma onda de frescura desprende-se das suas imagens. Com, se o tom espontâneo da comédia voltasse, de repente, à tona d'água. Tal metamorfose só é possível quando, em cinema, há um autor.

O autor é Woody Allen e o filme é uma alegria.

Alegria que marcha lado a lado com o sarcasmo: vejam-se as declarações dos pais do aprendiz de «gangster», o seu retrato traçado por agente do FBI, a sequência da tortura em que o prisioneiro é encerrado na mesma cela com um agente de seguros que lhe tenta vender apólices. Mas, nos próprios «gags», a investigação impressiona: Woody Allen descobriu alguns inteiramente novos e revitalizou os antigos. É o caso da sequência das máquinas da lavandaria na prisão que lembra *Os Tempos Modernos* de Chaplin.

O Inimigo Público transforma-se igualmente numa troca aos clichés do cinema americano: a Depressão, o ritual pelintra de ir

Cont. na pág. 7

SUPLEMENTO LITERÁRIO

679 ■ 16 DE SETEMBRO ■ 1971



Woody Allen: bandido incompetente

GEORGES BATAILLE

e a beleza do diabo

DURANTE muito tempo conhecido apenas de alguns iniciados, Georges Bataille surgiu, desde há pouco, na dianteira da modernidade. A vanguarda, os universitários, a moda apoderaram-se dele. Na Primavera passada, a biblioteca e a casa de cultura de Orléans prestaram-lhe homenagem e, em 1970, a Gallimard lançou-se à publicação das suas obras completas.

Há de certo modo um paradoxo na posteridade deste herético, acolhido ao clube da nova ortodoxia literária. Ou será que os campeões da escritura «modernista» se reconhecem na «mística natural» de Bataille?

Trata-se, segundo Sartre, de «um viúvo inconsolável» que, após a morte de Deus, procurou na beleza do diabo o que o angelismo lhe recusava. E Leiris evoca a viagem interior de Bataille numa «zona selvagem onde nos aventuramos sem mapa geográfico nem passaporte de nenhuma espécie».

Este a-teólogo, que outrora admitira fazer-se monge, conservando sempre uma aparência austera e um tanto litúrgica, era fascinado pelo sagrado, uma espécie de sagrado-ao-invés

que surge no sacrilégio, na iconoclastia, no «ódio da poesia». Bataille quis conduzir uma «viagem ao fim do possível» através do riso, do objecto, do aviltamento, da obscenidade, do êxtase, da consumição de si-próprio... Procurava a eternidade nos caminhos do niilismo. «Eu não sou um filósofo», dizia, «mas um santo, talvez um louco».

Os seus textos propõem-nos uma espécie de espelho iluminado dele mesmo. Em verdade, não deixou senão fragmentos, tanto a sua escrita obedecia à «impaciência do desejo». A obra não conta, só importa o caminho que se traça no instante, na pressa, na febre. Bataille escrevia em pleno risco: como quem se desnuda. A quem aparentá-lo? Talvez, como o fez Sartre, ao Pascal dos «Pensamentos».

Onde situá-lo? Nem filósofo, nem poeta, nem romancista, nem erotólogo, nem sociólogo... ele era tudo isto. A sua obra lê-se como um livro de bordo, ou como uma «meditação lírica», segundo a expressão de Claude-Edmonde Magny (in «Littérature et Critique», ed. Payot).

O RISO LOUCO DE EROS

Por André Dalmas

DOS QUATRO VOLUMES publicados até à data das obras completas de Georges Bataille, os volumes I e II reúnem os seus primeiros escritos (de 1922 a 1940) e os últimos dados à estampa concentram aquilo a que os editores justamente chamaram as suas obras literárias. Estão, enfim, acessíveis, todos os romances, narrativas e poemas, sejam variantes, esboços, ou notas encontradas após a sua morte. Evidente é, porém, que

a obra literária de Georges Bataille não se limita a estes textos. Os seus artigos na revista *Critique* (particularmente, as crónicas que ele próprio reuniu em *La Littérature et le Mal* a carta a René Char sobre a incompatibilidades do escritor, tudo isto permite também medir a atenção constante que Bataille dedicava à literatura, como prova do que ela pode e deve ser para o escritor.

BATAILLE pertence à geração que cresceu no turbulento do surrealismo, para usar os seus próprios termos. Os melhores tinham tido a sensação violenta de abafar dentro do esquema imposto. A revolução surrealista foi, de certo modo, a tradução literária dessa sensação de opressão. Com Bataille passa-se um fenómeno completamente diferente, quase estranho ao surrealismo. Denunciar a opressão supõe a invenção de uma nova moral, uma moral diferente mas ainda assim uma moral, um novo bem oposto a um velho mal, um futuro contra o presente, noções que Bataille rejeita em absoluto. Não é suportável nenhum limite que atente contra a vida profunda do ser. Toda a sua obra se volta para o impossível numa horrível preocupação de eficácia total.

Publicado em 1928 sob o pseudónimo de Lord Auch, *L'Histoire de l'Œil* foi o primeiro livro de Bataille: revelou-se escandaloso e perturbador, mas o escândalo não residia apenas no espectáculo de um erotismo desenfreado. Pela primeira vez, o insuportável fora escrito. O riso louco, a obscenidade, o horror e o crime, presentes em cada personagem ao seu próprio nada (néant), a sua impotência perante a ideia da morte, perante a própria imagi-

nação da morte. Cada um dos actores de *L'Histoire de l'Œil* sente-se do non-sens dos seus actos, no mundo em que vive. Ingnuidade e inocência, de algum modo misturadas com a estupefacção, anunciam já a sede inalterável de saber.

Escreto dez anos depois, *Madame Edwarda* ficará como o mais excitante e grave dos romances de Bataille. O que diz Madame Edwarda é o impossível, a transgressão na degradação do ser organi-

zado, um arrombamento para além dos seus limites — movimento comparável ao êxtase. Gerada na tensão extrema dos sentidos levados ao excesso, a narrativa tenta abrir o caminho do conhecimento; conhecimento que é o da queda, não para a morte, mas na negação de toda a escravidão à razão, na alegria obscura da aniquilação.

Este movimento no sentido do êxtase é semelhante ao do místico. Porém diferente dele pela sua finalidade.



Georges Bataille: de «L'Histoire de l'œil» a «La part maudite»



Transportado pelo seu «arrebatemento», o místico exige de Deus a sua salvação, a promessa do amanhã. Da ideia de Deus, o místico faz a razão do mundo. Ao êxtase, Bataille recusou um fim que confirmaria a infelicidade do homem. Do mundo, ele exige, no êxtase, aquilo que o místico esperava de Deus, o poder supremo absoluto, isto é, o impossível. Depois de ter entrevisto a luz inacessível e brilhante, ao ser nada

mais resta, na sua convulsão íntima, do que o recuso ao ódio, ao horror e ao riso.

Será a cumplicidade no conhecimento do Mal que vai permitir a comunicação «intensa» que deve ser a literatura. A este preço, a literatura é o essencial. Ela é culpada desta cumplicidade, ou não. Tal é a aposta, o jogo, o aleatório da literatura.

Sem esperança nem desesperança, com uma alegria que era uma outra face da

dor, Bataille ali traçava o rumo, para ele soberano, que deve seguir o escritor. Anobrez e a serenidade, a clarividência da análise, fazem deste texto um documento capital. A presença de Bataille evoca aqui a daqueles anjos da Bíblia que, nus, resplandecentes, solitários, apontam de dedão erguido a direcção da outra margem.

«A literatura, escreve Bataille, é irreduzível às finalidades de uma sociedade utilizadora.» A o escritor apenas resta escolher: ou o silêncio, ou a exaltação da sua soberania, renunciando a servir um mestre. Cabe à literatura, dar ao homem «um pouco de vida» contra a vontade do mundo de o escravizar pelo exercício da razão. Neste sentido, na sociedade, o escritor é maldito. Depositário do sagrado, o escritor transformou-se no deus deste vácuo que a religião em declínio deixou aos homens.

* Georges Bataille *Oeuvres Complètes*, Gallimard, Tomo I, primeiro escritor, 1922-1940, apresentação de Michel Foucault, 658 p.

Tomo II, escritor póstumo, 1922-1940, 461 p. Nestes dois volumes as notas são de Denis Hollier. Tomo III, obras literárias, 565 p.; Tomo IV, obras literárias póstumas, 426 p.

Nestes dois volumes as notas são de Thadée Klossowski.

(Exclusive «Le Monde»)
(«Diário de Lisboa»)

Bataille: Biobibliografia

1897 — Nasce Georges Bataille, em Billom (Puy-de-Dôme), de uma família de origem camponesa. Fará os seus estudos secundários no liceu de Reims.

1918 — Entra para a escola de Chartes.

1922 — Ingressa, como bibliotecário, na Biblioteca Nacional, onde ficará até 1942.

1928 — Publica a sua primeira narrativa erótica: «Histoire de l'œil».

1929-30 — Dirige a revista «Documents».

1931 — Publicação de

«L'Anus Solaire».

1931-34 — Colabora em «La Critique Sociale», revista do círculo comunista democrático anti-estalinista. É lá que conhece Laura, que será sua companheira durante quatro anos.

1935 — Bataille encontra Breton no grupo «Contre-Ataque».

1936-39 — Cria a revista «Acéphale» e o «Collège de sociologie». A volta da revista gravita uma espécie de sociedade secreta.

1938 — Morte de Laura.

1941 — Publicação de

«Madame Edwarda».

1943 — Publica «L'Expérience Intérieure», Gallimard. Atacado de tuberculose, fica a viver em Vézelay.

1944 — «Le Coupable», Gallimard.

1945 — «Sur Nietzsche», Gallimard.

1946 — Bataille funda a revista «Critique».

1949 — Publicação de «La Part Maudite», Ed. Minuit. Bataille retoma, em Carpentras, o seu ofício de bibliotecário.

1950 — «L'Abbé C», Ed. Minuit.

1951 — Bataille torna-se conservador da

biblioteca de Orléans.

1955 — «Lascaux au la connaissance de l'art», Skira.

1957 — «La Littérature et le mal», Gallimard (edição por Ulssela). «L'Erotisme», Ed. Minuit. «Le Bleu du Ciel», Pauvert.

1961 — «Les Larmes d'Eros», Pauvert.

1962 — Bataille morre a 8 de Julho. Muitos dos seus textos ficam inéditos. Assinale-se, entre as suas obras póstumas, «Ma mère», Pauvert (1966), «Le Procès de Gilles de Rais», Pauvert (1965).

UM DIÁLOGO TORMENTOSO COM BRETON

Por Gilles Plazy

GEORGES BATAILLE não teve, como o seu amigo Michel Leiris, uma paixão subita pelo surrealismo. Ele declara ter achado ilegível o *Primeiro Manifesto* e atribui o seu gosto inicial por *Poissos soluble* tão somente a simples tolice; quando vai ao *Cyrano* entregar a Breton as *Fatrasies* (poesias do séc XII que havia traduzido e que deveriam aparecer na *Révolution surréaliste*), o encontro entre os dois homens foi um falhanço, não havendo qualquer simpatia mútua: Breton mostrou-se ativo e Bataille muito pouco á vontade. Em 1929, Bataille é daqueles que o *Segundo Manifesto* põe de parte: «Com o sr. Bataille, nada de mais conhecido, assistimos ao regresso ofensivo do velho materialismo antidialectico, que tenta, desta vez, trilhar gratuitamente um caminho através de Freud». O insultado responde, em *Un Cadavre*: «Que a religião rebente com esta velha be-xiga religiosa».

Em 1935, Bataille e Bre-

ton assinam conjuntamente a resolução de *Contre-Ataque, Union de lutte des intellectuels révolutionnaires*. No ano seguinte, nova ruptura: Bataille forma com Leiris, Caillois e Klossowski um grupo independente do surrealismo, na revista *Acéphale* e depois no *Collège de sociologie*. Em 1944, Breton diz de Bataille que ele se conta entre os espíritos «mais lúcidos de hoje» e, em 1946, Bataille reconhece na *Critique*: «Ninguém melhor que André Breton manifesta o cuidado de dar até às mais ínfimas pesquisas um sentido ao destino do homem».

Hoje, que surgem as obras completas de Bataille, mas enquanto os textos de Breton continuam disponíveis no acaso das edições (1), hoje que Bataille, pouco tempo depois de Artaud, está na moda e de vento em popa, e Breton é relegado pela *Tel quel* e a *Nouvelle Critique* para as caves do idealismo e da reacção, enquanto toda a gente fala de surrealismo

a propósito de tudo e de nada, mas que já não se sabe mais onde está o surrealismo, será preciso escolher entre Artaud e Bataille, por um lado, e Breton e o surrealismo por outro? A obra de Breton será menos viva que a dos outros dois? Não será o surrealismo mais que uma palavra sem sentido, uma vaga referência a um movimento literário sepultado na história? Esperemos que no dia em que sejam publicadas as suas obras completas, Breton saia finalmente do purgatório...

Mas como não admitir que as três aventuras psíquicas destes escritores estão ligadas, se não são mesmo semelhantes? Como não se ficar tentado a fazer delas uma só tráfada da subversão literária? Cabe o mérito à revista *Change* o tê-las associadas, pondo em evidência o que delas faz uma comum tentativa para escrever apesar da irrisão da linguagem e da literatura e, assim, para introduzir na ideologia domi-

nante o cantinho duma crítica que tem as suas raízes no próprio fundo deste subconsciente no qual a psicanálise nos prova que a individualidade se apaga.

A AGUIA E A VELHA TOUPEIRA

As razões que assistem ao carácter de ambos poderiam bastar para explicar o desentendimento entre Breton e Bataille. Uma leitura rápida de certos textos pode também levar à conclusão duma incompatibilidade absoluta entre as suas duas aventuras: basta esquecer que as circunstâncias puderam cegá-los e levá-los a endurecer artificialmente as suas posições; basta ignorar que Breton soube, depois da guerra, repensar certos exclusivismos, basta deixar de lado um texto como *Les Problèmes du Surréalisme* (2), onde Bataille de certo modo se situa num para-alm do surrealismo que o próprio Breton pres-



Georges Bataille: um silêncio utópico

sentiu e incessantemente convocou.

A confrontação entre Breton e Bataille, tal como surge nos momentos mais graves da polémica, tem qualquer coisa de pe-

noso. Que baixos insultos entre homens de uma tal convergência... Mas nem um nem outro tinham o gosto do compromisso. De

Cont. na pág. 7

JÁ POR CÁ NÃO SE LIA QUANDO (EM 1752) O LIVRO ESPANHOL VINHA DE MULA PARA LIXBOA

POIS É. Pois é. Que já por cá não se liam mais do que folhetos de cegos sabíamos nós. Mas desde quando é que isso vinha nem o suspeitávamos. Uns diziam há vinte anos. Outros há quarenta. Alguns há cem. Agora, por um acaso, tivemos uma data exacta: desde 1752. Está aí um documento. É só lê-lo. E nem é difícil, porque não passa de um folheto.

Mas, antes disso, contemos o **acaso** da descoberta. Andou o «Diário de Lisboa» a fazer uma reportagem sobre **como aumentou a venda do livro espanhol em Portugal**. Falaram três livreiros. Todos disseram que **sim, mas**. Ora, depois da coisa publicada, o nosso correspondente de Coimbra, José Maria dos Santos (bibliotecário), lembrou-se de já ter visto **uma coisa que**. Foi procurá-la e mandou-nos o folheto que conta tudo em castelhano.

Foi só traduzi-lo, conservando-lhe o sabor, o texto, a sintaxe e a pontuação (sónica) boa para quem faz pausas de conversa na leitura. Aí está o que é.

CONVERSA CHORO

NA grande Corte de Castela, Vila Metropolitana de Espanha, há um Livreiro, que passou os dias a jornalade com as suas mulas carregadas de livros a caminho da Cidade de Lisboa, por encontrar nela, em tempos antigos, muitos ganhos a vendê-los lá. Isto mesmo o fez no ano de 1752, mas com tão pouca sorte, e mau sucesso, que nem um só livro deixou naquela Cidade. Vendo assim o livreiro o pouco gosto, que fazem os Portugueses em livros de utilidade, e de proveito, voltou a Madrid, transformados os seus olhos em duas fontes; chega à Praça da dita Vila, onde um amigo seu repara no desconsolo do livreiro, olha a carga inteira, e lhe pergunta pela causa das suas lágrimas, e lhe responde fielmente o referido livreiro.

LIVR. — Há trinta, e dois anos, Amigo, que vou a Portugal, para fazer melhor a venda dos meus livros, e nunca lá me aconteceu o que desta vez tive experiência, porque nem um só volume me mercaram em Lisboa, que noutro tempo foi uma Índia para mim.

AMIG. — E porquê, homem, não mercaram os seus livros?

LIVR. — Porque a todo o dinheiro, com que haviam de pagar os meus volumes, gastam nuns papelinhos ridículos, que os baixos juízos dos seus Autores intitulam: Testamento de Manoel de Passos; e outro: Testamento que fez Maria Quaresma a Bexiga, & C.

AMIG. — Essa só para rir, homem, todos são testamentos?

LIVR. — Sim, Amigo, porque lá morrem por dinheiro, e é de fome que padecem, até à sua morte; pois disse-me um amigo Português também livreiro, que tem a sua venda lá no pátio do grande Patriarca S. Domingos que esses tais compositores não tinham com que passar a vida, padeciam fome, gemiam de sede (que lá também se paga a água) não tinham com que sustentar os seus gastos mundanos, e assim se valiam destes escritos, que vendem aos Impressores, e que estes pagam aos cegos...

AMIG. — Aos cegos, homem!

LIVR. — Sim, Amigo, porque estes e outros folhetos semelhantes só podem enganar a quem não tem olhos na cara para lê-los... mas como lá dizendo, os cegos então dão-nos a troca de seis moedas para gastar nas tabernas. Todos os compram por curiosida-

de, gastam neles as suas rendas; e com isto se divertem, sem tempo para ler a História, o Direito, e a Filosofia, a Teologia,

CONVERSACION LLORADA. DE UN LIBRERO DE LA VILLA DE MADRID

Hecha a otro Amigo, en el ancho de su Plaza, por el infausto suceso, que tuvo con la venta de sus libros, en la Corte de Lisboa.

Por un curioso, que los observó en ella.

EN MADRID.

En la Ymprenta de la Curiosidad, Viuda, que quedó de Benedito Paxorra.

Con todas licencias, que se hicieron para ello necesarias.

e outras ciências, que eu lhes apresentava em volumes de maior proveito para as suas vidas, e utilidade para as suas almas.

AMIG. — E há quem gaste dinheiro nessas inutilidades?

LIVR. — O homem! Se eu te digo que não se gasta noutra coisa mais que nestas inutilidades!

AMIG. — Os Autores quem são?

LIVR. — Ainda se eu o soubesse, Amigo, podia falar-lhes cara a cara (como por lá se diz) e dizer-lhes que faziam muito bem em dar à estampa os monstrosos, e mais vis, e baixos partos dos seus entendimentos, porque se com eles procuram divertir os Portugueses, também estão a dar limpeza a muitos rabos Castelhanos; mas como é que vão assinar as suas ridículas obras, se só querem dinheiro, e não fazer nome? E mais do que isso, que é coisa

falas escrevem em prosa ou em verso?

LIVR. — Uns em prosa, e outros em verso, mas má prosa, e mau verso pois nestes dois últimos, que lá saíram verso, notei pés de Gigante em corpo de Pigmeu, como verbi gratia: Peço a Manoel Inácio, a seu companheiro Agostinho; Jesus, homem, que se não respire a meio, morra enforcado no verso!

AMIG. — Deus te ajude. Amigo, que até me ias assustando, pois viste sem fôlego com a lonjura disto, como se chama: que verso não é.

LIVR. — E se eu tivesse descanso para anotar-lhe todos os defeitos, faria uma grande recolha deles mas como a minha dor e sentimento de não ter vendido os meus livros me tirou toda a paciência, não pude tomar conta de mais, pois só pela posição que tomam as palavras mostram que os Autores nunca agarraram da pena para escrever, mas antes para fazer borrões.

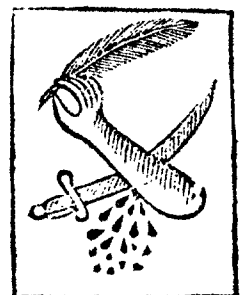
AMIG. — É bom o conceito do verso?

LIVR. — Melhores são os conceitos dos zurtos dos meus machos, porque eles querem dizer na sua que esperam a razão, ou que querem chegar-se à mula, para quem olham; mas estes Autores por mais que falem em seus versos, nada explicam: e se não diz-me o que querem dizer estes: Deixo a fulano jardineiro um cavalo já cendeiro? Se só na nossa Espanha chamamos cendeiro ao cavalo novo, e pequeno, como é que este Português diz, que era um cavalo já cendeiro, supondo, que para ser cendeiro é preciso, que seja velho?

AMIG. — E isso im-prime-se?

LIVR. — Há até quem não só o imprima em folheto, como também na memória.

AMIG. — Bons ora-



ções para a hora da morte! É a metáfora?

LIVR. — O homem, não me ouziste já repetir um verso, que se não me calo ao meio, me tirava a vida atravessado na garganta? Os bons Poetas medem os versos a pés; estes medem-nos a braços, ou fazem-nos coxos, porque estes Poetas tanto pecam por excessum como por defectum; esta é Amigo a fatídica causa dos meus desconsolos, pois vejo que se consome a minha fazenda se se acaba a venda dos meus livros em Lisboa.

AMIG. — Pois, Amigo, não desperdices as tuas lágrimas, que eu vou dar-te remédio para elas: passa os livros, que tens cá na nossa Espanha, enquanto eu escrever esta nossa conversa, que até agora temos feito, depois manda imprimi-la, e como lá em Portugal só interessam estas coisas de velhos, vão-te gastar todos os folhetos, que le- rares, e ganharás mais com eles do que com os teus livros.

LIVR. — Dizes bem, Amigo, e assim sacaremos alguns lucros das patranhas, que os Portugueses escrevem; e como lhe tiramos aqueles reais, de que mantinham a fome, e a miséria, faremos o mesmo, que fazem os que por lá andam com a pena na mão.

Ades Amigo. Vai com Deus.

(autor anónimo, tradução de Tavares da Silva).

A Lupa

ANTOLOGIAS

É TAL a cada que estes repórteres do génio português constituem que não é possível acreditar que seja um critério isento a determinar a sua compilação.

O antologizador preocupa-se principalmente com satisfazer o seu círculo de amigos e compadres literários e também com tornar vendável o livro, sem esquecer a necessidade de confirmar as boas graças do editor. A qualidade dos textos escolhidos é inteiramente secundária.

Os autores de quem a publicidade livreira estabeleceu créditos e prestígio vêm misturados com ilustres anónimos que nada revelam a não ser o ar de família com a mediocridade dos consagrados.

É verdade que uma vez por outra ressalta uma amostra surpreendente. Mas trata-se de um puro acaso.

Evidentemente que me refiro àquelas antologias que pretendem apresentar individualidades das letras contemporâneas, e não aos compêndios mais ou menos escolares onde vêm incluídas as glórias antigas.

Mas frequentemente acontece a antologia colocar em fraterna companhia Camões e um Zé Perdigão qualquer que publicou versos ou prosa de almanaque em tentativa de alcançar imorredor fama entre os habitantes de Coruche ou Serpins.

Recordo-me de um compositor de problemas charadísticos que expendia esta admirável doutrina: «a gente publica aqui umas palavras cruzadas, outras além, até que se torna conhecido. Depois é só continuar.»

Ora, a outra escala, com mais subtilezas habilitadas, tem sido este o processo seguido pelos célebres que as antologias referenciam. Uma coisa aqui, outra ali — e depois é só continuar.

Quanto aos quase anónimos é questão de boa vizinhança na tertúlia ou no parentesco. São encaixados a martelo porque sim e já está. Nem a reputação nem o talento têm que ver com a preferência. A reputação — é sabido que significação aqui tem. Resulta de um jogo

de interesses menores; com respeito ao talento, esse, anda a vadear há muito tempo, talvez pelas ilhas polinésicas.

A antologia é, geralmente, um tubo de comprimidos de tédio. Os consumidores da droga são dotados de uma paciência masoquista ou absorvem-na porque também lá estão. E grande caso disso fazem. Porque não se comovem tão imensamente com a inclusão do nome impresso na lista telefónica? Mistério. A alma humana é um abismo.

Alguns casos existem de boas intenções. As quais todavia não excluem a influência das relações de simpatia pessoal que levam a seleccionar excertos de obras de pessoas consideradas muito inteligentes nas restritas atmosferas em que respiram.

Antologiar consiste em classificar os melhores. Tarefa difícil tanto mais quanto esses melhores apenas servem para tornar manifesta uma pobreza, uma limitação, uma incapacidade generalizadas. Haverá em Portugal artistas suficientemente capazes de transmitir ideias, emoções, para justificar a elaboração de tão espessos volumes como costumam ser as antologias?

Os autores, aqui, lêem-se uns aos outros, discutem-se entre si, e um reduzido público colecciona-os com benevolente indiferença, como quem assiste a um passatempo sem consequências, bom para entreter um cavaleiro tédio ou para decidir em horas solenitas.

A antologia serve para patentear a mansidão inocua dos nossos fazedores de literaturas mornas, inspidas, desajeitadamente imitativas do que se realiza lá fora. Dá um panorama, como se costuma dizer. Facilita o mergulho na melancolia, tão do agrado dos nossos líricos que agora, perdida a virgindade da lua, vão ter sérias dificuldades em olhar para ela sem se verem acometidos por uma vertigem tecnológica que não deixa grande espaço para branduras sentimentais. Todavia, mesmo sem o satélite, resta ainda muita matéria para coisas antologáveis.

MANUEL DE CASTRO

Manuel Amorim de Castro Cubrita

Faleceu o escritor Manuel de Castro, de 38 anos, natural de Lisboa, filho do dr. Henrique de Castro, Casalta e de D. Ana Maria Gomes. Foi neto de D. Amélia V. Castro-Cubrita. O falecido



A (NOVA) CRÍTICA

JOSÉ ALBERTO OSÓRIO Mateus exerce crítica na revista **Colóquio/Letras** e é assistente na Faculdade de Letras de Lisboa

Através das suas respostas ao nosso inquérito se marcam bem as **diferenças** fundamentais entre duas práticas críticas que na generalidade dos depoimentos aqui publicados ambigüamente têm sido designadas por **velha** e **nova**.

Para ele, a crítica é, antes de tudo, «um meio de conhecimento do real, através do conhecimento de uma outra prática **significante** concreta».

Desse «meio de conhecimento» e dessa «prática **significante**» nos falamos pois, em pormenor, as suas respostas.

AS RESPOSTAS

DE JOSÉ ALBERTO OSÓRIO MATEUS

RESPONDER ao vosso Inquérito parece-me ser, antes de mais — e para além do cumprimento de um eventual «dever cívico» — um acto que, a ser jogado, implica a aceitação de um certo número de regras, redutíveis talvez a uma fidelidade ao «espírito» das perguntas propostas, à sua sequência explícita ou implícita. É isso que por aí abaixo se procura fazer, mas previno desde já contra

os riscos de uma redundância não intencionada. Aludo, em especial, à colocação da pergunta 5 que, descontadas as possíveis variações de âmbito, acaba por se confundir com 2, e à particular dificuldade em obedecer ao caminho marcado pela sequência 6, 7 e 8.

Comecemos (o plural é só apelativo):

da leitura, da assimilação, da aceitação de um Barthes, aí vai surgindo. Falaríamos de um Genette, de um Riffaterre *revu* por Delas e não citaríamos exemplos. Diríamos que se vai lendo o *Tel Quel*, a *Poétique*, as *Communications* e que — supremo requinte — a simples menção do nome de Kristeva gera o sorriso da sublime cumplicidade inteligente. Diríamos então que sim, Senhores, que até cá temos a Nova Crítica. Esqueceríamos «bondosamente» algumas estrofações bárbaras de conceitos grosseiros e monoliticamente entendidos («estruturalismo» ou, desde logo, «Nova Crítica»). Esqueceríamos «pudicamente» o grande e lescarado à vontade novo-rico de quem leu algumas bombadas, recensões ou notas de catálogo, mas se «esqueceu» de ler as diferenças radicais que surgem, por exemplo, no meio da «Nouvelle Critique» francesa (que não pode ser considerada — bem longe disso — o único movimento Novo). Esqueceríamos que é erro grave não perceber o difícil (ou impossível) da conciliação de posições de raiz fenomenológica e de posições de vários grupos (sub-grupos) para quem a obra literária surge como um *objeto* particular, que reclama uma análise de tipo objectivo. Esqueceríamos ainda que talvez se não tenham lido outras gentes de outras terras (e de outros tempos, também) que têm tido menos sorte: Jausa, Auerbach, Curtius, Crane... *et j'en*

jar que se fosse por aí adiante, porque essa é (não estou a brincar) *uma das vias* por onde é necessário caminhar. E há cá mesmo gente a querer a coisa muito a sério.

Mas o sorriso já murcha quando se retoma a última oposição e nos perguntamos pela existência de uma Nova Crítica no nosso espaço de criação. Nova Crítica (literária) concebida como movimento implantado e variado, formado na coesão de grupos diversos unidos numa não-incompatibilidade inicial, com os seus órgãos de difusão independentes e regulares, é claro que «não temos de momento», nem talvez pudesse haver. O código linguístico português não permite que se traduzam completamente — e daí

passa, não me interessa escolher os «dez males». Quer-se-la, em suma, que se conhecesse um bocado melhor a história da crítica (da Nova, mas também da Velha) nestes últimos cinquenta anos — e até não era pedir muito.

Haveria, de qualquer maneira, razão para sorrir de «puro encanto» e para dese-



AS PERGUNTAS QUE FIZEMOS

1. — Considera que existe uma Nova Crítica Literária em Portugal?
2. — Quanto a si, o que a distingue dos métodos e processos anteriores?
3. — Crê que se poderá estabelecer (ao menos ao nível simbólico) um ponto de ruptura?
4. — Mais do que um conflito entre gerações, acredita que a polémica verificada entre uma «velha» e uma «nova» crítica, traduz na verdade diferentes modos de encarar o objecto de arte e suas relações com o espaço em que necessariamente se inscreve?
5. — A possibilidade de uma crítica nova está hoje ligada à utilização que ela possa fazer de algumas das disciplinas científicas em que procura apoiar-se. Quanto a si, o que de radicalmente novo lhe trouxeram algumas dessas disciplinas?
6. — O que é criticar? Tem a crítica uma função imediata?
7. — Acredita ser através da crítica que verdadeiramente se completa o processo de produção iniciado pela escrita?
8. — Fale-nos de como pessoalmente encara a prática da crítica e do que através dela procura atingir.

A EM QUESTÃO

advém a sua frequente fe-
tichização — rótulos que
mas são caros (al está...) —
como sejam: «formalismo
eslavo», «new criticism»,
«nouvelle critique». (Não
estão em causa resultados
isoladamente obtidos, nem
o que se disse justifica a
desistência individual).

B) Existirá então uma
crítica nova?

e unificadoras maiúsculas.

Adiantará falar de uma
comum redefinição de «lei-
tura»? De um comum pro-
pósito de «leitura imanen-
te»? De um idêntico intui-
to de aproximação do texto
sem pretensões judicativas
ou valorativas, identidade
de intuito explicável por
uma concepção semelhante
da obra de arte literária?

texto]. As respostas que
tentam a síntese engloban-
te, a braços com a dificul-
dade de atingirem um ní-
vel de abstracção suficien-
temente alto para se sub-
traírem a todas as diferen-
ças, caem muitas vezes na
tautologia ou na definição-
pelo-que-não-é (em carica-
tura: «a crítica nova é a
crítica que é nova»; «a crí-
tica nova é a que não é
velha»). Pode suceder tam-
bém que o crítico de boa
vontade generalize injusti-
ficadamente e indique ape-
nas o ponto de ruptura que
é o seu próprio, o da sua
«escola» esquecendo talvez
que o que se busca (inú-
tilmente? em vão?) é o que
possa servir como marca
comum de ruptura a ten-
dências muito diversas, e
eventualmente contrárias.

Arriscaria a qui um pro-
jecto de resposta que nem
seguir se pretende muito
original: o possível traço
de união adentro do espaço
onde se gera a ruptura resi-
diria num comum intuito,
nem sempre «expressamente
patenteado: adopção de um
programa de visão interdis-
ciplinar que comporte a
possibilidade de flexão
acerca dessa mesma adop-
ção. Face a uma crítica tra-
dicional «impressionista»
— não unitária, não mono-
lítica, nunca é demais re-
cordá-lo — a Nova Crítica
(e, desde logo, o formalis-
mo russo que, desde o iní-
cio, estamos a incluir sob
aquela designação) repensa-

Cont. na pág. 5



Osório Mateus: novo há-de ler-se de fora

E evidente que sim, que
existe e que em muitos ca-
sos não viria mal nenhum
ao mundo se não existisse.
Por aí fora, topamos diá-
riamente com programas,
páginas, secções de livros,
de letras, de literaturas,
com uma profusão de jo-
vens críticos de várias idá-
des que, pondo nos títulos
os nomes das obras dos ou-
tros, lá nos vão falando,
pior ou melhor, dos diver-
sos graus da sua (in)capa-
cidade de ler. O grande
aventureirismo (frequente)
torna mais visíveis os tais
casos isolados — em núme-
ro que se vê crescer — de
gente que lá vai formando
ou reformando os seus mo-
dos de ler e que só precisa-
ria atrás de si de um pú-
blico que até também lesse
(a sequência é conhecida).

2

Esclareceria talvez, antes
de continuar, a função que
vai ter na minha resposta
aquele pronome «a», sexta
palavra da pergunta. O pro-
nome apontará daqui para a
frente — e é dela que, a não
haver mais aviso, falarei —
de uma Nova Crítica, pos-
sível de estar presente num
espaço cultural português,
ausente, com as maiúsculas,
de um português de criação
(cito-me).

É impossível falar em
bloco de um crítica «velha»
ou «tradicional», mas talvez
consigamos chegar a carac-
terizá-la por via negativa:
o que poderá, no entanto,
haver de comum a tendên-
cias, escolas, correntes tão
diferentes entre si como o
podem ser o «new criti-
cism» americano, o forma-
lismo eslavo e o formalis-
mo francês dos nossos dias,
a crítica estilística, a crí-
tica dialéctica, a crítica te-
mática, a crítica existen-
cialista? (e melhor fálha-
mos, aliás, se pluralizáse-
mos cada um destes movi-
mentos, escolhidos para re-
presentarem uma ainda
mais vasta pluralidade). To-
dos eles se apresentam, de
facto, com direitos muito
justos a um agrupamento
à sombra das prestigiantes

Tudo um tanto vago, difuso
e pouco operacional nestes
muito frouxos laços de iden-
tidade. [Incidência sobre o
texto será, por hipótese, um
traço rigorosamente comum,
mas o mesmo não se poderá
dizer do modo de incidên-
cia ou da concepção de

HISTÓRIAS COMPLETAS DE EDGAR POE

Entre 19 de Janeiro de 1809 e 7 de Outubro de 1849 decorre
a curta — mas agitada e rica de cambiantes — vida de Edgar
Allan Poe: soldado, poeta, alcoólico, «surrealista na aventura»,
génio consciente, de tudo se encontra na vida e na obra do
maior escritor americano de todos os tempos.

Todavia, e como consequência de uma divulgação exclusivamente
limitada a dois campos — histórias de mistério e histórias
fantásticas — pode afirmar-se com propriedade que Edgar Poe
ainda é hoje mal conhecido entre nós. Impunha-se assim a
publicação integral das suas histórias, grande parte das quais
se apresentam ao público leitor pela primeira vez. Tendo-se
adoptado o critério cronológico, proporcionase, pois a possibi-
lidade de acompanhar pari passu a evolução do espírito do autor:
umas vezes doentio, outras de uma ironia mordaz mas, predom-
inantemente, de um humor muito próprio e único.

Falecido há mais de um século, Edgar Poe permanece um dos
raros grandes mestres incontestados da literatura universal.

Acaba de sair o primeiro volume
à venda em todas as boas livrarias

Com esta colecção Clássicos Universais, de características gráficas
e culturais de repositório de fundo da actividade humana no campo
das letras, pretende a Editora Arcádia colmatar uma lacuna no pano-
rama editorial português, procedendo à compilação e à publicação,
pela primeira vez de uma forma sistemática, das obras completas ou
da produção completa dentro de certos géneros, dos grandes autores
universais.

Obras já publicadas

OBRAS COMPLETAS DE DOSTOIEVSKI
10 volumes

ROMANCES E CONTOS COMPLETOS DE VOLTAIRE
1 volume

OBRAS COMPLETAS DE TOLSTOI
7 volumes

uma realização da

EDITORA ARCÁDIA

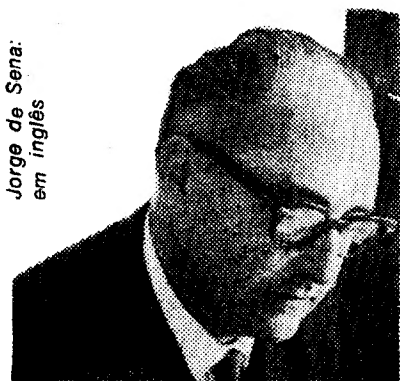
Campo de Santa Clara, 100 — Lisboa, 2

Prontuário das Letras

Notícias de Moçambique: «Caliban»

Com a presteza bastante relativa que têm tais coisas vindas de tais sítios,
chegou-nos de Louraço Marques um exemplar do n.º 1 de «Caliban», caderno
de 32 páginas com coordenação de J. P. Grabato Dias e Rui Knopfli e colabora-
ção dos mesmos e ainda de Eugénio Lisboa, José Craveirinha, Rui Nogar,
Sebastião Alba, Jorge Viegas e Jorge de Sena. Parafraseando este último,
quer dizer que a «pequena lux bruxoante» irrompeu de novo, está afinal
viva (arde, ilumina) e merece toda a nossa atenção a milhares de quilôme-
tros. Claro, gostaríamos de ver «Caliban» à venda por cá, mas quem se lança
a isso? Tudo tão longe haverá realmente leitores interessados, suficientemente
versados na matéria africana, etc., etc., e entretanto, contrapomos, está aqui
Knopfli, estão aqui Craveirinha, e Nogar e Grabato Dias, e Eugénio Lisboa,
alguém deveria atrever-se.

«Caliban» abre com a versão do «Ash-Wednesday» («Quarta-feira de Cin-
zas»), de T. S. Eliot, para português, trabalho perfeito de Rui Knopfli; que
Eugénio Lisboa faz anteceder de uma nota. Seguem-se três poemas de Sena,
dois deles em inglês, e poemas também de Craveirinha, Jorge Viegas, Rui No-
gar, Rui Knopfli, Sebastião Alba e J. P. Grabato Dias.



Jorge de Sena:
em inglês

quagem e poesia em Mário Saas). Fer-
nando Cristóvão apresenta um iné-
dito de Graciliano Ramos, enquanto
Maria Ondina Braga assina páginas
de ficção.

Poetas são vários: Cassiano Ricar-
do, Nemésio, Vítor Matos e Sá, J. G.
Nogueira Moutinho, Pedro Tamen.
Crónicas, notas e (ou) comentários
de Urbano Tavares Rodrigues, Ver-
gílio Ferreira, Luís de Sousa Rebelo,
Félix Cucurull e António Tabucchi.
Muita e também variada crítica lite-
raria.

Evolução da Humanidade

A Editorial Início começou final-
mente a concretizar o seu projecto
de verter para português a prestigio-
sa série francesa «Evolution de l'hu-
manité», que a casa Albin Michel está
a publicar sob o patrocínio do Centre
International de Synthèse. Dois títu-
los desde já:

«O problema da descrença no sé-
culo XVI — a religião de Rabelais»,
de Lucien Febvre, e «Carlos Magno e
o Império Carolíngio», de Louis Hal-
phen.

Se o segundo nos fornece uma vi-
são tão larga como rigorosa de um
período-chave da Idade Média
(Carlos Magno foi chamado o «árbi-
tro do Ocidente», o que diz do seu
poder nos finais do século VIII, come-
ços do século IX), o primeiro apre-
senta-nos em toda a extensão uma
das personagens mais fabulosas da
literatura ocidental, enquadrada por
necessidade metodológica no pano de
fundo humanista de seiscentos — de
onde uma autêntica lição de história
da cultura cujos vivos habitantes,
além do autor de «Pantagruel» e
«Gargântua», são por exemplo Scali-
ger, Calvino, Lutero, Erasmo.

De entre os volumes anunciados
para a mesma série permitimo-nos
destacar «A linguagem», de Vendryes,
«O Romanismo na literatura euro-
peia», de Van Tieghem, e «O Cristo»,
de Charles Guignebert.



Rabelais, visto por Lagneau

Leitores de Jorge de Sena gostarão
de pesar a sua produção em inglês.
Eis um exemplo intitulado «The
File»:

«A first time, when seven, / he
broke the lamp at the church-door. //
Ten years later, driving a car, / he
did not stop at a street-crossing /
where there was a stop-sign. // Two
years after that, in a fight at a bar,
/ he broke a bottle of beer / on his
pal's head. // When he refused to
fight in Viet Nam, / his file showed
how since early childhood / always
he had been guilty / of bad feelings
against his country.»

(Má tradução possível: «A ficha»:

«Uma primeira vez, aos sete anos, /
quebrou a lâmpada da porta da igre-
ja. // Dez anos depois, ao volante de
um carro, / não parou num cruza-
mento / onde havia um sinal de
stop. // Dois anos mais tarde, numa
rixa num bar, / partiu uma garrafa
de cerveja / na cabeça do melhor
amigo. // Quando se recusou a lutar
no Vietnã, / viu-se pela sua ficha
como desde a extrema infância / sem-
pre ele fora culpado / de maus sen-
timentos contra o país natal.»

«Outubro»

Casimiro de Brito e Gastão Cruz,
dois nomes do grupo «Poesia 61», vão
fazer sair «Outubro», colecção de tex-
tos de poesia que no seu primeiro
número apresentará inéditos de Car-
los de Oliveira, Eugénio de Andrade,
Fátima Hasse Pais Brandão, Nuno Gui-
marães e Ruy Belo.

«Outubro», com publicação não pe-
riódica, tentará suprir a ausência de
publicações em que é possível dar a
ler poesia entre nós. O critério de
selecção será rigoroso — anunciam os
coordenadores.

Capa e orientação gráfica de Ma-
nuel Baptista valorizarão o n.º 1.

«Colóquio» em Setembro

Recebemos o sumário do n.º 3 de
«Colóquio-Letras», referente a Setem-
bro.

A secção de ensaio tem textos de
Haroldo de Campos (Poé visto do
Brasil), Maria Filomena Vargas (so-
bre Claudel), Wilson Martins, Mário
Martins e Fernando Guimarães («Lin-

A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO

Cont. da pág. central

ria a obra literária, buscando a(s) margem (s) para a intromissão de conhecimentos e metodologias, oriundos de outros ramos do saber. A concepção da obra de arte literária como obra de arte verbal (trabalho efectuado com / sobre a palavra) daria o primeiro lugar ao emprego de uma então jovem linguística que não conseguimos muito exactamente adjectivar. O existencialismo, o materialismo histórico, a psicanálise surgiram também com a sua força de discursos novos, possibilitando uma real abertura metodológica. Esta possibilidade científica — pela via do empirismo — marcaria assim a ruptura com o anterior estado de coisas.

Mas, como traço distintivo entre Nova Crítica e «métodos e processos anteriores», haveria ainda uma outra possibilidade — a da presença (vs. ausência, é óbvio) de uma reflexão epistemológica, variável de acordo com as diversas etapas da evolução do pensamento científico (que acompanha e em que se integra) e identificável, em certo momento, com a própria autonomia dessa palavra crítica.

Não prosseguo sem por alto apontar para o estatuto bizarro deste novo discurso crítico: por oposição aos seus parceiros de pós-ruptura, é nele mais difícil a reorganização que funciona como construção *ab ovo*. Antes e depois nos deparamos com a palavra a falar da palavra. A linguagem é

sempre, no *velho* como no *novo*, o objecto a ser estudado e o utensílio com que o estudo pode ser feito. Daqui advém uma mais acentuada ilusão de continuidade e, de facto, uma mais difícil afirmação do *novo*. Forçados estamos (é evidente, mas talvez não seja inútil aqui um tanto enfiarmos) a aceitar um diferente modo de ruptura ou invenção.

Simultaneamente, o apoio buscado nas ciências afins facilmente podia descambar no eclectismo proveniente de um desvairado empréstimo aos prestigiados discursos vizinhos (seis onças de linguística, existencialismo q. b. é uma receita possível). Terreno aberto para as mais diversas reoperações, efectíveis por esses mesmos discursos afins, o discurso crítico literário vai levar tempo a poder afirmar uma autonomia irrecusável.

[Estou também a lembrar-me de que o Dourovsky em determinada altura diz que há aqui implicados problemas de metodologia e problemas de deontologia. Não separaria as coisas assim (o problema de uma metodologia é já um problema deontológico) mas a alusão talvez não seja inoportuna].

3

Ao longo da resposta 2 tentei isso mesmo: achar um ponto onde se faça a ruptura entre o «velho» e o «novo»; ao mesmo se há-de voltar em 5. Posso então aproveitar a deixa, interpretar a pergunta em ter-

mos de cronologia e buscar datas? Seria o processo de falar de dois ou três acontecimentos que muito prez...

Estabelecer esse ponto de ruptura, entendido como traço no tempo — e transporte já para esta interpretação as possíveis ressalvas na pergunta apontadas — parece-me correr o risco de corresponder a uma artificial, arbitrária e errónea linearização do progresso científico — no campo particular da crítica literária, e não só. De qualquer modo arriscaria e, em vez de marcar um só ponto, marcava logo três. Não sei eu a pedir desculpa por nenhum deles estar no meridiano de Lisboa.

I — 1914-1916 — Constituição do *Círculo Linguístico de Moscovo* e do *Opojas*. Parece-me tratar-se do primeiro reflexo no campo da literatura, ou da teorização que em torno dela se opera, da grande ruptura epistemológica do Ocidente. A tentativa dos formalistas russos de caracterização formal da linguagem poética assume, no conjunto de pontos que aqui desenho, o valor (simbólico) de primeira marca antitética.

II — O espaço cultural que é nosso, aqui mais a Quêntida, limita-se internamente pela posse de um grande código linguístico — o francês. Ora, em 1905, um europeu oriental selecciona e traduz (para esse mesmo código linguístico francês) textos dos formalistas russos, procurando simultaneamente medir o alcance da respectiva herança metodológica. Trata-se, é claro, da

publicação por Tzvetan Todorov do volume *Théorie de la Littérature*. Este acto de incorporação, ao mesmo tempo que divulgava teorias e métodos que, quarenta, cinquenta anos depois, conservavam o poder de impacto da coisa que, por uma vez, é *nova* — poder, esse, aliás, já aqui e além através de outros códigos entretanto — permitia também (e essa é outra razão por que aqui se aponta 1905 como um segundo ponto de ruptura) reconhecer os componentes do *Círculo Linguístico de Moscovo*, do *Opojas* como outros «ilustres predecessores». Só reconhecemos como predecessor aquele que conhecemos afirma uma afinidade que nos não perturba. E reconhecer um predecessor não cria uma dependência anelante; permite, pelo contrário, uma força renovada, na medida em que se limita a exprimir e aproveitar o júbilo possível de um certo encontro. Os nexos que um tanto espantadamente se ligam com o teorizar eslavo, estrangeiro no espaço, estrangeiro no tempo, assumem o valor de uma carta de alforria, que só expressamente não é buscada.

III — (ponto-sem-data) — O momento em que se proclama a especificidade do trabalho na língua, em que se recusa aos outros discursos, sejam eles sociológicos, psicológicos ou mesmo estéticos, que tomem conta de um objecto que se não ouça para já designar, mas cuja «especificidade» é determinante, o momento em que se pode, com calculada timidez, falar de uma ciência do texto será talvez o momento primeiro de uma longamente buscada síntese (de embarque livre).

4

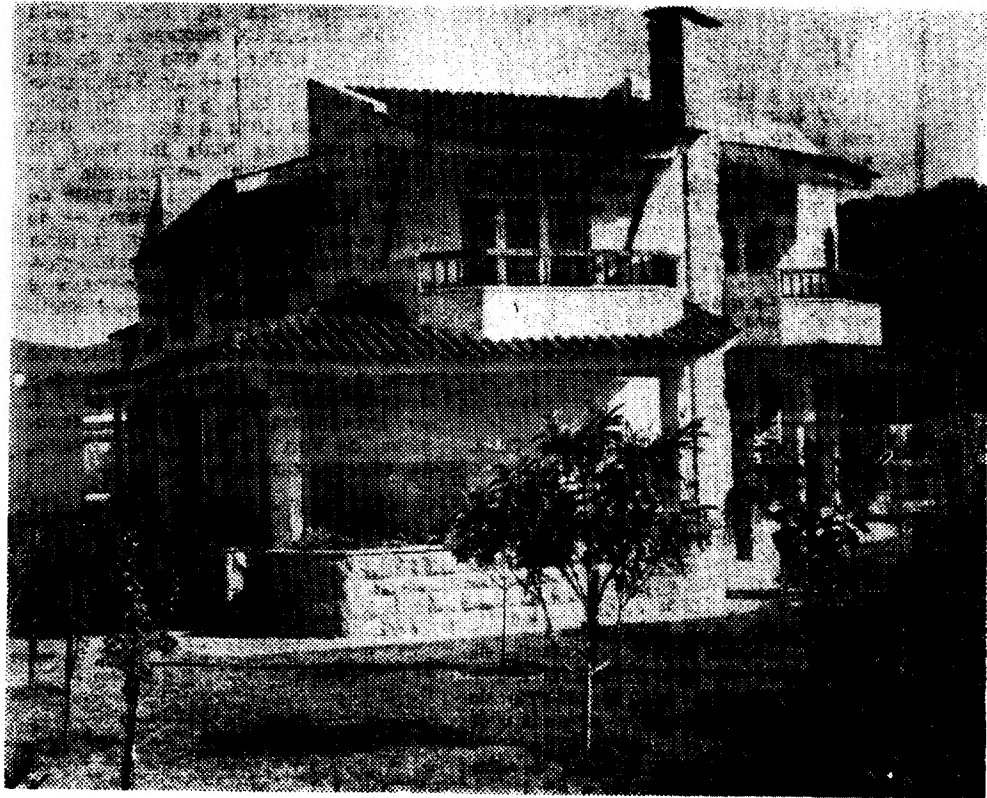
Pura e simplesmente não posso conceber isso de «conflito de gerações» como choque entre diferentes níveis etários. São de tal modo simples as causas da recusa que muitas vezes ela se torna um lugar-comum algo inquietante, sobretudo quando desliza para os campos semânticos dos «espíritos jovens» e afins.

Que um conflito existe, é facto: basta ler o «Paris-Match». Há que distinguir, no entanto, entre buscada aparência de conflito e conflito mesmo. Conflito entre duas partes implica polémica, discussão, troca de ideias e é preciso que em ambas as partes elas existam, parece-me evidente. Por outro lado, há que ter em conta que um sector crítico que para si reclame o adjectivo «novo» terá a inevitável tendência para «ir contra», para escrever aulinhadas diferenças, para cantar, em suma, a sua recente novidade. Não procuro enquadrar-me num paradoxo fácil e, sobretudo, não gostaria que daqui resultassem muitos equívocos, mas talvez seja preferível acreditar na realidade de um conflito anunciado por um sector, para quem o pressentir do choque assume a forma do receio desse rótulo — «velho». (Não é necessariamente novo o que como tal se reclama; novo há-de talvez de fora). E poderia até falar da ternura que se sente quando alguém se confessa «velho», não abraça muito e lá se vai mantendo coerentíssimo e sem aventureirismos mais ou menos arriscados. É inútil, mas simpático.

Poder-se-á então (e por aí se começa a voltar à resposta) não rotular termos em oposição e falar, sim — o que vem a dar no mesmo mas com uma segurança maior — no espaço da diferença. É aqui que esta fala, para além de outras coisas, até vai começar a ser redundante. O certo é que não posso deixar de aludir a uma intenção de cientifismo, a uma apoiada busca da «especificidade», a uma atenção nova ao trabalho verbal, a um criar de margens para uma progressiva formalização... Tudo isto oposto à sua ausência. A uma posição que face a um texto que é intencional (e ainda bem), que se (procura) fazer(a) acompanhar de uma prévia e coeva reflexão metodológica, opor-se-ia uma actividade que até pode ser esforçada, que até pode falar de um estimável amor pela letra impressa, que até pode operar descobertas de embrionários génios, mas que vem sobretudo contar a «desprevenida» reacção de um particularmente «habituado» leitor.

Voltando à generalidade do caso português, eu queria dizer ainda uma coisa muito breve sobre a hipotética maneira de aqui se afirmar uma hipotética Nova Crítica. Na mãe-frança, a polémica Barthes-Picard evidencia o grande choque entre uma «Crítica Nova» e uma «Crítica Universitária», considerada em bloco como algo de anacrónico, inútil, desajustado a um momento histórico particular. O adjectivo «universalitário», mais do que indicar um lugar de origem — Barthes também é «Universitário», note-se — limita um determinado modo de agir, caracterizável, talvez, pelo seu historicismo (tacanho) de cunho positivista. Ora, não nos podemos esquecer que o pé das coisas é aqui muito diferente. No espaço cultural português (relembro-me) há um trabalho enorme (ingrato e prévio) que tem de ser feito e há-de mobilizar tudo o que por aí anda com capacidades e vontades (boas). Essa tarefa (a D. Carolina precisa de muitos mais filhos) está atrasada e gira em torno de problemas a não depreciar, como sejam, fixações de textos, levantamento de edições críticas e até determinação de fontes, de datas, de autoras. Problemas de ordem histórico-literária cujo deslindar terá de ser anterior a tudo o resto — que é talvez muito mais apetecível. A conversa que R. Barthes e R. Picard travam, tão pouco amávelmente, sobre a obra de Jean Racine só pode acontecer se também se puder manusear a obra do dito. Ora nós não sabemos ao certo o que é (=qual é) o texto de Camões, conhecemos a produção poética do século XVII através de pouco mais de duas antologias, do teatro do século XVIII... não prosseguo. Esquecer a prioridade de tarefas deste tipo era mesmo bastante grave e talvez valha a pena descrever muito sucintamente as duas fases de um vício generalizado: I — considerar, sem mais, esse tipo de investigação como «crítica literária»; II — lançar por cima o véu de uma despectiva condescendência. [Justifico-me: o trivial anda tão esquecido «que nunca perde em ser reconhecido». Mas não se esqueça também — a gravidade seria idêntica — que, uma vez arrumados esses problemas, uma vez apurado o texto, haverá então que o descrever como criatura verbal, que procurar remeter (e acertadamente, de preferência)

MORADIAS DE LUXO



PAMPILHEIRA-CASCAIS

Jardim e Pinhal.
C/17 divisões, Garagem,
Transversal da Avenida
do Ultramar — R. Cesário Verde, Lotes A e B

NA TORRE
junto à MARINHA

CONSTRUÇÕES «LAPINHA»

R. Iracy Doyle, 4-1. -Esq. — CASCAIS

Tels. 283152 e 284026



para o tipo de discurso a que pertence, para os sistemas de que é elemento constitutivo. Então demonstramos? Fim de parêntesis. Servirá então como tentativa última de abordar a resposta: a) dizer que sim, que são obviamente diferentes os modos de enoçar o objecto e o seu espaço; b) escrever que a oposição se estabelece entre o rigor (seja qual for o sector em que se exerça) e um não rigor, entre o «prevenido» e o «desprevenido», entre o necessário e o inútil?

5

Continuamos em torno do mesmo e começo por remeter para tudo o que ficou atrás e, em especial, para o tentado na resposta 2.

Numa primeira visão, necessariamente sincrética, diria que o «radicalmente novo» trazido à Nova Crítica por essas disciplinas científicas terá sido exactamente a sua possibilidade de nascimento (e crescimento). Tentemos ver as coisas um pouco mais demoradamente.

A crítica literária é o escrever de uma linguagem em torno de outra linguagem e todo e qualquer progresso a registar pela ciência da linguagem em geral vai de certeza, reflectir-se na ciência que abrange, acompanha ou se apoia nessa tal crítica literária. Assim se tem vindo a ver nos últimos pares de anos. Valéry, citado por quem de direito, afirmava que «la littérature est, et ne peut pas être autre chose qu'une sorte d'extension et d'application de certaines propriétés du langage». Quanto mais correcto for o conhecimento dessas propriedades da linguagem, mais correcto será também o conhecimento da literatura, maior será o progresso registado na ciência que dela se ocupa. A relação com a linguística daria pano para muito mais mangas do que as que agora aqui posso e quero costurar.

A ciência da literatura acompanha necessariamente a evolução científica contemporânea, o seu progresso é acompanhando pelo progresso de todas as outras ciências humanas que vão jogando alternada ou simultaneamente como auxiliares e auxiliadas. Podia falar-se do que tem sido o papel desempenhado pela psicanálise, pela sociologia, pela antropologia. Juntamente com a ciência-piloto que é a linguística, elas permitiram a evolução da ciência da literatura que — necessário esquematismo, só desculpável por já atrás se ter tentado abordar o assunto — começa por incorporar no seu discurso dados provenientes desses outros saberes, para progressivamente ir conquistando a sua própria autonomia, baseada na especificidade do seu objecto, na invenção da sua metodologia. Os demais saberes vão-lhe sendo espelho / fábrica de instrumentos com que ensaia / conquista a sua independência.

6

Está dito e redito que criticar é ler, é tentar ler

com mais atenção um texto de que se procura conhecer a estrutura e o modo como se integra no conjunto de que faz parte — a totalidade dos textos.

A duplicidade do complemento directo ligado a este verbo «conhecer» permite que se traga para aqui uma distinção que é útil e opõe um sentido lato e um sentido restrito do termo crítica, sentidos esses que até agora não interessou separar. Imagine-se, no acto da leitura, colocado face a um texto concreto, o leitor que — sabe-lhe, o leitor cuja visão foi devidamente «armada». (Iludindo um problema real mas que não vem para aqui, digamos, avançando, que se trata de um texto literário). Perante ele, o nosso leitor-exemplo pode adoptar uma de duas atitudes críticas (lato sensu), visando ambas um, afinal duplo, conhecimento:

a) tentar analisá-lo rigorosamente, procurando conhecer quais os elementos constitutivos, as suas inter-relações, o perfil que o seu conjunto desenha. A esta atitude, cujo fim seria o estabelecimento «definitivo» de uma gramática do texto, chamar-se-ia crítica e o termo está aqui tomado no sentido estrito lá acima anunciado;

b) com uma passagem — que parece obrigatória — por essa primeira fase, pode o nosso leitor ideal procurar ir mais à frente e tentar uma integração daquele texto concreto num conjunto mais vasto que seria (designação cómoda, operacional, mas a reverter) a «literatura». Seguir-se-ia assim um troço do caminho que vai do particular para o geral e estava-se às portas da elaboração de uma teoria, da constituição de uma ciência.

Até aqui, insisto, usei o termo crítica numa acepção vasta que poderia compreender as duas fases acima distinguidas.

Paragem para ilustrar: o ensaio de Goldmann sobre os romances de André Malraux («Introduction à une étude structurale des romans de Malraux») é obra de crítica; o ensaio — do mesmo senhor e do mesmo livro (Pour une sociologie du roman) — «La méthode structuraliste génétique en histoire de la littérature» é trabalho de ordem muito mais geral, em que se ultrapassa o nível da análise estrutural interna e se busca a constituição de uma teoria.

Tem então a crítica uma função imediata?

Limitando-nos à primeira fase atrás referida (crítica, stricto sensu) poderíamos dizer que sim, mas sem deixarmos de atentar na polissemia do adjectivo. É que, de facto, poderíamos ser levados a falar de uma «immediatez» que proviesse das circunstâncias de feitura (a «crítica» de jornal a ter que aparecer pronta na data xis), do objectivo (e lidar-se-ia com uma «crítica» judicativa, sucinta, arriscada, redutível a um Leia / Não leia ou, num outro esquema, a Compre / Não compre). Neste sentido, no entanto, não falaríamos de uma crítica de função imediata até, e sobretudo, porque, num intuito de rigor (minúsculas versus maiúsculas da resposta 1) seria preferível usar, sem conotações pejorativas, termos como nota, notícia, informação, recensão ou quejandos. Correcto seria falarmos da função imediata de uma crítica que vai ser complementada (e condicionada, mas esse é outro problema) por uma actividade teórica

que exigiu a análise de obras concretas.

Entender-nos-íamos e não jogaríamos com palavras se falássemos de um imediato que se mediatiza?

7

O amor é aquilo que se passa entre duas pessoas que se amam; o fenómeno literário é aquilo que se passa — Riffaterre dixit — entre um leitor e um texto, é a relação vária que entre ambos se estabelece.

A crítica vai ser uma leitura mais atenta, a permitir a complexificação (posso dizer «o enriquecimento») daquele fenómeno. O processo de produção iniciou-se muito antes da escrita material do texto e não se há-de completar, de modo

algun no acto de crítica. A prática crítica de David Mourão Ferreira, e também a prática poética de Gastão Cruz, ambas em torno da lírica de Sá de Miranda, enriquecem, mas não «completam» — nem sequer o pretendem — o processo de produção mostrado pela escrita das *Obras do Celebrado Lusitano*. O que importa é a possibilidade renovada das críticas — plural (=leitura, escritas) — a cingirem com um rigor progressivamente maior o objecto a ser conhecido, lendo-o cada vez «melhor», em função das possibilidades do momento (históricas). Cada crítica, cada nova escrita proporcionará (será) uma leitura mais próxima. Difícil se torna assim aceitar, sem mais, que é através da crítica

tica que verdadeiramente se completa o processo de produção iniciado pela escrita.

Talvez que agora aqui houvesse tempo para fazer de como é possível sonhar — num momento em que a crítica desafia (e derrota?) a história — com um outro modo de «desafio». Praluzível em termos de aliança. Pensar-se-ia então como é que se há-de escrever uma história da(s) leitura(s), que não vai andar «onde» — mas de qualquer forma com ela não se identifica — da história social e intelectual da leitura (singular) de que fala o Genette.

8

Tentativa de ver claro e de acabar:

Encaro a prática da crítica, antes de tudo, como um meio de conhecimento do real, através do conhecimento de uma outra prática significativa concreta: como um trabalho apenas cronologicamente «secundário» em relação a um primeiro texto (e insisto numa comodidade que já atrás denunciarei) chamaria de «literário»; como um esforço de contenção nas fronteiras de um texto-mensagem que se constrói sobre um texto-espectáculo; como («la boucle se ferme») a coragem de uma redução arbitrária nesse texto primeiro, destinada / justificada pelo propósito do seu (do meu) mais exacto conhecimento. Chega?

J. A. OSÓRIO MATEUS

Georges Bataille

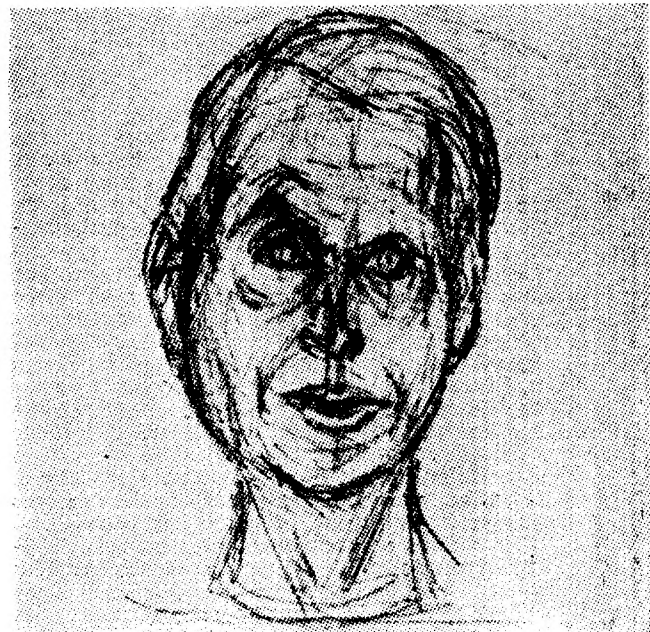
Cont. da pág. 3

facto, é ao nível das metáforas que eles mais violentamente se opõem. Breton acusa Bataille de se delectar na escatologia; Bataille acusa Breton de ser um prisioneiro do mito de Ícaro (esforço para abandonar a Terra em proveito da «abóbada celeste») e às imagens da água opõe a da «velha toupeira» que deve a Marx os seus títulos de nobreza.

Mas o tratamento da obscenidade feito por Bataille em *Le Bleu du Ciel* ou *Madame Edwarda*, por exemplo, mostra bem que sentido ele tinha daquilo que, doravante, só pode aparecer como a chave essencial do surrealismo: o signo ascendente. E Bataille bem pôde declarar o seu «ódio à poesia» (como Caillois às «imposturas» poéticas), a poesia (no sentido surrealista que lhe deu

Breton num tríptico onde a rodeiam o amor e a revolução) que não deixa de irromper na sua obra. Ele desejava-se filósofo, mas o seu pensamento maneja melhor as imagens que os conceitos e, como em Breton, a sua maior qualidade foi talvez a de não saber pensar friamente, de ser incapaz de escrever sem se pôr em jogo, sem pôr em movimento o turbilhão em que a vida e a morte se evitam e se encontram incessantemente.

E se ambos não tomaram o mesmo caminho, era o mesmo fim que perseguiram: um silêncio utópico. Carregaram o acto de escrever de poderes extremos, desprezaram a literatura. Tinham aquilo a que Francis Ponge chama «a raiva da expressão», mas Breton não deixou nunca a obsessão do silêncio (Vaché, Duchamp) e Bataille escreveu: «O auge do despertar é sono, para



Bataille visto por Alberto Giacometti (1947)

além disso silêncio definitivo».

GILLES PLAZY

(1) — As obras de Breton estão fadadas a uma glória que nem por ser tardia será menos nítida: surgirão na

colecção «La Pleiade» das edições Gallimard. (2) — «Change» n.º 7 «Le groupe la rupture», Ed. Seuil.

Exclusivo «Le Monde» — D. L.

O Homem que metia medo

Cont. da pág. 1

jantar uma noite ao restaurante caro, as violências dos «duros» da rua, o apontamento da frustração através dos olhos do pobre herói que são sistematicamente espezinhados, o assalto proverbial ao banco, o director de filmes megalómanos.

Um locutor de actualidades de voz roufenha comanda a narrativa e a gra-

vidade das palavras combinada com o rosto imberbe do herói fazem maravilhas. Allen recusa-se a admitir os falhanços dos seus assaltos e, com fé no espírito de livre concorrência, nunca desiste. Resultado: 800 anos de cadeia e o rótulo de superinimigo público e ameaça séria às instituições americanas.

Assistimos a tanto filme cozinhado, martelado, pré-embalado em que se sente

a opinião do director artístico, do operador, do argumentista, do produtor e o resultado não pode deixar de ser uma coisa sem cor e sem vida. Por isso mesmo, *O Inimigo Público* mostra os riscos mas também o fascínio dum homem que se aventura sozinho (ou pelo menos, assume a responsabilidade final) a fazer cinema.

A obra, apesar dalgumas lentidões (uns minutos a menos e a hilariante cena do assalto ao banco em que os caixas e os outros funcionários não sabem ler a ameaça escrita no papel

seria uma obra-prima) e de alguns apontamentos mais banais, aparece revestida dum tal cunho de escrita autêntica, de visão na primeira pessoa que nos sentimos dominados.

O cinema não é hoje tão rico em actores-realizadores cómicos que possamos ignorar esta aurora dum novo comediante e credor de formidáveis recursos.

Até porque, como escreveu Joseph Morgenstern, Wood Allen que só agora começou e tanto promete — tem o tempo a seu favor.

JOSÉ VAZ PEREIRA

LOTES DE TERRENO NO ALTO DA PAREDE, BAIRRO JANITA URBANIZAÇÃO: LAPINHA

DEVIDAMENTE APROVADOS, PELA C. M. DE CASCAIS. RUAS ASFALTADAS, ÁGUA, LUZ E ESGOTOS.

PROJECTOS TAMBÉM JÁ APROVADOS (SÓ RESTAM PARA VENDA 8 LOTES)

TRATA O PRÓPRIO NO LOCAL E NO ESCRITÓRIO:

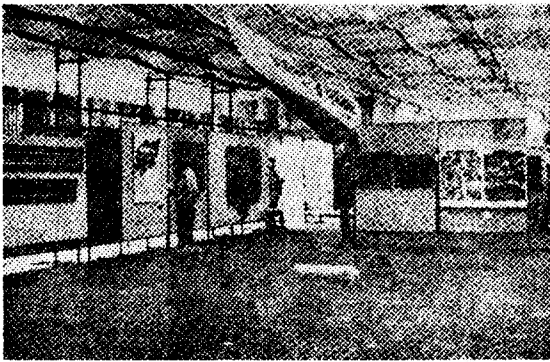
R. IRACY DOYLE, 4 - 1.º - ESQ. — CASCAIS — Telef. 28 31 52 - 28 40 26

Artes Visuais

V SALÃO DE ARTE MODERNA EM LUANDA

A CAMARA MUNICIPAL DE LUANDA, por intermédio da sua Comissão Municipal de Turismo, realizou pela quinta vez o Salão de Arte Moderna, integrado num conjunto de actividades que constituem as tradicionais Festas da cidade. A entidade promotora desta exposição anual, contando em Lisboa com a colaboração da Sociedade Nacional de Belas-Artes, procurando ignorar as pressões características do nosso meio em tais circunstâncias e deixando-se aconselhar por pessoas qualificadas, tem desenvolvido um claro esforço para actualizar o Regulamento do concurso e para melhorar as condições técnicas de apresentação do certame. Tal esforço parece estar na base de grande parte do êxito alcançado este ano pelo Salão de Arte Moderna, embora se deva sobretudo à Sociedade Nacional de Belas-Artes o bom nível (de qualidade e quantidade) desta vez atingido pela representação enviada da Metrópole. Abandonando as salas habitualmente cedidas pelo Palácio do Comércio, a Comissão Municipal de Turismo ouviu em boa hora as críticas feitas às anteriores montagens e procurou construir um espaço próprio para a exposição, promovendo dessa forma uma integração mais viva do Salão na cidade. Luanda foi assim provocada e mobilizada de uma forma mais incisiva e adequada, o que permitiu um verdadeiro contacto entre o público e as obras expostas, convívio aliás necessário ao principal papel que se pretende atribuir à iniciativa, o de realizar a divulgação das tendências da produção artística portuguesa nos últimos anos e desencadear um fenómeno cultural cuja assiduidade possa integrar também um trabalho de feição didáctica.

Com o V Salão, e perante os factos registados este ano (espaço mais funcional, melhores representações, maior número de visitan-



Aspecto do V Salão de Arte Moderna de Luanda

tes, promoção de conferências sobre arte moderna), a Câmara Municipal de Luanda contraiu novas responsabilidades que não pode de futuro alienar. A seriedade e a isenção cultural imprimidas, com apreciável exigência, à iniciativa têm garantido o concurso de artistas qualificados e têm permitido o aumento da representatividade do Salão. As resistências que a ele se referem desenham apenas o gráfico das insuficiências do meio e acabam por justificar a própria exposição na sua oportunidade e na sua utilidade cultural. O Salão não tem que estar em causa pela procedência dos objectos, pela natureza experimental de muitas das obras apresentadas ou pelo efeito provocatório das afirmações plásticas mais recentes: tais relações apóiam e justificam a discussão em torno dos objectos, ajudam a clarificar a leitura ou as leituras que deles se podem fazer, destinam-se a fomentar o gosto por novas formas e por novos modos de expressão, incrementando a noção e a necessidade do discurso que toda a obra de arte propõe.

Os prémios do Salão de Arte Moderna de Luanda, nos dois últimos anos e em função das alterações entretanto efectuadas no texto do Regulamento, envolveram a aquisição de obras para um futuro Museu Municipal, iniciativa que justifica amplamente o capital empenhado e que se reveste do maior interesse cultural. Este ano foram propostas para aquisição obras de David Evans, Fátima Vaz, Fernando Calhau, João Hogan, Menez e Lourdes de Castro, além de Bartolomeu Cid e Jorge Martins, sublinhados particularmente pelo júri.

A manter-se em regime de concurso, o que terá de ser revisto mais tarde ou mais cedo, parece-nos que o Salão de Arte Moderna de Luanda, com a contribuição da Sociedade Nacional de Belas-Artes, e atendendo sobretudo aos objectivos que procura cobrir em Angola, deverá ser feito nas suas estruturas afim de

noticiário

poder contar com representações programadas, pequenas exposições prospectivas em torno de grupos de autores e de tendências que tenham vindo a ganhar maior relevância no panorama actual da arte portuguesa.

ARTE PORTUGUESA (EXPOSIÇÃO MOBIL) NO HUDSON RIVER MUSEUM

A MOBIL levou a Nova Iorque parte da exposição que realizou em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas-Artes. O júri seleccionou vinte



Exp. Mobil no Hudson River Museum

artistas portugueses, remetendo-se exclusivamente à pintura por razões de unidade e por condicionamentos de transporte, decidindo embora, de acordo com as características da exposição obtida em Lisboa e o seu teor estético, cobrir um amplo conjunto de obras. A exposição assim contrainda e redifinida foi apresentada no «Hudson River Museum», bloco arquitectónico moderno integrado junto de um palacete cuja construção data de 1876. O museu, situado na margem do rio Hudson, teve inicialmente como objectivo absorver peças de arte e de artesanato que documentam o desenvolvimento daquela região. Apetrechado com um planetário, foi depois largamente ampliado para responder a exigências crescentes no domínio das Artes e das Ciências. Passou a incluir uma biblioteca, um novo planetário tecnologicamente mais avançado e as próprias galerias de exposição foram alargadas para conter uma colecção de arte mais volumosa. O conjunto arquitectónico final, harmonizando-se com a traça do antigo palacete, garante uma pluralização de soluções técnicas quanto ao funcionamento das instalações, facilitando a utilização do museu como espaço cultural e centro de convívio dos membros da comunidade da zona de Yonkers.

A exposição de pintura moderna portuguesa foi apresentada na sala modernizada do «Hudson River Museum», no amplo Salão Principal, beneficiando efectivamente de uma montagem clara e em óptimas condições de leitura.

REPRESENTAÇÃO PORTUGUESA NA BIENAL DE S. PAULO

UM ACORDO PROVISÓRIO (a redefinir em futuras realizações do mesmo tipo) estabelecido entre a Fundação Calouste Gulbenkian, a Secretaria de Estado da Informação e Turismo e a Sociedade Nacional de Belas Artes



Almada (auto-retrato) em S. Paulo

permitiu que estes três organismos assinassem a responsabilidade da representação portuguesa à Bienal de S. Paulo de 1971. Foi eleito para Comissário à Bienal, por unanimidade, o pintor Fernando de Azevedo. O grupo de trabalho que colaborou com aquele Comissário acordou em exigir de futuro um período de pelo menos um ano para contactos com artistas portugueses seleccionados, a fim de se poder constituir representações condignas, bem documentadas e cobrindo correctamente a realidade artística do país. Procurando evitar um confronto competitivo hoje repudiado por grande número de artistas, evitando assim a orientação errada que a maior parte das bienais têm tomado e assumido, pelo contrário, um papel de divulgação cultural menos espectacular e mais digno, o grupo acima referido, que representava os organismos já assinalados, decidiu apresentar em S. Paulo um vasto repositório de documentação sobre as origens do modernismo em Portugal, concentrando-se na obra de Almada Negreiros e alguns dos seus contemporâneos.

FESTIVAL DE VIENA DE 1971

O FESTIVAL DE VIENA (22 de Maio a 20 de Junho de 1971) caracterizou-se por uma série de manifestações, com espectáculos de dança, teatro, audições e música e exposições de arte. No domínio das artes plásticas foram apresentadas as seguintes exposições: «Desenhos eu-



«A tragédia do homem», de Kokoschka

ropeus da época de Durer». «Obra de gravura de Albert Durer». «Oskar Kokoschka» (na Galeria Belvédere). «Viena no século XX» e «75 anos de Secessão».

O Prémio do Fundo para o desenvolvimento da arte, das ciências e da literatura foi atribuído a Oskar Kokoschka, aos 85 anos, em homenagem à sua obra e como reconhecimento pelos seus méritos. Este prémio foi outorgado pela primeira vez e Kokoschka, ao exprimir os seus agradecimentos pela distinção, ofereceu o montante que lhe tinha sido atribuído à cidade de Salzbourg para fins sociais.

A exposição consagrada à Secessão vienense incluiu obras desde Gustav Klimt e Egon Schiele até aos contemporâneos, como Alfred Hrdlicka. Das 700 peças expostas, uma centena era consagrada ao «Wiener Werkstatte» (atelier viense), com tapetes e tapeçarias de J. Hoffmann e Kolo Moser. O grupo artístico da Secessão constituiu-se em 1897 e, apoiando-se nos movimentos similares verificados em França (Arte Nova), em Inglaterra (Modern Style) e na Alemanha (Jugendstil), propunha-se realizar a obra de arte total, em que todas as artes participassem, desempenhando um papel de arte total, em que todas as artes participassem, desempenhando um papel fundamental na vida humana e permitindo o nascimento de um novo estilo de vida.